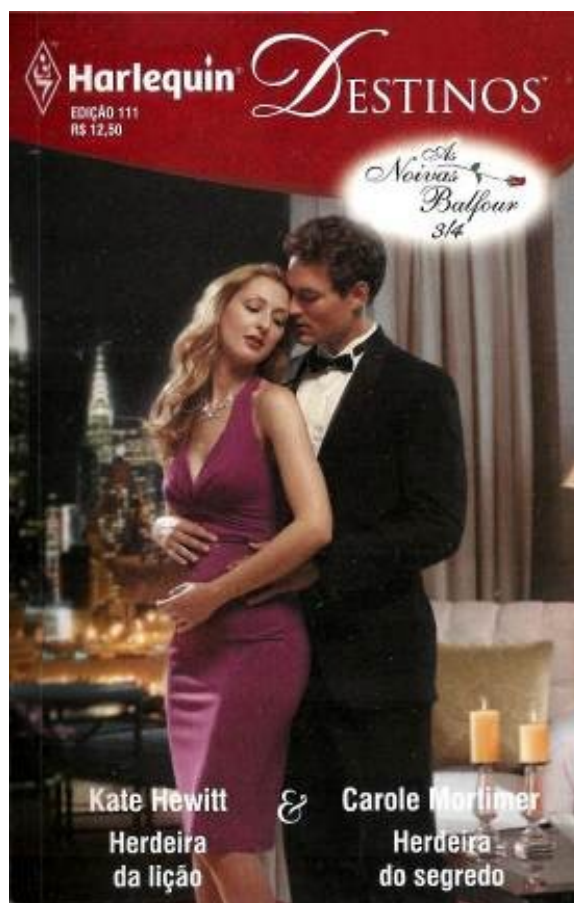


HERDEIRA DA LIÇÃO

Zoe's Lesson

Kate Hewitt



Uma poderosa dinastia e 8 herdeiras em apuros... Uma saga de emoções, paixão e glamour!

Todos comentavam sobre Zoe Balfour, a herdeira ilegítima! Ela viajara para Nova York a fim de descobrir mais sobre sua família biológica, e permitiu-se uma ousadia: passar a noite ao lado de Max Monroe, um homem desconhecido. Apesar de seu intenso charme, ele vivia um drama: estava perdendo a visão! Por isso, preferia se isolar do mundo. Mulheres e crianças não faziam parte de seus planos. Como Zoe, uma socialite mimada e agora grávida, conseguiria abrir o coração de um homem que corria o risco de jamais ver o próprio filho?

Digitalização: Projeto Revisoras

Revisão: Andréa M.





PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.àxl.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: ZOE'S LESSON

Copyright © 2010 by Harlequin Books S.A.

Originalmente publicado em 2010 por Mills & Boon The Balfour Brides

Título original: ANNIE'S SECRET

Copyright © 2010 by Harlequin Books S.A.

Originalmente publicado em 2010 por Mills & Boon The Balfour Brides

Arte-final de capa: Isabelle Paiva -

Editoração Eletrônica:

ABREU'S SYSTEM

Tel: (55 XX 21) 2220-3654 / 2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 11)2195-3186/2195-3185/2195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4o andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro - RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capítulo Um

Max Monroe contemplou as flores da cerejeira pela janela do consultório médico na Park Avenue e piscou. Eram apenas uma única mancha de massa rosada ou estava imaginando? Temendo? Voltou o olhar para o médico, que sorria, o rosto uma máscara de compaixão. Quando falou, a voz era deliberadamente inexpressiva:

— Então, quanto tempo tenho? Um ano, seis meses?

— É difícil dizer. — O dr. Ayers olhou para o arquivo com o histórico da perda de visão de Max. — A doença de Stargardt não tem um processo previsível. Como sabe, muitas são diagnosticadas na infância, mas a sua só foi descoberta recentemente. Pode ter meses de visão manchada, perda da visão central, episódios repentinos de cegueira absoluta... — Fez uma pausa.

— Ou? — perguntou Max, a única palavra todo um volume de possibilidades inaceitáveis.

— Ou será mais rápido e você pode ter uma completa perda de visão em poucas semanas.

— Semanas — repetiu Max a palavra com frio distanciamento e se virou mais uma vez para as flores. Talvez não pudesse vê-las cair. *Semanas*.

— Max...

Max ergueu uma das mãos para impedir as palavras de compaixão do médico. Não queria saber como o homem lamentava, que Max não merecia aquilo. Não havia sentido nenhum em ouvir.

— Por favor — disse calmo, a garganta subitamente... E estupidamente... Fechada. O dr. Ayers balançou a cabeça e deixou escapar apenas um suspiro.

— Seu caso é singular, já que o ferimento na cabeça causado pelo acidente pode ter acelerado o processo da doença. Muitas pessoas com esta doença conseguem viver em condições suportáveis...

— Enquanto outras ficam realmente cegas e outras têm uma perda parcial da visão — terminou Max sem emoção.

Fizera uma pesquisa quando sofrera os primeiros sintomas de blackout súbito. Quando ainda era capaz de ler, observar, *ver*. Apenas três semanas antes e, no entanto, há uma vida.

O médico pegou uma brochura.

— Viver sem visão é um desafio...

Max riu, incrédulo; um desafio? Podia *enfrentar* desafios, mas aquilo era arrasador. Escuridão, total escuridão, como sentira antes uma vez, quando o medo o consumira, quando ouvira os gritos deles... Interrompeu a linha de pensamento, recusou-se a mergulhar nas lembranças; não conseguiria encontrar o caminho de volta.

— Posso lhe indicar alguns grupos que o ajudem a se acostumar.

— Não. — Empurrou a brochura e se obrigou a encontrar o olhar compassivo, virando a cabeça de lado para ver o rosto do homem com a visão periférica, que era melhor. Piscou, como se isto ajudasse, como se pudesse mudar o que acontecia. O mundo já estava fora de foco e Max começava a perceber que não poderia ver nem mesmo as manchas em muito pouco tempo.

E quando perdesse totalmente a visão, perguntou-se Max, conseguiria se lembrar de como as coisas eram? Como lidaria com a escuridão completa? Experimentara-a uma vez antes; não suportaria enfrentá-la de novo. No entanto, não havia escolha, escolha nenhuma.

— Não quero me juntar a grupo nenhum, lidarei com isto à minha maneira. — A emoção ainda estava ausente de sua voz.

— Não estou falando de uma coisa sentimental... — começou o dr. Ayers.

Max sabia que o médico tinha sido um militar, o que determinara sua decisão de procurá-lo. Porém do exército, não da força aérea. E jamais participara de ações militares.

— Eu sei — interrompeu Max, dirigindo-lhe um sorriso frio. — Obrigado.

Levantou-se, a cabeça doendo, as pernas pulsando de dor. Por um momento, sentiu-se tonto, sem chão, e estendeu a mão para se firmar no canto da escrivaninha. Não conseguiu, sua mão encontrou apenas espaço vazio, e Max praguejou.

— Max...

— Estou bem. — Endireitou o corpo, os ombros para trás no estilo militar, os olhos escuros e duros. A cicatriz, que agora dividia seu rosto ao meio, descia do lado interno da sobrancelha direita, passava pelo canto do nariz e chegava à curva do lábio, queimava com a sensação lembrada. Dor.

— Obrigado — disse de novo, e saiu do consultório, andando com passos lentos e deliberados.

Zoe Balfour entregou seu xale... Nada mais do que um pedaço muito fino de seda estampada... à mulher que cuidava da bancada de agasalhos e passou a mão pelos cabelos cuidadosamente desarranjados. Jogou os ombros para trás, parou por um momento na entrada do loft no Soho e esperou que as cabeças se virassem.

Precisava que olhassem para ela, ansiava desavergonhadamente pela atenção e o elogio. Precisava se sentir como sempre se sentira antes, como se seu mundo não tivesse desabado quando os jornais estamparam em manchetes a história do seu nascimento ilegítimo apenas três semanas antes. Quando o mundo... o seu mundo... prendeu a respiração em choque coletivo. Quando descobrira que não sabia mais quem era.

Respirou fiando e entrou na galeria de arte, pegou uma taça de champanhe de uma bandeja próxima e tomou um gole profundo. Sentiu o sabor na língua, as bolhas se espalhando pelo corpo. E viu... E sentiu... As cabeças se virando, mas agora não sabia o motivo por que a olhavam.

Seria porque era uma bela mulher entrando numa festa ou porque sabiam quem

era... E quem não era?

Zoe tomou outro gole de champanhe, como se o álcool pudesse afastar o desespero que se infiltrara em sua alma, apesar de sua intenção de se divertir, de esquecer. Ameaçava-lhe a compostura, fazia-a se sentir como se estivesse perdendo o equilíbrio à beira de um precipício, de um abismo sem nome. Eram um desespero e um medo que estava combatendo desde que os jornais haviam publicado a história de sua vergonha, mais ainda desde que chegara a Nova York três dias antes, a pedido do pai. Não, corrigiu Zoe mentalmente, não o pai. Oscar Balfour, o homem que a criara.

Seu pai estava em Nova York. Naquela mesma tarde finalmente tivera a coragem de ficar do lado de fora do brilhante e alto edifício na Fifty-Seventh Street, observando e esperando para ver o homem. Durante duas horas, andara, tomara café três vezes e até roera as unhas. Mas ele não aparecera e ela voltara para a cobertura Balfour, na Park Avenue, sentindo-se uma impostora. Porque *não* era uma Balfour.

Por 26 anos vivera contente com a convicção de que era uma das garotas Balfour, membro de uma das mais antigas, mais ricas e mais poderosas famílias de toda a Inglaterra, se não de toda a Europa. E então descobrira... Na primeira página de um tabloide... Que não tinha uma gota de sangue Balfour nas veias. Era uma ninguém, uma bastarda.

— Zoe! — Sua amiga Karen Buongornimo, a organizadora da abertura da galeria aquela noite, esguia e elegante num minúsculo vestido negro, os cabelos descendo pelas costas numa cascata escura, encostou o rosto maquiado no dela. — Você está maravilhosa, como sabia que estaria. Pronta para brilhar?

— É claro — Zoe sorriu, a voz leve e contente; talvez fosse a única a perceber o sutil tom amargo — brilhar é o que faço de melhor.

— Com certeza. — Karen lhe deu um ligeiro aperto no ombro, e Zoe tentou injetar um pouco mais de sentimento no sorriso. O rosto doía com o esforço.

— Vou fazer um pequeno e insípido discurso... Tenho que agradecer a nossos patrocinadores, inclusive Max Monroe. — Karen rolou os olhos de modo sugestivo, e Zoe ergueu as sobrancelhas, tentando parecer que o nome significava alguma coisa para ela. — E o solteirão mais cobiçado da cidade, mas certamente não está ganhando pontos comigo esta noite.

— Oh?

Zoe tomou outro gole de champanhe; mais alguém não estava se divertindo, pensou, embora uma parte de sua mente lhe dissesse que *ela* estava. Era uma especialista em diversão e um acidente de nascimento não mudaria isto.

— Não, ele está amuado num canto, parecendo que tem uma nuvem negra sobre a cabeça. Parece impossível alguém se aproximar dele. — Karen suspirou. — Mesmo assim é muito sexy... E acho que a cicatriz até ajuda, não acha?

— Não estou vendo o homem de quem está falando — respondeu Zoe, observando a multidão, a curiosidade despertada, e Karen deu de ombros.

— Não será difícil encontrá-lo, é o cara que parece estar sendo torturado. Ele *sofreu* um acidente há mais ou menos um mês e não está bem desde então. — Colocou a taça vazia numa bandeja e beijou o ar junto ao rosto de Zoe. — Certo, preciso chamar

a atenção de todo mundo. — Piscou maliciosamente para Zoe. — Acho que não será muito difícil.

Zoe sorriu de leve, tomou outro gole de champanhe e observou a amiga atravessar a multidão. Devia fazer a mesma coisa, mas não conseguiu reunir a energia ou mesmo a vontade de conversar e flertar e *brilhar*. Parecia que tudo o que conseguia era se lembrar. *Escândalo da Ilegitimidade Abala o Legado Balfour! Quando o Sangue Azul se Torna Podre!*

As manchetes dos jornais gritavam em sua mente desde que um jornalista ouvira a discussão das irmãs no Baile de Caridade Balfour. Elas haviam descoberto a verdade sobre o nascimento de Zoe no esquecido diário da mãe, e Zoe desejava de todo o coração que não tivessem aberto o livro gasto, desejava poder esquecer a verdade da qual jamais escaparia. Sangue podre. *Seu sangue*.

A vergonha e a dor eram grandes demais para suportar, assim decidira que não suportaria. Aceitara cada convite, fora a todas as festas e boates numa tentativa de esquecer a vergonha do próprio nascimento, esquecer de si mesma. Saíra com os amigos mais loucos e agira como se não se importasse. No entanto, o tempo todo se sentira congelada, entorpecida. Maravilhosamente entorpecida.

Oscar a deixara em paz por 15 dias, quando ela mal ficava em casa, saindo todas as noites, chegando de madrugada e dormindo o dia inteiro. Então, finalmente a fizera se levantar para conversar com ele em seu escritório, aquele santuário de mogno polido e couro macio, com o cheiro de tabaco pairando no ar.

Ela sempre amara aquela sala totalmente masculina e as lembranças das tardes de domingo, que passava enrascada na enorme poltrona de couro do pai, virando as páginas de velhos atlas e enciclopédias, lendo e sonhando sobre lugares distantes, com plantas e animais de nomes exóticos. Nunca fora boa estudante no internato, mas adorava ler aqueles velhos livros e depois causar espanto à família quando citava pequenos fatos que ninguém esperava que ela soubesse.

Mas naquela tarde, no escritório do pai, nem mesmo olhara para os livros antigos encadernados em couro. Simplesmente ficara à porta, distraída, atordoada e com um pouco de ressaca.

— Zoe. — O pai, sentado na cadeira de couro atrás da escrivaninha, examinara-a com uma compaixão tão legítima que as entranhas de Zoe reviraram. Parecia a compaixão de um estranho, não a emoção de um pai. — Isto não pode continuar.

Ela sentia a garganta apertada e sua cabeça doía.

— Não sei do que...

— Zoe — havia mais firmeza na voz — nos últimos 15 dias você saiu todas as noites, Deus sabe com quem, fazendo o quê...

— Tenho 26 anos — disse Zoe, mal-humorada — posso fazer o que quiser...

— Não na minha casa e nem com o meu dinheiro. — Embora não erguesse o tom de voz, havia uma dureza nos olhos de Oscar que fizera Zoe baixar os olhos, se sentindo mais infeliz do que nunca. — Sei que a história naquele lixo de jornal a aborreceu, mas...

— Não é uma história, é a verdade. — Olhara para o pai com raiva... Mas ele não

era seu pai, nunca fora filha *dele*.

— Oh, Zoe — dissera ele, balançando a cabeça. — Você acha que isto tem... Tem importância?

— É claro que tem importância, tem importância para *mim*.

— Bem, garanto-lhe que não tem importância para mim. E, se quer a verdade, Zoe, suspeitava disso desde antes de você nascer...

— O quê? Você *sabia*?

— Suspeitava — dissera Oscar, muito calmo. — Sua mãe e eu não nos dávamos bem havia algum tempo...

— Você sabia o tempo todo e nunca pensou em me contar? — Zoe piscara as lágrimas de raiva.

— Zoe, por que lhe contaria uma coisa dessas? Você é... E sempre foi... Minha filha de todas as maneiras que importam.

Zoe conseguira apenas balançar a cabeça, incapaz de verbalizar as emoções que a perturbavam tanto. Como poderia explicar ao pai que não era a mesma coisa, que *importava*! Ela não era uma Balfour, não pertencia à família, não pertencia a ninguém ou a lugar nenhum.

— Eu sei que isto é difícil para você — continuara Oscar, a dor presente também na voz dele. — Em poucos meses você perdeu sua madrastra e descobriu que tem mais uma irmã...

— Mas não tenho. — Zoe olhara o pai nos olhos. — Mia não é uma relação de sangue. — Doera dizer isso.

Só nas últimas semanas ela e as irmãs haviam descoberto que Oscar tivera um caso antes de se casar com Lillian e que uma filha fora o resultado daquela ligação de apenas uma noite. No entanto, enquanto Mia descobria que era uma Balfour, Zoe soubera que não era; uma amarga ironia.

— Isto não é sobre sangue — dissera Oscar, um pouco brusco. — Sei que cometi erros, Zoe, mas certamente sabe que amei e amo você, e sou e fui um pai para você.

Ela desviara o rosto.

— Mas não sou uma Balfour.

Oscar ficara em silêncio por um longo momento.

— Compreendo — dissera, finalmente, e parecera quase desapontado. — É simplesmente sobre o nome. Está preocupada com a forma como as pessoas a verão, a julgarão?

— E se estiver? Não é a sua foto que aparece em todas as páginas de mexericos dos tabloides...

— Na verdade, Zoe, é a minha foto e as fotos de suas irmãs. — Oscar suspirara. — Meus erros estão sendo divulgados para o mundo e estou aprendendo a manter a cabeça erguida apesar deles. Espero que consiga também erguer a sua, porque seu sobrenome e o sangue que corre em suas veias não mudam o que você é.

Zoe não respondera porque mudavam. Enquanto crescia, sempre se sentira diferente, como se, de alguma forma, não pertencesse à família. Pensara que era simplesmente porque Bella e Olivia eram gêmeas e tinham uma ligação que ninguém

conseguia romper ou igualar. Ou, talvez, porque era a única que não tinha lembranças da mãe, já que Alexandra morreria no parto. Quando *ela* nasceria.

Emily tivera Lillian, a quem todos amavam; Kat, Sophie e Annie tinham sua mãe, Tilly, que era amada pelas outras garotas também. Zoe não tinha ninguém, uma mãe para chamar de sua.

E agora sabia por que se sentira tão afastada. Era isto, ela realmente *não* pertencia. Não era apenas uma sensação, era a verdade.

— Gostaria que você fosse a Nova York — dissera Oscar, e tirara uma carteira de couro de uma das gavetas; dentro, havia um bilhete de avião de primeira classe. — Pode ficar no apartamento o tempo que quiser.

Ela pegara a carteira.

— Por que quer que eu vá? Oscar suspirara pesadamente.

— Eu também li o diário de sua mãe, Zoe, e pelas coisas que escreveu tenho uma ideia muito clara de quem... — fez uma pausa, e quando falou havia dor na voz dele: —... De quem pode ser seu pai biológico.

— Você sabe? *Quem?*

Ele indicou a carteira.

— Os detalhes estão aí. Mas ele está em Nova York e acho que poderá ajudá-la se souber... E, talvez, até mesmo encontrá-lo. — Sorrira com gentileza. — Você é mais forte do que pensa, Zoe.

Mas não se sentira forte então e não se sentia agora. Sentia-se pateticamente fraca, fraca demais até mesmo para procurar o homem que viera encontrar em Nova York. Fraca demais e com medo de até mesmo conversar com alguém nesta festa; cada reunião social fragilizava mais um pouco sua compostura, seu senso de si mesma, até sentir que não tinha nada, não era ninguém.

Quem era ela? Quem podia ser agora? Tomou mais um gole de champanhe, buscando a coragem que o álcool proporcionava. Deus sabia que não tinha a espécie verdadeira.

Max observou a multidão na galeria de arte, uma massa de sombras brilhantes. Teria sua visão piorado nas poucas horas desde que fizera a consulta ou era simplesmente psicológico? Sua mente, tomada de medo, fazendo-o pensar que estava vendo menos?

Tomou um gole de champanhe, um dos ombros encostado na coluna de metal do imenso espaço do loft, as paredes cobertas de pinturas *art nouveau* que, felizmente, eram apenas manchas de cor.

Não quisera ter ido ali aquela noite; só fora porque sua empresa, a Monroe Consulting, fizera uma doação enorme para a exposição. Olhando para as paredes, Max não sabia bem porque permitira que um quarto de milhão de dólares fosse destinado ao financiamento do que realmente lhe parecia péssima arte, mas supunha que não tinha importância. Alguém da diretoria tomara a decisão e assinara porque não se importara. Estava ocupado demais com sua vida, administrando a empresa, voando em seu avião e descobrindo a próxima linda mulher que lhe enfeitaria o braço. Todas estas atividades, admitiu, carrancudo, logo lhe seriam negadas. Algumas, como voar, já

eram; o resto era apenas uma questão de tempo.

— *Max* — uma mulher pressionou sua mão com as duas dela e ele sentiu seu forte e enjoativo perfume floral. Ela baixou a voz para um sussurro: — *tão bom que você veio, considerando...*

— Deixou a voz morrer delicadamente, mas Max não estava disposto a deixá-la escapar.

Não conseguia vê-la, mas o perfume nauseante e o sussurro deliberado lhe disseram o que precisava saber. Era Letitia Stephens, umas das mais proeminentes socialites de Nova York, já bem madura e uma mexeriqueira conhecida. Ergueu uma das sobancelhas e lhe ofereceu um de seus sorrisos mais educados.

— Considerando o quê, Letitia?

Uma pequena pausa e ela tirou as mãos da dele, mudando o peso para a outra perna, desconcertada.

— Oh, Max. — O tom da voz era quase uma reprovação e Max apenas sorriu e esperou. — Todos estão tão preocupados com você... Desde o *acidente*...

E, de repente, o momento de bom humor de Max desapareceu. Não queria se lembrar do acidente... a fumaça, a escuridão súbita. A descida em espiral para o nada, a compreensão agonizante do que havia acontecido, a dor e a lembrança... Não, não queria falar sobre o acidente.

Enrijeceu o corpo, os ombros para trás, uma posição que usava como uma armadura, lembrada não apenas de seus anos como militar, mas também da infância. *Endireite o corpo, suporte como um homem.*

— Obrigado por sua preocupação. — As palavras eram uma despedida e Letitia Stephens foi... Pelo menos uma vez... sábia o bastante para aceitá-la. Max se viu até grato por não poder ver o olhar assassino que ela certamente lhe lançava, o falso sorriso açucarado e venenoso. Deu-lhe as costas, mostrando que não queria falar com ninguém.

Sozinho, terminou de tomar a taça de champanhe e pensou em sair. Ainda não eram 9h e a organizadora, a socialite Karen Buongornimo, ainda faria um discurso. Receberia agradecimentos publicamente, assim precisava ficar, mas decidiu naquele momento que este seria o último evento de que participaria. Não era apenas difícil andar em meio ao mar de rostos e corpos dos quais via apenas as manchas; era também perigoso e humilhante e não se submeteria àquilo outra vez. Pegou outra taça de champanhe.

Zoe passou pelas bordas da multidão; segurando sua taça, evitando conversas. Observou Karen pedir a atenção de todos e mal ouviu o discurso cheio de clichês sobre a importância de apoiar jovens artistas e de como a Monroe Consulting tinha sido fabulosamente generosa. Monroe Consulting... Aquela devia ser a empresa de Max Monroe, o homem com uma nuvem negra sobre a cabeça. Zoe sentiu um pouco de curiosidade e tomou o resto do champanhe. Esta não era uma noite para pensar ou para lembrar. Esta noite se divertiria, era boa nisto; sempre fora boa nisto. Então não pensaria nem se lembraria.

— E tenho certeza que Max Monroe gostaria de dizer algumas palavras...

Zoe ouviu o silêncio ensurdecedor que se seguiu. Cabeças se viraram, corpos giraram, esperando que o homem em questão falasse.

Ele não falou.

Zoe ficou na ponta dos pés calçados com sandálias de salto stiletto, mas havia gente demais... Sem mencionar uma grande coluna de concreto... E ela não conseguiu ver o temido Max.

Finalmente, quando o silêncio se prolongara o bastante para Karen parecer aborrecida e constrangida, ele falou:

— Tenho uma palavra. — A voz era baixa, o tom quase seco, pensou Zoe com uma fisgada de reconhecimento, amargo. — Saúde.

Outro silêncio, então alguém disse "Viva, viva" e uma risada geral se seguiu, a tensão desaparecendo. Ninguém queria que a festa fosse arruinada.

— Saúde — disse Zoe em voz alta e pegou outra taça de champanhe. Podia não ser mais uma Balfour, mas podia agir como uma.

Estudou a multidão e reconheceu muitas pessoas, apenas algumas próximas. Bom, era melhor assim, esta noite queria rir e esquecer e se *divertir*.

— Afogando as mágoas, querida?

Zoe congelou; conhecia aquela voz, odiava aquela voz. Virou-se lentamente... Holly Mabblerly, sua nêmesis do internato e a rainha das socialites de Londres. Não eram inimigas, exatamente, nada tão pouco civilizado. Muitas pessoas até achavam que eram amigas. Beijavam o ar ao lado do rosto uma da outra e conversavam em público, riam alegremente e pegavam bebidas uma para a outra.

Mas jamais consideraria Holly uma amiga. Porque, no olhar gelado de Holly, sentia uma antecipação cruel, um anseio predador de ver a queda dos outros. E este era certamente o momento que estava esperando, já que Zoe caíra bem no fundo do poço.

Zoe tomou o resto do champanhe e então ergueu a cabeça, o queixo para o alto enquanto deixava a taça numa bandeja próxima.

— Que mágoas, Holly? — A voz era doce. — Estou me divertindo como nunca.

A boca de Holly se virou delicadamente para baixo, numa expressão ensaiada de falsa compaixão. Estendeu a mão e segurou o braço nu de Zoe, as unhas mergulhando na carne tenra.

— Não precisa fingir para mim, Zoe. Eu sei... Bem, na verdade não posso saber, já que não sou... *Você sabe...* Mas posso Imaginar muito bem como você se sente absolutamente... — fez uma pausa, procurando pela palavra certa — ... *destruída*. — Apertou os dedos e acrescentou, com falsa tristeza: — Completamente perdida.

Zoe piscou, surpreendida pela percepção de Holly, já que era exatamente assim que se sentia. Perdida, girando num vácuo imenso de desconhecimento, o chão que pensava ser tão sólido sob seus pés desaparecido. Piscou de novo e olhou para Holly, os olhos azuis avaliadores, a boca ainda curvada num sorriso que nem mesmo tentava disfarçar a malícia.

— Perdida? — repetiu com uma pequena risada. — Céus, Holly, você está sendo horivelmente melodramática. Por que me sentiria perdida?

— Querida. — Holly lhe apertou os braços, as unhas mergulhando mais

profundamente. Zoe mordeu o lado interno da bochecha para se impedir de se afastar. — Repito, não precisa fingir comigo. — Baixou o tom de voz para um sussurro que parecia chegar a cada canto do salão: — É muito, muito abominável? Foi por isto que veio para Nova York? Para se afastar de todos os mexericos, os sussurros, os olhares? — Holly fez um beicinho, a expressão de simpatia tão claramente falsa que a pele de Zoe arrepiou.

— Estou muito bem, Holly. — A voz parecia dura.

O Baile de Caridade fora três semanas atrás, mas esta era a primeira pessoa que ousara confrontá-la abertamente sobre a história do tabloide, a primeira pessoa cujo desprezo e alegria com seu sofrimento tivera que enfrentar, e, é claro, tinha que ser Holly Mabberly. No entanto, isto não era importante; havia dezenas de Holly Mabberlys no mundo, em sua vida, pessoas que agiriam da mesma maneira, disfarçando o desprezo com simpatia. Livrou-se da mão de Holly e lhe lançou um sorriso gelado.

— Lamento desapontá-la, já que sei que preferia me ver aos prantos, mas realmente estou muito bem.

Holly apenas balançou a cabeça.

— Oh, querida, não precisa descontar em *mim*. — A perfeita combinação de reprovação e piedade fez Zoe se encher de fúria. Holly lhe acariciou o rosto com uma palmadinha. — Posso apenas imaginar como é absolutamente difícil. Você não poderá mais manter a cabeça erguida na Inglaterra, não entre as pessoas que importam. — Holly fez um pequeno som no fundo da garganta e desta vez sua voz foi alta: — É triste, triste demais, mas suponho que o sangue conta, não é?

Para seu horror, Zoe sentiu os olhos se encherem de lágrimas. *Estúpida*. As palavras de Holly eram maliciosas e tinham a intenção de ferir; como poderia deixar, como poderia chorar *aqui*? Queria manter a cabeça alta e orgulhosa, como Oscar lhe dissera, e *manteria*. Apenas não tinha certeza se podia, não era forte, apesar do que ele pensava.

Não podia chorar diante de Holly Mabberly, que se sentiria vitoriosa e contaria a cada socialite do mundo delas, de Nova York a Paris, como chorara num salão cheio de estranhos que pareciam mais um grupo de mexeriqueiros. Por que diabos se deixaria desabar no meio de uma festa? Estava se divertindo, pelo amor de Deus!

— Oh, Zoe... — murmurou Holly estendendo a mão de novo, mas Zoe se desviou daquela garra e deu um passo para trás.

— Me deixe em paz, Holly, apenas me deixe em paz. — As palavras saíram num soluço estrangulado e Zoe fechou os olhos numa agonia de humilhação.

Deu as costas a Holly e estendeu a mão cegamente para outra taça de champanhe... Qualquer coisa para esquecer aquele momento horrível, sua vida horrível e falsa...

Meio escondida atrás de uma coluna, depois de respirar fundo algumas vezes... e tomar mais alguns goles de champanhe... A ameaça das lágrimas finalmente desaparecida, Zoe se sentiu um pouco mais como ela mesma, embora, reconhecia, mal sabia quem era.

Observou a multidão, consciente de mais olhares especulativos, de sussurros

curiosos. Estaria todo mundo olhando para ela, ou apenas imaginava, num ataque de humilhação paranoica? Se fosse embora agora, ficaria claro demais que estava fugindo... de novo?

Seu olhar recaiu sobre um homem num canto do salão, o ombro encostado a uma coluna, uma taça de champanhe na mão. Era incrivelmente bonito, com cabelos escuros, cortados curtos, a pele cor de oliva e um físico alto e poderoso que fazia mais do que justiça ao caro terno azul-escuro que usava. No entanto, foi a expressão no rosto dele que atraiu Zoe; parecia mais do que enfadado, parecia totalmente desinteressado da festa ou de qualquer pessoa, e o pensamento a encheu de um alívio estranho.

Ali estava um homem que não faria insinuações durante uma conversa; parecia não querer conversar com ninguém. E certamente não queria ser notado e não a vira. Ainda.

Passou a mão pelos cabelos, respirou fundo e ajeitou o top de seda verde-jade que usava. O sorriso agora firmemente no lugar, aproximou-se do único homem no salão que, sabia, não tinha o menor interesse em Zoe Balfour. Talvez, pensou, ele se interessasse apenas pela Zoe.

Capítulo Dois

Não a viu se aproximar; sentiu-a. Uma carga súbita na atmosfera, uma onda no ar, uma corrente elétrica que se conectava diretamente a seu coração. O choque reverberou em todo o seu corpo e os pelos na nuca se ergueram com a consciência, enquanto os dedos se fechavam instintivamente em torno da taça. *Por favor, nada mais de piedade.*

— Oi, você. — A voz era agradavelmente baixa, o tom uma leve rouquidão convidativa. Max pensou ter percebido um sotaque britânico, que se tornou mais pronunciado quando falou de novo: — Precisei vir para saber se está tão enfadado como parece.

— Ainda mais — respondeu, a voz sem inflexão.

Virou a cabeça para olhar para ela, pelo menos o que conseguia. Viu uma massa de cabelos dourados, a curva suave e pálida do rosto e o brilho do verde... os olhos e o top. Cheirava levemente a água de rosas e suas entranhas deram um nó com um inesperado espasmo de desejo.

— Oh, que horror, isto é péssimo — disse ela com uma pequena risada que soava como o tilintar de sinos de cristal. — Acha que outra bebida pode curar isto?

— Já bebi demais. — A voz era brusca de novo. O que adiantava encorajar este pequeno flerte? Se ela soubesse...

— Bem, eu não. — Ele a viu erguer o braço, esguio e branco, e logo um garçom se

aproximou. Ela pegou uma taça e, virando-se para ele, tomou um gole. — Se está tão monumentalmente enfadado, por que veio?

— Porque minha empresa doou um quarto de milhão de dólares para financiar estas monstruosidades nas paredes.

Ela fez uma pequena pausa e então soltou uma risada sincera; era uma risada maravilhosa, rouca e espontânea, tão diferente das anteriores, forçadas e ensaiadas. As entranhas dele apertaram de novo e se perguntou se os cabelos dela eram tão macios como seu cheiro, se é que um cheiro podia ser considerado macio. Seus outros sentidos, percebeu, estavam mais vivos pela falta de visão. Seria o suave cheiro de rosas um perfume ou um sabonete? Sentia-o cada vez que ela se movia, muito leve e no entanto tão tentadoramente evocativo.

— Oh, é claro — disse ela, o riso ainda na voz —, você é Max Monroe, o homem com uma nuvem negra.

— Esta é a primeira vez que ouço isto — disse, seco. Pela primeira vez em semanas estava se divertindo; pelo menos, não estava se lembrando.

— Bem, você não tem sido a alma da festa, tem?

Percebeu que ela dava de ombros, sentiu a seda do top roçar a seda da pele. E embora seus olhos vissem pouco mais do que sombras borradas, seu corpo sentia outra coisa. Cada parte dele reagia com a consciência, com o anseio.

Ele a queria.

Não estivera com uma mulher desde o acidente, não sentira o toque de uma pessoa, a não ser as mãos frias e clínicas de um médico, e agora, subitamente, precisava estar perto de alguém, sentir seu cheiro e sua pele.

E mais do que isto, mover-se com ela, dentro dela. Amenizar o vazio, não estar sozinho. Mesmo se não pudesse levar a nada, mesmo se apenas por uma noite. Mesmo se fosse com uma daquelas vazias queridinhas da sociedade, como certamente devia ser.

— Não preciso ser a alma desta festa — disse ele finalmente — com convidadas como você para desempenhar este papel. — Conhecia o tipo dela, sabia que espécie de mulher linda e confiante se aproximava de um estranho... e um estranho mal-humorado... e o convidava para uma bebida. Era o tipo de mulher de quem gostava, o tipo de mulher que sempre quisera.

E a queria agora. Não precisava saber que era quase cego, nem ficaria com ele a noite inteira, cuidaria disso.

Sentiu-a ficar tensa por um segundo, então dar de ombros e tomar outro gole de champanhe.

— Não vou negar que gosto de me divertir — disse, o tom leve.

— E está se divertindo esta noite?

Ela deu outra risada ensaiada.

— Não, acho que estou me aborrecendo tanto quanto você; apenas sou melhor em disfarçar.

— Certo, então sou aquele com a nuvem negra; mas o que isto significa?

— Minha amiga organizou este evento — explicou — e ficou muito zangada por

você não ter ajudado mais, sabe. Disse que eu o reconheceria pela nuvem negra sobre sua cabeça. E, é claro...

Parou de repente e, embora Max realmente não pudesse vê-la, os olhos dele se estreitaram.

— E? — perguntou suavemente.

— A cicatriz. — Ergueu uma das mãos e, por um momento, Max pensou que iria tocá-lo. E não se moveu.

A mão dela... podia ver que era branca e esguia... ficou no ar por um momento, antes que a deixasse cair na lateral do corpo. Ele sentiu como se tudo tivesse mudado de repente, a atmosfera leve de flerte se transformando em alguma coisa sombria, íntima e intensa demais. Não queria a piedade dela, mas ansiava por seu toque.

— Suponho que é um pouco como o elefante na sala. — A voz era calma e talvez um pouco triste. — Ninguém fala sobre ele. Sofreu um acidente de carro ou alguma coisa assim?

— Alguma coisa assim.

Max sentiu uma físgada relutante de admiração pela franqueza dela. Tão poucas pessoas lhe diziam a verdade. Estava cercado por sicofantas e alpinistas sociais que apenas lhe diziam o que achavam que queria ouvir. Menos os médicos.

— De qualquer maneira, lamento — disse, tranquila, e ele soube que era sincera. Ela o surpreendera e não queria aquilo, era mais fácil quando era vazia, quando podia acreditar que era vazia. Queria uma parceira de cama, não uma alma gêmea, era tarde demais.

Ficaram em silêncio por um momento e Max se perguntou se ela se afastaria. *Ela* devia se afastar e o faria, mas tinha medo de bater numa coluna ou num garçom ou Deus sabia o que mais. Não esperara aquele momento em que sua guarda baixara, não o quisera. Era uma linda e vazia socialite; ela mesma se definira e queria que fosse verdade.

Tomá-la e deixá-la, já que certamente não tinha escolha.

— Então — disse ele, a voz um sussurro baixo e sensual que a fez se aproximar mais para ouvi-lo. Sentiu o perfume da água de rosas de novo. — Acha esta festa tão aborrecida como eu? — Não havia como se enganar sobre sua intenção.

Ela ficou silenciosa por um momento, e ele virou o rosto, muito perto do dela, para que pudesse olhar diretamente para ela com sua visão periférica. E, por um segundo, apesar das manchas e das sombras, sentiu que a viu perfeitamente. Seus olhos eram dois pontos vivos de verde, sua boca uma perfeita curva rosada e estava sorrindo.

— Sim, acho que sim.

Tomou a decisão.

— Ótimo. — Deixou a taça vazia numa bandeja. — Então, por que não damos o fora daqui?

Zoe observou Max se afastar da coluna; caminhava com passos cuidadosos,

deliberados; esperava claramente que ela o seguisse e, depois de uma leve hesitação, ela o seguiu.

Jamais saía de festas com estranhos; apesar de sua reputação de "garota de festas", não era tão descuidada como sua irmã mais velha, Bella. Não tinha casos de uma noite só. Preferia dançar e rir e flertar... E então voltar para casa sozinha.

No entanto, as regras não haviam mudado? *Ela* não havia mudado? Não era mais Zoe Balfour, podia fazer o que quisesse. E Sentia em Max Monroe alguma coisa semelhante ao que ela mesma sentia, uma escuridão, um desespero. Queria segui-lo, queria estar com ele.

É claro, não podia negar que era um homem atraente. Seu ventre enrijeceu, um desejo surgiu e se espalhou por todo o corpo enquanto olhava suas costas largas e quadris estreitos, as longas e poderosas pernas ainda dando aqueles passos medidos e cuidadosos enquanto abria caminho entre a multidão. Zoe o seguiu e, quando pararam no foyer, nem mesmo se dera conta dos olhares.

Enquanto recuperava seu xale, viu que Max dera algumas instruções rápidas e curtas no celular. Guardou-o e se virou para ela.

— Meu carro estará aqui em breve.

— Maravilha — respondeu Zoe por falta de qualquer outra coisa a dizer. Estava começando a perceber como era estranho, que não o conhecia e que parecia tenso e até zangado. Teria sido uma boa ideia sair com ele?

— Você não precisa vir — disse, abrupto, e Zoe o olhou, surpreendida. — Você parece nervosa.

Ela deu de ombros.

— Este não é meu comportamento habitual, não importa o que você pense.

— Oh? Então, qual é seu comportamento habitual? — Fez uma pausa. — Quem é você?

A pergunta a assustou, porque era a mesma que vinha fazendo a si mesma nas últimas três semanas. Olhou para ele em silêncio atônito e ele esclareceu, impaciente:

— Só quero saber seu nome.

— Zoe.

— Apenas Zoe?

— Sim, apenas Zoe.

Uma limusine parou diante da galeria e Max a levou para fora. O ar estava fresco, a escuridão em torno deles era leve. Um homem com uniforme de motorista desceu do carro e abriu a porta de trás, fazendo um gesto para Zoe entrar.

— Pensando em mudar de ideia? — murmurou Max em seu ouvido; o hálito dele, frio e com cheiro de menta e champanhe, lhe acariciou o rosto.

— Apenas em sair logo — brincou Zoe, e um pequeno sorriso percorreu as feições de Max, diminuindo a tensão e tornando-o ainda mais bonito.

— Você é uma linda mulher, Zoe.

Lentamente, com cuidado, ergueu a mão e tirou uma pequena mecha de cabelos dos ombros nus, os dedos frios mal lhe tocando a pele. Ela estremeceu com a carícia leve.

— Tenho certeza que todos os homens naquela festa gostariam de estar no meu lugar agora.

— Certamente — concordou, a voz suave.

Seu coração começou a bater com força e, de repente, se sentiu tonta de desejo. Nenhum toque jamais a afetara tanto, fizera-a desejar tanto. Fizera-a esquecer... se apenas por um momento, por uma noite.

Ele estendeu a mão de novo, desta vez deixando os dedos acariciarem lhe a clavícula, mal lhe roçando a pele, e, mesmo assim, a fez estremecer e doer por dentro com um intenso e inesperado anseio.

— A decisão é sua, é claro.

Zoe acenou; quando Max Monroe a tocara, cada pensamento... Cada lembrança, cada medo... Desapareceram de sua mente. E era *isto* que queria. Não apenas paixão, mas esquecimento.

Devagar, em silêncio, entrou no carro, Max a seguiu e o motorista fechou a porta. Em segundos se perderam na noite, a escuridão aliviada apenas pelos faróis de um carro que passava por eles ocasionalmente.

Zoe se encostou no banco de couro e observou o bem sortido minibar, pensando se devia esvaziá-lo. Teria mesmo entrado no carro de um completo estranho, um estranho zangado, amargo, sardônico? Bem, pensou, pelo menos era uma limusine.

— Belo carro — disse ela, e se obrigou a relaxar, deixando a cabeça cair para trás como se estivesse completamente confortável. — Para onde vamos?

Embora Max estivesse sentado ao lado dela, parecia a milhares de quilômetros de distância, o rosto virado para a janela.

— Para meu apartamento em Tribeca, a menos que queira ir a outro lugar. — Virou-se para ela, o sorriso... Embora não *parecesse* um sorriso... Brilhando na escuridão.

- E perder a oportunidade de ver sua casa? Tenho certeza que é fabulosa. — Lançou-lhe um sorriso alegre e jogou os cabelos para trás dos ombros.

- E tenho certeza que está muito acostumada ao que é fabuloso — murmurou, e ela riu, o som rouco.

— Totalmente.

Não voltaram a falar e o silêncio era tenso com pensamentos não verbalizados. Com expectativas.

Zoe alisou a seda da calça preta, apertou-a com os dedos até se forçar a parar, a fingir uma tranquilidade falsa mais uma vez.

A limusine parou e Zoe saiu depois de Max. Estavam numa calçada de pedras diante do que parecia um armazém abandonado perto do rio. O coração de Zoe bateu mais forte. Oh, Deus, onde se metera? Virou-se; a limusine havia desaparecido e não havia ninguém à vista... exceto Max.

Ele ficou parado, parecendo congelado, como se não soubesse para onde estava indo ou que estava com medo de se mover. A expressão de incerteza no rosto dele era visível na luz amarela e fraca de um poste, fazendo Zoe esquecer o próprio medo e perguntar, a voz gentil:

—Max...?

— Por aqui — falou ele bruscamente, afastando aquela estranha, insegura expressão, e começou a caminhar pela calçada com os passos longos e deliberados em direção ao armazém.

Quando se aproximaram do edifício, Zoe viu que não era um armazém abandonado. Talvez tivesse sido no passado, mas quando chegaram mais perto os sinais de recuperação se tornaram claramente visíveis. As janelas, que haviam lhe parecido quebradas ou vazias, eram de vidro pintado. As portas da frente eram feitas do mesmo vidro grosso e pintado, com maçanetas de cromo polido. Um porteiro surgiu e abriu as portas para eles, e Max passou por elas como se estivesse numa marcha militar, com Zoe se apressando atrás em seus saltos altos.

Não era, pensou, ressentida, o melhor começo para uma noite. Mesmo assim, não se sentiu tentada a ir embora. Max Monroe a fascinava e, mais do que isto, parecia, de alguma forma, atingir um lugar dentro dela que nem sabia que existia, nem sabia se era real. Quando a tocara, sentira alguma coisa despertar para a vida, alguma coisa que, até então, não soubera que estava adormecida... ou talvez mesmo morta. Alguma coisa... alguém... Que não tinha relação nenhuma com Zoe Balfour, mas tudo com apenas Zoe.

E por isto o seguiu pelo foyer do edifício com seu piso polido de mármore negro liso, até o conjunto de brilhantes elevadores. Max entrou num deles, o dedo passando pelos botões até chegar ao último, que apertou. A cobertura, é claro.

O apartamento Balfour na Park Avenue também era uma cobertura, com seus salões luxuosos e aposentos separados para os criados. Era uma bela e bem preservada relíquia de outra era, de outro século, e Zoe soube instintivamente que a cobertura de Max Monroe seria completamente diferente.

E era. As portas do elevador se abriram diretamente no apartamento e Zoe sentiu que estava entrando no céu. Havia janelas do piso ao teto em todos os lados, o rio Hudson brilhava a apenas um quarteirão de distância, as luzes de uma das muitas pontes de Manhattan luzindo a distância.

Ela se virou e, do outro lado, viu a agulha que apontava para o céu do Empire State Building, um mar de edifícios atrás enchendo o horizonte.

Fez, lentamente, um círculo completo, desfrutando a vista de cada direção, até rir, admirada, e se voltar para Max, que havia tirado o paletó e estava afrouxando a gravata sem observar a vista.

— Impressionante — disse ela. — Você nunca se cansa da vista?

— Não. — A voz era tão sem emoção que Zoe se perguntou se dissera alguma coisa errada.

Max andou pelo apartamento, acendendo algumas lâmpadas, enchendo o salão com um brilho quente. Zoe observou a mobília severa: adequada a um homem solteiro, com sofás de couro e cadeiras de cromo que pareciam desconfortáveis, uma mesa de vidro de grife para café que vira numa revista de decoração e uma cozinha de aço escovado absolutamente limpa, com todos os aparatos e aparelhos que claramente jamais haviam sido usados.

Seus saltos bateram no piso de cerejeira brasileira quando andou até uma das janelas. Na verdade, percebeu Zoe, era uma porta, feita para parecer uma janela, a não ser pela discreta maçaneta de metal que levava a um amplo terraço.

Ouviu Max atravessar o piso, sentiu-o parado atrás dela; ficou impressionada como estava ligada a seus movimentos, de tal maneira que antes que ele estendesse a mão ela soube que iria tocá-la, *esperava* que a tocasse.

Ele ergueu o braço lentamente... tão lentamente... E Zoe ficou tensa, esperando por seu toque. No entanto, quando aconteceu, ela ficou chocada, o peso da mão dele em seu ombro nu enviando ondas de percepção por todo o corpo, profundamente em seu ventre. Nenhum dos dois falou. Ele passou a mão pelo ombro dela, desceu-a pelo braço como se estivesse, langorosamente, aprendendo a paisagem do seu corpo. Os dedos se entrelaçaram nos dela quando a virou para ele, os olhos escuros e ilegíveis, o rosto áspero à luz amarela dos edifícios atrás. Ele se moveu; as costas de Zoe foram pressionadas contra o vidro e ela sentiu o calor dele, a rigidez de seu peito e quadris.

O coração de Zoe batia lentamente e seus joelhos enfraqueceram. Jamais tivera uma reação assim a um homem... a ninguém. E nem mesmo a beijara, mas a beijaria, Zoe sabia, sentia.

Queria que a beijasse e, no entanto, mal podia acreditar que aquilo estava acontecendo, que viera aqui, que o encontrara. Seus nervos vibraram e abriu a boca para dizer... o quê? Alguma coisa inteligente para diminuir a intensidade do momento, *dele*, mas antes que pudesse dizer uma palavra, a boca de Max tomou a dela.

Os lábios de Max eram rijos, o beijo urgente e até mesmo um pouco zangado, como se aquele momento fosse tudo que qualquer um dos dois teria. Os dedos soltaram os dela e as mãos de Max mergulharam sob seu top para lhe empalmar os seios. Zoe arquejou com o toque súbito e tão íntimo.

O corpo dela se moveu numa reação instintiva e poderosa e Zoe respondeu beijo por beijo, a dor e o desespero das últimas semanas abandonando sua alma nesta única carícia. O beijo de Max e a intensidade da própria reação a surpreenderam... Não era assim, não estava acostumada a sentir tanto, mantinha-se sempre distante, e no entanto... No entanto não conseguia parar de reagir, de impedir suas mãos de viajarem pelos ombros musculosos de Max até seus cabelos, puxando-o para mais perto, como se pudesse fazê-lo penetrar sua pele, fundir seus corpos num só.

O medo a tomou por sentir tanto, querer tanto. De algum lugar, buscou a força para se afastar... ou tentar, já que estava presa contra a parede de vidro. Arqueou a cabeça para trás para olhar-lhe o rosto. Estava vermelho, os olhos fechados, a respiração difícil.

— Com pressa, não estamos?

Tentou mostrar que não fora afetada, mas não conseguiu; a voz saía como um arquejo e o corpo todo tremia. Ele respirou fundo e ergueu as mãos dos seios para os ombros dela, mergulhou os dedos nos cabelos de Zoe, os polegares lhe massageando o couro cabeludo.

— Por que perder tempo?

—Tenho certeza que atraí muitas mulheres com esta abordagem.

Com o que lhe restava de força de vontade, Zoe passou sob os braços dele, fugiu daquela gaiola formada pelo corpo dele e andou pelo salão com pernas trêmulas.

Max encostou um ombro na janela, uma das mãos no bolso da calça. Parecia completamente recuperado enquanto ela se sentia fraca como um gatinho recém-nascido.

— Você quer *conversar*? — perguntou Max, e havia uma leve zombaria na voz, mas, mesmo assim, considerando o que acabara de acontecer, o suficiente para magoar. Zoe se deixou cair em uma das cadeiras de cromo... Mais confortável do que parecia... E ergueu uma sobrancelha.

— Tolice minha — disse ela, a voz finalmente leve e divertida — pensei que você havia aprendido a arte da conversação.

— Só quando necessário.

Caminhou lentamente pelas margens do salão, uma das mãos acompanhando a parede de vidro, e Zoe se sentiu como uma presa impotente caçada por um predador faminto. Ele parou diante de uma mesa de bebidas feita de cromo e vidro; uma garrafa de uísque e um copo já preparados. Serviu-se de uma dose pequena, os movimentos deliberados e precisos.

— Então — disse finalmente, tomando a bebida e se virando para ela — você é da Inglaterra.

— Sim.

— Apenas visitando ou mora aqui?

— Visitando, por enquanto.

— Sem planos? — De novo aquela ligeira zombaria que magoava; mais do que deveria.

Ela sorriu com uma confiança que estava longe de sentir. Perguntas aparentemente inocentes, mas cada uma tinha o poder de ferir.

— Não, nunca. Não sou este tipo de garota.

— Ah.

— E quanto a você?

— O que sobre mim?

— Você é um homem de negócios.

— Sim.

— O que é que você faz, exatamente?

— Negócios.

— Tão esclarecedor.

— Administro investimentos, compro empresas, corro riscos. — Deu de ombros.

— E ganho muito dinheiro.

— Dinheiro é bom.

A boca de Max fez um movimento que parecia um sorriso, mas não era.

— Não é mesmo?

— Como conseguiu esta cicatriz?

A pergunta saiu antes que pensasse; não tivera a intenção de fazê-la. Suspeitava que era sensível sobre ela, e como não poderia ser? Era muito evidente, impossível de

ignorar, uma linha vívida de carne esbranquiçada da sobrançelha ao queixo, contornando o nariz, uma lembrança viva de... o quê? Alguma coisa, dissera ele, alguma coisa terrível.

— Um acidente. — A voz era inexpressiva, no entanto Zoe sentiu a escuridão... A dor e o desespero e a fúria... Pulsando. Dissera a palavra *acidente* como ela dizia *ilegítima*.

— Deve ter sido um grande acidente.

— Foi.

— Estava sozinho?

— Sim. — Fez uma pausa, os músculos do pescoço pulsando. — Estava voando no meu avião.

— Você é um piloto?

— Fui, apenas como diversão.

O rosto não tinha expressão quando tomou mais um gole da bebida.

— Então — tentou Zoe manter a voz leve, como se o tom pudesse afastar a escuridão que emanava de Max e lhe atingia a alma —, o que aconteceu?

—Caí. — Sorriu, a curva da boca terrivelmente fria. —Acontece.

— Suponho que sim. — Zoe cruzou e descruzou as pernas, procurando o que dizer a seguir.

— Você teve sorte de escapar com vida — disse finalmente, e o comentário lhe pareceu terrivelmente idiota.

— Oh, sim — concordou Max, e havia uma nota mais sombria em sua voz agora, a emoção pulsante atrás das palavras mais evidente, tão quente e perigosa... e fascinante... Como um vulcão prestes a explodir. Andou em direção a ela com seus passos lentos, deliberados — tenho muita sorte.

Zoe-resistiu ao impulso de se encolher na cadeira; não gostava da expressão sombria nos olhos de Max, o movimento súbito e cruel da boca que ela acabara de beijar.

—Há quanto tempo você voa? — perguntou, numa tentativa desesperada de restaurar um sentido de normalidade ao momento. Não funcionou; Max continuou a andar. Parou apenas quando estava bem diante dela, e então, para a surpresa de Zoe, caiu de joelhos e eles ficaram com os rostos no mesmo nível, o olhar dele penetrando intensamente, sombriamente, o dela.

Olharam-se por um momento, ambos calados, o único som na sala o de suas respirações pesadas. Zoe se sentiu presa numa armadilha e, no entanto, uma nova e estranha necessidade crescia dentro dela.

O que estava acontecendo?

Max não se moveu, não afastou o olhar do dela... Era como se estivesse esperando, precisando de alguma coisa... Precisando dela...

Então, por puro instinto e pela própria necessidade, Zoe estendeu a mão... Com a mesma calma deliberação com que ele a tocara momentos antes... E, com a ponta de um dedo, traçou a cicatriz irregular que lhe dividia o rosto. A carne machucada era surpreendentemente macia, quase sedosa, e ligeiramente franzida.

Zoe não sabia por que fizera isso, não sabia como Max reagiria. Realmente não sabia o que estava acontecendo ali, qual era o sentimento entre eles... Um *sentimento* tão forte. Dor e mágoa, e até mesmo uma pequena porção de esperança.

Max ficou imóvel, tenso sob o toque dela, e então Zoe o sentiu relaxar, a resistência lhe abandonando lentamente o corpo, deixando-o solto e entregue sob sua mão. Fechou os olhos; o dedo dela descansou na ponta da cicatriz no queixo e ela sentiu a barba que começava a nascer. Então, ainda agindo por instinto e por um desejo ainda mais profundo, Zoe se debruçou e beijou aquele lugar ferido, os lábios demorando-se na pele dele enquanto inspirava seu cheiro, menta e almíscar. Max estremeceu.

Zoe recuou, estranhamente comovida, e seu olhar se fixou no rosto de Max. Ele abriu os olhos e a fitava com uma fome evidente que a alarmou e excitou. Estendeu as mãos e lhe empalmou o rosto, os dedos lhe apertando os malaras, e então puxou-a para ele, até seus lábios mal se tocarem.

Ele roçou os lábios nos dela uma vez, depois outra, e então a beijou com uma gentileza totalmente diferente daquele primeiro beijo zangado. As entranhas de Zoe desmancharam, até que uma urgência mais crua, mais profunda a fez aprofundar aquele pequeno beijo e suas mãos subiram para agarrar os ombros de Max.

Não soube por quanto tempo ficaram daquele jeito, conhecia apenas a gloriosa doçura de um beijo tão profundo e infinito que parecia que estavam explorando a alma um do outro. Então Max tomou-a nos braços; sentiu-se pequena e adorada como uma boneca, aninhada contra o peito dele, curvando-se em torno dele com uma naturalidade surpreendente.

Ele a carregou para o quarto com os mesmos passos cuidadosos e deliberados com os quais estava começando a se acostumar. Como a sala de estar, o quarto era todo janelas; luzes dos edifícios próximos se infiltravam pelas venezianas, banhando o quarto com uma luminescência mágica. Max a deitou numa cama enorme, os lençóis de cetim azul escorregadios debaixo dela. Ergueu o olhar para ele; sua expressão era fechada e grave, e Zoe esperou.

Lentamente, Max tirou uma mecha de cabelos do rosto dela, seus dedos lhe roçando os malaras, a sobrancelha, a ponta do nariz. Então afastou a mão e começou a desabotoar a camisa.

Zoe observou, incapaz de afastar o olhar do peito amplo e musculoso que se revelava aos poucos; estendeu a mão e o ajudou a se livrar da peça, os dedos lhe percorrendo a pele como ele fizera com a dela, adorando a sensação de músculos rijos e pelos cacheados.

Nenhum dos dois dizia uma palavra, e Zoe se perguntou se era porque não precisavam delas ou porque tinham medo de que elas pudessem romper a magia daquele momento, abalar aquela ligação preciosa e frágil que havia surgido silenciosamente e se aprofundado entre eles.

O único som era o das roupas roçando a pele enquanto se despiam um ao outro, a seda que caía no chão enquanto Zoe se livrava do top e da calça. Então se deitaram nus sobre os lençóis de cetim, olhando-se por um longo momento. Zoe queria falar, dizer

alguma coisa, mas as palavras ficaram engasgadas em sua garganta, palavras demais. Queria dizer a Max que não tinha uma cicatriz no rosto, mas tinha uma enorme na alma. Queria lhe explicar que, como ele, sofrera um acidente... Um acidente de nascimento. E, acreditava, como acontecera com ele, a deixara abalada e sem saber como reconstruir uma vida que fora virtualmente destruída, se é que *havia* uma vida para reconstruir.

Mas não disse nada, apesar da pressão que se construía dentro dela. Piscou para afastar as lágrimas que não esperava e, quando Max a beijou de novo, as mãos lhe mapeando o corpo, aprendendo todas as suas curvas e fendas e lugares secretos, entregou-se ao doce esquecimento e deixou as palavras... E os pensamentos, o medo... desaparecerem... Pelo menos no momento.

Depois, Max ficou deitado de costas e Zoe descansou a cabeça na curva do braço dele, o corpo esguio curvado em direção ao abrigo do dele. Uma mecha dos cabelos dela lhe tocou o nariz e ele sentiu o agora familiar perfume de água de rosas. Xampu, pensou, e sorriu.

Não estava acostumado a sorrir, não de verdade, e não estava acostumado a se sentir tão bem. Seu corpo cantava de satisfação, as pernas e os braços lânguidos e pesados, e, no momento, se sentia totalmente pleno. Tão estranho.

Por semanas... Desde aquele momento no avião, quando seu mundo desapareceu na escuridão aterradora... Sentira-se como se tivesse perdido alguma coisa. Perdendo alguma coisa aos poucos e seu corpo e sua alma e sua mente atormentada ansiavam por aquilo. Mas agora, maravilhosamente, sentiu-se como se tivesse recebido alguma coisa; sentia-se completo, até mesmo abençoado. Ridículo.

Ouviu Zoe suspirar de leve e soube que estava dormindo; sua cabeça era pesada em seu braço. Ele mesmo não tinha a intenção de dormir, nenhum desejo de se entregar à fraqueza dos sonhos ou permitir que Zoe o visse naquele estado tão humilhantermente vulnerável.

Cuidadosamente se afastou e se sentou, os pés no piso. As roupas estavam jogadas no chão e levou algum tempo para encontrar a boxer. Vestiu-a e se orientou a partir dos pés da cama; eram seis passos até a porta do terraço.

Do lado de fora, o ar estava frio e úmido e uma brisa passou por ele, esfriando lhe a pele quente. Dez passos para a balaustrada; na escuridão, podia ver muito pouco e decidiu mandar remover toda a mobília do terraço. Não precisava dela, já que não passaria muito tempo ali.

Você nunca se cansa da vista?

Não, nunca se cansara, perdera-a antes de ter a chance.

Max fechou os olhos. *Pare de ter pena de si mesmo.* Não sabia se a voz em sua cabeça era a sua ou a do pai. Não adianta se lamentar, continue com sua vida.

Não lhe parecia que estava vivendo e sim que morria lentamente. No entanto, mesmo enquanto pensava, outra sensação surgiu rapidamente.

O que acontecera no quarto com Zoe... apenas Zoe... não lhe parecera estar morrendo. Aquilo havia sido a vida em sua forma mais pura, mais elementar. Jamais experimentara uma noite como aquela com uma mulher, e tivera muitas noites. Muitas

mulheres. Mas jamais se sentira tão conectado com outra pessoa, como se fossem um só.

Ou estaria apenas fantasiando um encontro vulgar, dando-lhe mais significado do que tinha porque sabia que não teria outra noite como aquela? Não podia esconder a crescente cegueira para sempre, não podia manter a escuridão a distância. O médico lhe dera meses, talvez apenas semanas ou dias.

E então o quê? Como seria seu futuro? Não tinha ideia, não conseguia imaginar a sufocante escuridão pelo resto da vida; só de pensar sentia uma dor profunda no peito enquanto lutava contra o pânico. Pelo menos, agora ainda tinha alguma visibilidade, alguma sanidade.

Permitiria que Zoe dormisse até a manhã, então ela teria que partir; não havia sentido na permanência dela. Não que iria querer ficar; ambos sabiam muito bem o que fora aquela noite... apenas isto, uma noite.

Voltou para perto da cama e, com a luz de fora, pôde ver o halo dourado de seus cabelos espalhados pelo travesseiro, o claro ombro nu acima do lençol escuro.

Era uma socialite vazia e mimada. Não importava o que dissesse, noites como aquela eram comuns para ela. Então, por que o pensamento da partida dela pela manhã o atingia como um soco no estômago? No coração?

Gentilmente, tão delicadamente que ela nem se mexeu, passou a mão pelo ombro dela, por suas faces, sentindo-a... vendo-a... pela última vez. A mão parou quando o polegar roçou a umidade em seus cílios. Uma lágrima?

Por que uma mulher como ela... uma socialite mimada... choraria?

Arrependimento e culpa o tomaram. Sabia que estava dispensando-a, sabia que precisava. Acreditar que ela era mais, podia ser mais para ele, era perigoso e sem sentido. Não podiam ter um futuro juntos.

Max afastou a mão e se deitou ao lado dela, garantindo que não a tocaria, que não seria atraído pelo calor do corpo dela. Ficou lá deitado, esperando que o sono chegasse. Queria o sono e, ao mesmo tempo, o temia, porque, embora garantisse o esquecimento, também significava escuridão e sonhos.

Capítulo Três

Zoe acordou lentamente para a luz do sol, sentiu-a sobre o corpo coberto pelo lençol, aquecendo seu rosto. Ficou com os olhos fechados, desfrutando do calor enquanto se espreguiçava langorosamente, o lençol de cetim frio contra sua pele nua. Nua?

Num instante as lembranças voltaram, fazendo-a sorrir. Seu corpo cantava de satisfação, seu coração se sentia pleno.

A noite passada... A noite passada fora maravilhosa. Abriu os olhos; o quarto estava iluminado pela alegre luz do sol da manhã que atravessava a cama vazia. Max se fora.

Surpreendeu-se por demorar tanto para perceber; sua ausência era como um grande e áspero buraco ao lado dela. Levantou-se e se enrolou no lençol, que se arrastava atrás dela, e passou pelas roupas jogadas no chão. Pensou em vesti-las, mas não conseguiu, parecia que, se o fizesse, tornaria a noite anterior alguma coisa vulgar e temporária, e não achava que fosse, esperava que não fosse. Ou estaria apenas sendo ingênua?

Na noite anterior, quisera esquecer quem era, o que era, nos braços de Max, e esquecera. E esta manhã, acordara se sentindo nova, diferente. Nos braços de Max, sentira-se inteira, curada, amada. Agora, percebia que estava sendo ridícula. Mal conhecia o homem; ele certamente não a conhecia, era *apenas* Zoe. Poderia uma noite... Uma noite maravilhosa... Realmente mudar aquilo?

Zoe entrou na sala de estar, a luz matinal fazendo-a parecer mais austera e elegante... e vazia. Max não estava lá. Olhou na cozinha, nos outros dois quartos, no escritório, na biblioteca e na enorme sala de jantar... E não o encontrou em lugar nenhum.

Teria *saído*?

Parou no meio da biblioteca com suas paredes cobertas por estantes com livros com capa de couro, uma enorme escrivaninha de mogno num dos cantos. O cheiro leve de couro e tabaco permeava o ar e, por um momento, Zoe se lembrou com força dolorosa de sua casa, de seu pai. Oscar.

Encheu-se de incerteza e medo. Olhou em volta, o lençol escorregando e se enrolando em torno de seus pés, e então o viu.

Estava do lado de fora, é claro. Olhara o terraço quando entrara na sala de estar e não vira Max, mas agora percebia que circundava todo o apartamento e Max estava do outro lado, através da sala de jantar. Atravessou os dois aposentos, o lençol se arrastando, e abriu a porta do terraço.

— *Aí está você* — disse, tentando um tom leve, mas percebeu a incerteza no tom, o medo no coração.

Max estava sentado a uma mesa de ferro trabalhado, uma caneca de café entre as palmas. Parecia perdido em pensamentos e só levantou os olhos quando ela se aproximou e ficou ao lado dele, sentindo-se ridícula embrulhada no lençol. Por que não vestira as roupas?

— *Aqui estou* — concordou, e sua voz não revelou nada.

— *Você fez café?* Não senti o cheiro na cozinha, mas estou louca por uma...

— *Fiz café há horas, está frio.* — Agora ela reconheceu o tom, e era totalmente indiferente.

— *Oh* — apertou o lençol com mais firmeza —, bem, talvez eu possa fazer mais. E pegar emprestada uma de suas camisas? — Jogou os cabelos para trás, obrigando-se a parecer mais confiante do que se sentia. Afinal, que homem poderia resistir a uma mulher embrulhada num lençol?

— Não acho que esta seja uma boa ideia.

Aparentemente, Max podia; a mão de Zoe soltou o lençol, que escorregou entre seus dedos. Max olhava-a com uma frieza remota que lhe secou a garganta e fez seus olhos arderem.

Não, por favor, não. Não isto, não esta rejeição total, a expressão nos olhos dele de... aborrecimento? Zoe teve medo de que fosse aquela emoção humilhante que via lá. Não era mais do que uma irritação com que teria que lidar antes de continuar seu dia. Ou estaria reagindo em excesso, abalada pela luta para superar as histórias horríveis nos tablóides, os olhares e sussurros?

— Por quê? — perguntou, obrigando-se a sorrir. — Seu café acabou?

— Não, não acabou, mas não acho que deva ficar tempo bastante para tomar café ou pegar roupas emprestadas.

Zoe piscou; sentiu como se tivesse sido esbofeteadada.

Abriu a boca e, pela primeira vez, não conseguiu responder com uma piada. Sua mente ficou vazia e desviou o olhar, piscando com força.

— Sua hospitalidade não é grande coisa. — Por mais que tentasse, a voz era trêmula.

— Não — concordou Max. A boca estava fechada numa linha dura, a expressão nos olhos gelada e tão terrivelmente decidida.

— A noite passada não significou nada para você?

Zoe se encolheu enquanto dizia as palavras. Que pergunta estúpida, era claro que não significara, não poderia ter deixado mais claro.

— Não — disse Max de novo — e acho que também não significou nada para você.

Como ele podia dizer isso? perguntou-se Zoe, quando se sentira tão diferente, tão *nova*! O orgulho obrigou-a a sorrir friamente.

— Bem, mesmo assim, uma xícara de café de despedida seria no mínimo uma cortesia.

— Lamento. — Não parecia lamentar nada.

— Certo. Bem. — Segurou o lençol com mais firmeza; a última coisa que queria era que a coisa caísse e a deixasse em pé, completamente nua, diante deste homem que a usara e rejeitara com uma crueldade fria. E ela permitira.

Quisera esquecer... e precisava admitir... Max a fizera esquecer. E agora, apenas tinha mais dor e mágoa para lembrar e para tentar esquecer... de novo.

— Você podia explicar a suas futuras amantes que tem uma política rígida para a manhã seguinte — conseguiu dizer com voz dura, como se estivesse com raiva e não arrasada — fora antes das 8h.

— Na verdade, são 9h — disse Max, a voz de enfado — mas me lembrarei do que disse.

— Bastardo — sibilou Zoe; não conseguiu se impedir de insultá-lo, era melhor do que chorar.

Max se virou para olhá-la de frente pela primeira vez desde que ela entrara no terraço.

— Você sabia em que estava se metendo, Zoe — disse, frio. — *Apenas* Zoe.

Alguns homens poderiam adoçar mais a pílula, mas o fato continua o mesmo. Tivemos uma noite juntos e acabou. Agora tenho trabalho a fazer. — Levantou-se, uma das mãos sobre a mesa. Zoe não se moveu e a boca de Max endureceu. — Você precisa ir embora.

— E quanto... — Zoe engoliu as palavras. Estava prestes a perguntar *E quanto ao momento em que toquei sua cicatriz? Eu o segurei em meus braços e significou tanto... para mim.* Era realmente muito, muito estúpida. — Certo.

Virou-se e saiu do terraço, e sua raiva era tanta que nem se importou quando o lençol se prendeu na porta e caiu, deixando-a totalmente nua. Atravessou os aposentos nua, zangada demais para se importar... ou para admitir que se importava... e encontrou as roupas no quarto. Vestiu-se, apanhou o xale e a bolsa perto da porta e apertou o botão do elevador com força desnecessária.

Pareceu um século até o elevador chegar e ela ficou lá, tensa, respirando com dificuldade com o esforço de reprimir sua emoção, incapaz de se virar e olhar para Max, de ver o desdém que sem dúvida lhe cobria as feições. Finalmente as portas se abriram e sentiu Max atrás dela, embora não tivesse olhado para ele desde que a mandara embora. Entrou no elevador e se virou, determinada a lhe lançar um insulto final.

— Vá para o inf... — As palavras morreram quando o viu em pé junto à porta do terraço, o lençol que a embrulhara pressionado contra o rosto, os olhos fechados.

Não parecia consciente dela e, antes que pudesse dizer qualquer coisa, as portas se fecharam e ela estava descendo, afastando-se de Max para sempre.

O lençol cheirava muito levemente a água de rosas. Max respirou profundamente, os olhos ainda fechados, tentando reconstruir na mente o rosto dela, a sensação do seu corpo. Uma lembrança, tudo estava se tornando uma lembrança.

Suspirando, o som áspero pelo arrependimento, deixou cair o lençol. Quase tropeçara na maldita coisa e pensara apenas em afastá-lo com um pontapé, mas então sentira aquele cheiro tão leve...

Suspirou de novo e então praguejou.

Acabara, nunca mais veria Zoe. Deixou escapar uma risada áspera à ironia das palavras. É claro que nunca mais *veria Zoe*. E por isto a mandara embora com tanta grosseria. Naturalmente, jamais passava mais do que alguns dias... ou semanas... com uma mulher, mas tratara-as sempre com um respeito que não demonstrara por Zoe.

Não tivera escolha, o corte tinha que ser limpo, final. Tudo parecia tão final.

Praguejando de novo, Max andou com passos cuidadosos até o escritório. Pelo menos, ainda tinha seu trabalho... por enquanto. Quando isto lhe seria tomado? Como trabalharia se não podia ler um jornal ou a tela de um computador? Estas tarefas já estavam se tornando difíceis, quase impossíveis, e era apenas uma questão de tempo até que tudo se transformasse na mais total escuridão. Para sempre.

E ficaria impotente, tão impotente como uma criança mais uma vez. Não suportaria sentir aquilo de novo, e certamente não suportaria que alguém o visse assim.

E por isto mandara Zoe embora.

Bastardo.

Sim, era um bastardo, e ela era uma socialite vazia, e eles se esqueceriam um do outro numa quinquena. Para o próprio bem, Max rezava para que fosse verdade.

Vá para o inferno.

Max sorriu, sem humor. Já estava lá.

Zoe tomou um táxi de volta para o apartamento Balfour; seu corpo e sua mente doíam e se sentia completamente exausta, gasta, usada. Suspirou e encostou a cabeça no vidro da janela. O sol matinal desaparecera e o céu estava nublado, cor de chumbo, e uma chuva miúda caía. O clima combinava perfeitamente com seu humor.

Por que saía com Max? O que esperava conseguir? Embora gostasse de uma festa, era muito particular quanto a parceiros de cama. Não pulava na cama de qualquer um e, no entanto, na noite anterior...

A noite anterior tinha sido diferente, Max tinha sido diferente. Ou, pelo menos, achara que era, que finalmente tinha se encontrado. Mas nada mudara, ela não mudara. Max Monroe era um cretino autocentrado, e ela era exatamente o que tinha sido antes e o que o chamara... uma bastarda.

O apartamento estava escuro e calmo quando Zoe entrou e jogou as chaves sobre a mesa de mármore do grande foyer de entrada. Oscar Balfour mantinha uma governanta em tempo integral para cuidar do apartamento, mas ela folgava nos fins de semana e Zoe ficou contente. Queria estar sozinha, precisava estar sozinha; não conseguiria enfrentar qualquer tipo de conversa.

Tirou a roupa, jogando-a num canto e jurando nunca mais vesti-las; então foi para o banheiro e encheu a banheira com água bem quente, jogou sais de banho e mergulhou nas bolhas, suspirando de alívio.

Ficou lá até a água esfriar, e então saiu do estado de abençoada letargia, quando bloqueara o mundo e seus muitos problemas e lembranças. Vestiu um pijama no qual ninguém jamais a vira... Um velho pijama cinzento... E se deitou na cama, os joelhos no peito.

O apartamento estava silencioso e escuro, vazio. Enrodilhada na enorme cama, nunca se sentiu tão sozinha, tão solitária, girando num grande vazio de incerteza e inutilidade.

E então, antes que pudesse se impedir, as lágrimas que estava segurando há semanas desceram, soltas, queimando-lhe o rosto, esvaziando-lhe a alma. Não soube por quanto tempo chorou, os soluços-lhe abalando o corpo já que, pela primeira vez, não segurou nada, não fingiu para si mesma que tudo estava bem, que era forte como seu pai dissera.

Não era, pensou Zoe enquanto enxugava o rosto. A perda do nome Balfour significara a perda de sua identidade. Era humilhante descobrir isto, sentir como se não tivesse nada de seu, como se *não fosse* nada.

E teria realmente pensado... mesmo por algumas horas... Que Max Monroe pudesse-lhe dar o que não tinha? Que, com ele, sabia quem era?

— Sei quem eu sou — disse Zoe em voz alta. A voz era baixa e triste, patética. No entanto, ainda abraçando os joelhos junto ao peito, lembrou a si mesma o tipo de

mulher que era, o que sabia fazer de melhor. Brilhar. E brilharia.

Zoe brilhou e frequentou festas, e se manteve ocupada, toda a sua energia e todas as suas emoções dedicadas às questões triviais de comprar e decidir qual seria a melhor diversão da noite. Voltava ao apartamento apenas para guardar as compras e para dormir, e ignorou com determinação a censura silenciosa da governanta, Lila.

Recusava-se a pensar em Max. Não pensava em nada, em ninguém, nem mesmo em si mesma. No entanto, a cada festa se sentia mais frágil, mais frenética, agarrando-se a um estilo de vida que lhe escapava. Talvez estivesse acontecendo há anos e fora necessário o susto de saber sobre seu nascimento para compreender que não poderia ser uma garota festeira para sempre.

Precisava crescer algum dia, precisava fazer alguma coisa, ser forte. Mas não tinha ideia de como ser forte ou mesmo de quem era ou como descobrir.

Três semanas depois de sua noite com Max, Oscar telefonou. Zoe não teria atendido... não queria falar com o pai... Mas estava dormindo e pegou o celular sem acordar direito.

— Zoe? — O tom áspero de Oscar fez com que ela se sentasse.

— Pap... — Comprimiu os lábios e ouviu Oscar suspirar.

— Não tive notícias suas desde que chegou a Nova York, Zoe, e queria saber se você está bem. Parece que está dormindo...

— Estava.

— São 13h.

— Fiquei fora até tarde a noite passada.

A pausa mínima, gelada, mostrou a Zoe que Oscar não estava feliz com aquilo.

— Quer dizer que não tomou providências para conhecer seu pai?

— Ele não é meu pai.

— Não é mesmo. — O tom de Oscar ficou mais gentil: — Mas sabe do que estou falando, Zoe, e...

— Não decidi ainda se quero conhecê-lo — cortou Zoe. — Ele não teve interesse em mim antes...

— Talvez ele não saiba que você existe.

— Acha que minha mãe nunca lhe contou?

— Duvido muito, Zoe. Sua mãe era casada, você sabe, comigo.

— Bem, mesmo assim, não sei se quero conhecê-lo.

— Então talvez você deva voltar — disse Oscar depois de um momento — para a Mansão Balfour.

A Mansão Balfour... o único lugar que considerava seu lar, com os aposentos agradáveis e os gramados amplos, seu senso de história e honra, seguro de seu lugar de destaque no mundo.

Se apenas ela sentisse a mesma coisa sobre si mesma.

— Zoe...? — Ela balançou a cabeça como se ele pudesse vê-la.

— Não posso. — Não podia enfrentar a pena ou a curiosidade do mundo, os tabloides que não a deixariam em paz, os amigos dos tempos de bonança que a abandonariam... já haviam abandonado... ao primeiro sinal de perigo. Não podia, embora

uma grande parte dela quisesse voltar para casa, para a segurança do lar.

— Se não pode voltar — disse Oscar, um sorriso na voz — então siga em frente. É por isto que está em Nova York... Não apenas para usar meu cartão de crédito. — Embora a gentileza da voz tirasse a dureza das palavras, Zoe ficou ruborizada de culpa.

— Está bem — concordou, relutante, e Oscar suspirou:

— Amo você, Zoe.

As lágrimas lhe queimaram os olhos. Pensara que já as derramara todas, no entanto lá estavam elas de novo.

— Amo você também.

Depois de desligar, levantou-se da cama e andou pelos aposentos vazios e silenciosos do apartamento Balfour. No terraço, deixou-se cair numa cadeira de ferro e levantou as pernas até o peito. Era um dia lindo, o céu um azul pálido, lavado, as árvores do Central Park um verde vivo. Mesmo na cidade, tudo cheirava a limpo, novo. *Se não pode voltar, então siga em frente.* Apesar do medo, sabia que o único passo à frente que podia dar era o que a levava a Nova York. Precisava encontrar o pai.

Capítulo Quatro

Zoe observou mais uma vez o brilhante edifício de vidro; era um dos mais altos, mais imponentes edifícios da Fifty Seventh Street. Uma placa de bronze junto às portas da frente, guardadas por um porteiro de terno azul-marinho com galões dourados, tinha duas palavras discretas: Anderson Finance.

Thomas Anderson, o presidente e fundador da empresa, o homem que viera aqui para conhecer.

Respirou fundo e andou energicamente até o foyer do edifício, cumprimentando o porteiro com um aceno imperioso, os saltos batendo no piso de mármore negro.

— Posso ajudá-la, senhorita? — Uma mulher bem penteada e com muita maquiagem lhe deu um sorriso de cortesia quando Zoe estava a meio caminho dos elevadores.

Devolveu o sorriso cortês. — Vim ver Thomas Anderson.

— Ele a está esperando? Zoe deu sua risada ensaiada.

— Não, na realidade é uma surpresa. — Bateu os cílios e viu um breve olhar de desagrado no rosto da mulher.

— Lamento dizer que o sr. Anderson não gosta de surpresas — disse com um sorriso gelado — e tem reuniões marcadas para toda a manhã...

— Então ligue para ele — interrompeu Zoe. Sorriu com doçura. — Diga-lhe... diga-lhe que Zoe Balfour está aqui para vê-lo, a filha de Alexandra Balfour.

Com a expressão contrariada, a mulher pegou o telefone. Zoe precisou de toda a sua força de vontade para ficar em pé, um pequeno sorriso nos lábios, parecendo totalmente indiferente ao resultado do telefonema. A mulher desligou.

— Ele vai recebê-la, andar 26.

Zoe ampliou o sorriso, deu um adeus com os dedos e foi para o elevador, onde apertou o botão do andar indicado. Quando parou e as portas se abriram, viu-se numa grande área de recepção, com metros e metros de carpete creme, alguns sofás de couro, muita arte moderna nas paredes.

Uma assistente pessoal se levantou de uma escrivaninha com tampo de vidro e se aproximou.

— Zoe Balfour?

— Sim.

— O sr. Anderson a receberá agora, mas lamento dizer que por apenas alguns minutos. Tem...

— Uma reunião atrás da outra, eu soube — completou Zoe.

A assistente bateu de leve numa porta dupla de mogno polido antes de abri-las e fazer Zoe entrar num escritório tão grande e luxuoso como a sala de espera. No fim do que parecia um acre de carpete fundo, um homem estava atrás de uma escrivaninha, de costas para ela. Olhava através de uma janela do piso ao teto para a rua abaixo, uma floresta de edifícios se estendendo no horizonte. Zoe o reconheceu pela foto que vira numa seção de Economia do *New York Times*. Os bastos cabelos grisalhos, os ombros largos... nem precisava ver seu rosto para saber que este era o homem que procurava. Seu pai.

Mesmo assim, não estava preparada para o choque que lhe percorreu o corpo quando ele finalmente se virou e ela olhou para um par de olhos do mesmo verde-jade dos dela. Sempre se sentira uma anomalia entre as irmãs, com os brilhantes olhos azuis Balfour, iguais aos do pai. Os dela eram tão diferentes e agora sabia quem os dera a ela. E a estavam observando com uma expressão de fria cortesia.

— Srta. Balfour? Como posso ajudá-la?

Ele não tinha ideia do motivo por que ela estava ali, pensou Zoe, atordoada. Ou, pelo menos, era bom em fingir que não sabia.

— Acho que conheceu minha mãe, sr. Anderson, Alexandra Balfour.

A expressão nos olhos verdes se tornou cautelosa.

— Eu não... Sim, foi há muito tempo. Fui a Londres a negócios um verão e acho que nos conhecemos. — Ergueu uma sobrancelha. — Perdão, srta. Balfour, presumi que viera aqui pedir para alguma caridade ou qualquer coisa assim. Recebo inúmeros pedidos e...

— Não foi por isto que vim — os dentes estavam cerrados — e você sabe disto. — Era verdade, Thomas Anderson sabia exatamente o que fora fazer lá.

— Como lida com finanças, acredito que é bom em Matemática — continuou, fria. — Você conheceu minha mãe em junho, há 27 anos. Fiz 26 anos em abril.

O silêncio carregado continuou por um tempo longo demais. O olhar de Thomas Anderson ficou terrivelmente frio.

— Sinto dizer, srta. Balfour, que não tenho ideia do que está falando.

Zoe apenas olhou para ele tentando combater a imensidão de esperança desapontada que a consumia. Teria mesmo pensado que a aceitaria como filha? Abrisse os braços e a abraçasse como a filha pródiga? E ela queria mesmo aquilo? Pelo menos uma pequena e desesperada parte dela queria. As unhas se apertaram contra as palmas das mãos e Zoe ergueu o queixo.

— Não sei o quanto chegou aos jornais daqui, sr. Anderson, mas há pouco mais de um mês uma história surgiu no Baile de Caridade Balfour... Um escândalo. — A expressão do pai não mudou. — A história era que minha mãe... Alexandra Balfour... Teve um caso há 27 anos e sua filha caçula é, na verdade, ilegítima.

O sorriso dele foi gelado.

— Não leio o tipo de jornais que publica estas histórias, srta. Balfour.

— Não, você apenas as vive. — O veneno de suas palavras chocou a ambos, mas Zoe não pediu desculpas. — Este episódio na vida de minha mãe foi descoberto por um antigo diário que escrevia. Ela o indicou como meu pai. — Não era exatamente verdade... Não escrevera o nome dele... Mas quantos homens de negócios americanos haviam passado o verão em Londres e foram convidados para uma temporada pequena na Mansão Balfour e tinham olhos cor de jade?

Thomas Anderson olhou longamente para ela e, por um segundo, Zoe pensou que admitiria. Explicaria, pediria desculpas.

Ansiava por aquilo, pela explicação e, mais importante, pela aceitação. Então ele lhe deu as costas.

— Sinto muito — a voz era calma — não sei do que está falando.

— Está dizendo que não teve um caso com minha mãe? — exigiu Zoe, incrédula e desesperada.

Ele fez uma pausa, hesitou ligeiramente, mas aquilo lhe revelou a verdade.

— Conheci sua mãe socialmente por um tempo muito curto.

— Então ela mentiu? Num diário que escondia num livro infantil, um diário que jamais esperava que alguém visse, ela mentiu?

— Lamento — disse Thomas de novo, ainda de costas para ela, a voz baixa.

— Lamenta exatamente o quê? — exigiu Zoe. — Ser meu pai ou não ser capaz de admitir? Posso fazer um teste de DNA...

— Para isto, seria preciso uma batalha judicial — disse, áspero. — Acho que nenhum de nós iria querer isto.

Mais escândalo, mais vergonha.

— Por que não quer admitir? — Sentiu o ardor de lágrimas e piscou com força. — Temos a mesma cor dos olhos. Ninguém na minha família... Nenhum Balfour... tem olhos verdes como os meus. Mas você tem.

Viu o corpo dele ficar tenso e, quando se virou para ela, qualquer traço de compaixão desaparecera completamente. Estendeu a mão e apertou um botão no telefone.

— Meu guarda de segurança a escoltará para fora, srta. Balfour, nossa conversa terminou. — Fez uma pausa, os olhos... Tão verdes e tão frios... fixos nos dela. — Acho

que não preciso adverti-la que, se esta história se espalhar de alguma forma, eu a processarei por calúnia.

Zoe ficou atônita.

— Está me ameaçando?

— Apenas declarando um fato.

Ela balançou a cabeça e seu olhar caiu num porta-retratos de prata sobre a escrivaninha. Estendeu a mão e virou-o para ver a foto. Era de uma família. Uma mulher, de 50 anos, talvez, com cabelos grisalhos bem cortados e dois meninos e uma menina. A menina era, na realidade uma mulher da idade dela. Os meninos eram mais jovens, adolescentes.

Ele tinha uma família, é claro. Ela ficou lá, olhando para seus meio-irmãos e sua meia-irmã que jamais conheceria, que jamais iriam querer conhecê-la. Não pertencia a eles, não pertencia aos Balfour, não pertencia a ninguém.

As portas atrás dela se abriram e ela sentiu uma mão pesada em seu cotovelo.

— Srta. Balfour, deixe que a leve para fora. — A voz era educada, mas implacável.

Zoe lhe afastou a mão.

— Não me toque.

Voltou-se para Thomas Anderson, que a olhava como se ela fosse uma barata que acabara de matar.

—Pode negar o quanto quiser, mas você e eu sabemos a verdade.

O segurança lhe segurou o braço de novo e puxou-a para trás. Zoe olhou para o pai, dor e ódio a queimando.

— Nós dois sabemos e nunca, nunca esquecerei ou perdorei isto. Nunca.

Livrando-se novamente do segurança, virou-se e saiu da sala. Não percebeu o olhar curioso da assistente nem dos homens de negócios que entraram no elevador em diversos andares enquanto descia para o lobby. Ignorou a mulher na escrivaninha e o porteiro que abriu a porta.

Não sentia nada além da própria dor, não via nada, a não ser a expressão de total rejeição no rosto do pai. Era seu pior medo, seu pior pesadelo e acabara de vivê-lo.

Sentia a mente vazia, a visão turva e bile na boca. Precisava recuperar o controle, mas não sabia como. Respirou fundo, de novo, tentando se equilibrar, mas o estômago revirava e se dobrou, um suor frio lhe cobrindo a testa.

Ouviu o celular tocar na bolsa e, com uma onda louca e impossível de esperança, se perguntou se seria seu pai, que mudara de ideia, queria pedir desculpas.

Era Karen.

— Zoe! Só queria ter certeza que você sairia conosco esta noite, para a abertura de uma nova boate no Village...

Zoe se encostou na parede do edifício e fechou os olhos; a testa ainda estava coberta de suor gelado e sentia um gosto metálico na boca.

— Uma nova boate? — disse, tonta. Mal podia compreender as palavras de Karen.

— Sim, é claro! Você parece estranha, está se sentindo bem?

Zoe encostou a cabeça de novo na parede de tijolos e, por um momento insano,

quis fazer confidências. *Não, não estou bem, fui totalmente rejeitada por dois homens... Provavelmente os dois homens mais importantes da minha vida... No espaço de duas semanas. Não sei quem sou ou o que quero ser e já devia ter descoberto. Estou tão apavorada.*

— Estou bem. — Karen não era o tipo de amiga que gostaria de ouvir sobre seus medos, não tinha essa espécie de amigas.

— Então, vai conosco esta noite? Zoe abriu os olhos.

— Sim.

Foi à boate com Karen e um grupo de amigos de Nova York, determinada a esquecer Thomas Anderson e Max Monroe. Os dois... E seus olhares idênticos de indiferença desdenhosa... A assombravam, suas palavras frias de negação e rejeição se repetindo em sua mente, em seu coração. Mesmo assim, Zoe tentou ser o que esperavam dela, dançando e rindo e flertando, embora se sentisse tão tensa que parecia prestes a quebrar. Depois de apenas uma hora, a música alta fez sua cabeça doer e o coquetel que tomava lhe deixava um gosto amargo na boca. Deixou-o praticamente intocado no bar e foi ao banheiro.

As luzes fortes no espelho destacaram o rosto pálido. Parecia péssima, pensou Zoe enquanto esperava na fila por uma cabine vazia. Duas mulheres em vestidos muito curtos e saltos stiletto passavam batom diante do espelho.

— Levei um susto tão grande na semana passada — disse uma delas, e Zoe se viu escutando a conversa, curiosa apesar de tudo.

— Oh? — A outra mulher parecia desinteressada.

— Sim. — Guardou o batom na bolsa. — Minha menstruação atrasou três dias, mas felizmente não estava...

— Grávida? — completou a amiga, enquanto também guardava o batom. — Que pesadelo.

Zoe observou-as sair e não se moveu até que a mulher atrás dela na fila bateu em seu ombro.

— Está na fila ou não?

— Oh, desculpe — sussurrou Zoe. — Não, não estou. Saiu tropeçando do banheiro, a mente um tumulto.

Um susto tão grande... atraso de três dias... Felizmente não estava... grávida.

Grávida. Grávida. Grávida.

A palavra se repetia como o toque de um tambor em sua mente. Mesmo em seu estado letárgico, conseguiu fazer as contas. Sua menstruação devia ter ocorrido... quando? Mais de três dias atrás, quase cinco. E era regular, tão previsível como um relógio, mas...

Max havia usado preservativo. Sentiu-se como uma adolescente, estúpida e descuidada, exigindo que aquilo não acontecesse com ela. Não podia estar grávida.

Não estava, garantiu a si mesma, estava estressada, infeliz; aquelas coisas faziam uma diferença.

Mesmo assim, não podia ficar sem a resposta à pergunta e, sem nem mesmo se desculpar com seu grupo, deixou a boate e saiu para a rua na chuva. Chamou um táxi e

foi para casa, parando apenas numa farmácia aberta 24 horas para comprar um teste de gravidez.

Vinte minutos depois, já no apartamento, olhou para as duas linhas rosadas e então para a brochura que explicava os resultados. Olhou mais uma vez para as linhas e leu de novo a brochura.

Não havia como escapar, como negar. Estava grávida do filho de Max Monroe.

Só de pensar em Max seu estômago embrulhou; ele a mandara embora depois de uma noite, o que faria quando... se... Descobrisse que era o pai do filho dela?

No entanto, mesmo enquanto se fazia a pergunta, percebeu que não havia *se* sobre o assunto. A vida dentro dela era minúscula, mas estava lá. Era parte dela, parte de Max, e Max precisava saber.

Zoe precisou de três dias para criar coragem para enfrentar Max. Primeiro precisava encontrá-lo. Não sabia o endereço do apartamento dele e nem mesmo tinha certeza se queria conversar com ele lá, em seu próprio domínio, onde haviam feito amor. Se é que o que haviam feito era relacionado ao amor, o que agora sabia que não era. Mesmo assim, resultará num bebê, numa vida, e por isto tinha que contar a Max.

Uma busca rápida na Internet lhe deu o endereço da Monroe Consulting, um edifício perto de Wall Street, e Zoe foi até lá. Teve uma sensação doentia de *déjà-vu* quando passou pela porta. Havia uma fila de escrivainhas guardando a entrada para os elevadores, que levavam aos escritórios nos andares superiores.

Um segurança com expressão de enfado a fez parar.

— Quem você veio ver?

— Max Monroe.

O guarda acenou e pegou o telefone.

Zoe observou, o coração disparado como antes, mal acreditando que estava na mesma situação desconfortável em que estivera apenas três dias antes. Mais uma vez estava prestes a confrontar um homem hostil e lhe dar a notícia desagradável de que ele era pai.

E desta vez era muito mais importante.

— Nome? — perguntou o guarda.

— Zoe. — Ele esperou, e ela acrescentou: — Apenas Zoe. Ele saberá quem sou.

O guarda deu de ombros e falou de novo ao telefone; Zoe não conseguiu ouvir o que ele disse. Depois de apenas alguns segundos ele colocou o aparelho na base. O olhar de enfado fora substituído por um de interesse e Zoe ruborizou.

— Ele disse que não a está esperando, senhorita.

— Não telefonei antes — confirmou Zoe com um sorriso que esperava fosse tranquilo — espero que o sr. Monroe não desgoste de surpresas.

— Ele parece não gostar, mas, de qualquer maneira, não quer vê-la. — Voltou ao jornal que estava lendo quando ela chegara. — Lamento.

Zoe olhou para o homem sem acreditar, o rubor se intensificando, se espalhando por todo o seu corpo. Max Monroe não a deixaria nem entrar em seu escritório, não queria vê-la de jeito nenhum. Respirou fundo enquanto a visão nublava e a náusea lhe subia até a garganta.

— Compreendo — conseguiu dizer. — Obrigada.

Com as pernas fracas, saiu do edifício e parou no meio da multidão que enchia a calçada. Sentiu a brisa do rio Hudson lhe desmanchar os cabelos e respirou fundo algumas vezes, tentando acalmar seus nervos, seu corpo trêmulo. Mesmo agora, mal podia acreditar que fora totalmente rejeitada pela segunda vez. Max Monroe não lhe daria a oportunidade de lhe contar sobre o bebê, mas Zoe estava determinada a não lhe dar a oportunidade de escapar.

Max se recostou na cadeira em total desconforto de corpo e mente. Por que Zoe... *apenas* Zoe... viera vê-lo? Deixara bem claro que não queria um relacionamento ou vê-la de novo. *Não podia*. No entanto, ela o encontrara e tentara vê-lo... por quê?

Fizera o possível para esquecê-la e esquecer a noite que tiveram juntos. Precisara de muita concentração para *não* pensar nela... O cheiro de seus cabelos, a seda de sua pele, aquela risada inesperada e rouca.

E mais do que isto... o modo como o tocara, com mãos tão gentis, como se *sentisse* alguma coisa, até mesmo o amasse. Ainda podia sentir o toque dos lábios dela em sua pele, na cicatriz, e a reação de agonia de desejo dentro dele.

Não, precisava esquecer, não havia futuro, esperança. Além disso, disse a si mesmo, levantando-se da cadeira num movimento abrupto, ela não valia a pena.

Era vazia, insípida, uma borboleta social vulgar e sem substância. O único motivo por que ficara com tanta raiva na manhã seguinte à noite que tiveram juntos foi orgulho ferido, nada mais. Provavelmente preferia ter sido ela a dizer adeus. Max precisava acreditar nisto.

Lentamente, andou até a janela do piso ao teto para olhar uma vista que desaparecia rapidamente demais. Podia ver o sol, uma bola dourada de fogo no céu, refletindo-se nos vidros dos edifícios, abaixo, iluminando o mundo.

Naquela manhã, tivera a consulta regular com o oftalmologista, para acompanhar o ritmo da degeneração das retinas.

— Não houve mudanças significativas — dissera o médico, como se isto fosse um encorajamento. — Terá momentos de visão boa, até mesmo perfeita, seguidos por crescentes pontos de cegueira e períodos de cegueira total. Como disse antes, não é um processo previsível.

— Não — Experimentara alguns daqueles momentos maravilhosos, nos quais parecia que sua visão voltara a clarear, mas foram seguidos novamente pela mancha cinzenta. Parecia uma provocação.

Assim como saber que Zoe procurara por ele parecera uma provocação. Quisera vê-la de novo, senti-la de novo, e não podia. Não suportaria a dor de falhar com ela, a rejeição quando *ela* se afastasse.

O sol mergulhara abaixo da linha do horizonte dos edifícios e Zoe continuava sentada no banco diante da entrada do edifício de Max Monroe. Estava enrijecida, gelada e faminta... Sem mencionar a necessidade desesperada de ir ao banheiro... Mas não se movera em quase três horas.

Desde o momento em que descobrira que carregava esta minúscula e preciosa vida, tivera a certeza de uma coisa: Max saberia que era o pai e se envolveria. De que

maneira, como aconteceria, Zoe não ousava imaginar. Mesmo assim, estava determinada a não permitir que seu bebê crescesse sem saber quem era seu pai, Como acontecera com ela. Garantiria que ele... ou ela... saberia.

O problema era que não tinha certeza se Max queria saber; na verdade, estava quase certa que não queria.

E então viu Max, sentiu-o. Os pelos finos dos braços arrepiaram e ela teve consciência dele, sentiu medo e atração. Observou-o sair do edifício, bonito e severo em seu terno escuro, uma capa de chuva sobre um braço. Caminhava lentamente, os passos cuidadosos e deliberados de uma forma que o coração de Zoe doeu. Parecia, pensou, um homem sob o peso da experiência, da vida, da dor. O que acontecera para fazer Max parecer tão acabrunhado?

Quando ele chegou ao meio da calçada, Zoe se levantou. Ele parou e ambos ficaram lá, olhando um para o outro enquanto a multidão passava em torno deles, silenciosos e esperando.

Max havia parado por instinto. A calçada diante de seu edifício estava cheia de pessoas andando apressadamente de um lado para o outro, correndo para casa ou para um restaurante, esperando por um amante ou um filho. Todos tinham alguém.

E, aparentemente, ele também, pelo menos naquele momento, porque, embora não pudesse vê-la, podia senti-la. Zoe estava aqui, esperando por ele, e, quando parou, chegou até ele o leve perfume de rosas. Onde ela estava?

Andou para a frente, evitando as sombras das pessoas que passavam, deixando que o instinto e a necessidade o guiassem. E então a sentiu diante dele, viu por um momento a suave queda dos cabelos dourados, o brilho dos olhos verdes e o adorável, adorável som de sua voz:

— Max.

— Você é teimosa, não é? — Pretendera parecer duro, mas não conseguiu evitar o indício de sorriso em sua voz.

— Prefiro a palavra *determinada*.

— Como quiser. — Respirou fundo, obrigando-se a engolir as palavras que estava desesperado para dizer. *Você voltou. Você cheira a primavera. Toque-me.* — Não temos nada a dizer um ao outro, Zoe. — Começou a se afastar; podia ver a sombra escura da limusine que o esperava, seu motorista pronto.

— Na verdade, temos. — Ela se mexeu depressa... depressa demais... em frente a ele e quase tropeçou.

Sentiu-se irritado e sua voz soou mais fria do que nunca:

— Então vou consertar: *eu* não tenho nada a dizer a *você*.

Ela riu, um som que ele nunca ouvira antes. Havia tanta amargura e cinismo que ele se sentiu cheio de dor.

— Talvez você tenha, quando ouvir o que tenho a dizer...

— Eu não...

— Estou grávida.

As duas palavras fizeram Max se imobilizar completamente. Reverberaram por seu corpo, sua alma vazia. Grávida. Um bebê. *Seu bebê*. Ou não.

A voz era fria e a dispensava enquanto passava por ela:

— Como disse antes, não tenho nada a lhe dizer.

Zoe observou Max se afastar dela em incredulidade chocada; então veio a fúria, percorrendo-a como um rio de lava, a incredulidade dando lugar à determinação.

— Vai apenas se afastar? Não vai nem mesmo conversar? Ele se virou para falar com ela, o corpo rijo.

— Se pudesse fazer algumas contas simples, Zoe, saberia que não passou tempo suficiente para você saber se está grávida. — Inclinou a cabeça no que ela considerou uma despedida e começou a se afastar de novo.

— Nunca fui boa com números — disse às costas dele —, mas foi há algumas semanas. Atualmente, é possível fazer um teste de gravidez com apenas dez dias. Tempo suficiente, Max.

Ele parou de novo, as costas para ela, e trinta segundos se passaram em silêncio tenso.

— Entre no carro.

Zoe viu a limusine esperando junto à calçada e, sem uma palavra, andou até ela e entrou. Max a seguiu, movendo-se com a precisão cuidadosa que, para Zoe, significava que estava muito zangado ou sofrendo uma grande dor, ou talvez os dois.

Quando o motorista fechou a porta e começou a se mover pelo tráfego da cidade, ele falou:

— Você não pode ter nenhum sintoma ainda, e eu usei um preservativo. O que diabos a fez pensar em fazer um teste de gravidez? — Virou para ela seus brilhantes olhos cinzentos. — Você fez um, suponho?

— Sim. Ouvi uma conversa entre duas mulheres e percebi que estava atrasada, assim somei dois e dois...

— E chegou a um detestável três.

Zoe comprimiu a barriga com a mão; então, a ideia de uma gravidez... De um bebê... Era *detestável* para ele. Uma inconveniência, uma irritação. A amargura lhe temperou as palavras:

— Você deixou claros seus sentimentos.

— Espera que eu *queira* este bebê? — perguntou, incrédulo, e ela balançou a cabeça.

— Não, suponho que seria pedir demais.

Olhou sem ver pela janela, perguntando-se por que viera. Quando descobrira que estava grávida, parecera-lhe essencial contar a Max. Queria que seu bebê tivesse um pai, mas devia ter percebido que Max dificilmente aceitaria o papel de pai com alegria. Eles mal se conheciam e a última coisa que queria para seu bebê era um pai que o rejeitasse... Como ela fora rejeitada.

— O que você quer fazer? — perguntou Max finalmente, a voz terrivelmente neutra. — De alguma forma, não acho que precise de dinheiro, mas se é disto que está atrás...

Zoe se virou no banco para olhar para ele.

— Não estou *atrás* de nada. — As palavras mal passavam pelos dentes cerrados. —

Idiota que sou, pensei que pudesse lhe *interessar* saber que produziu um bebê.

Max se virou para a janela para que ela não pudesse ver sua expressão.

— Está me dizendo que pretende tê-lo? Zoe se encolheu.

— Você prefere que eu não o tenha?

Ele deu de ombros, sem dizer nada, e ela se sentiu cheia de revolta. Quando ele finalmente falou, foi apenas um sussurro:

— Não.

— Não?

— Não estou lhe pedindo para fazer um aborto, se não quiser — o rosto ainda estava virado para a janela — não sou tão egoísta. A limusine parou diante do prédio do apartamento de Max e ele desceu, deixando Zoe sem alternativa a não ser segui-lo, tropeçando mais uma vez nas pedras irregulares.

Eles não conversaram no foyer ou no elevador. Zoe esperou, tensa, enquanto Max atravessava a sala de estar e se servia de uma grande dose de uísque e a tomava de uma vez.

— Eu lhe ofereceria uma bebida, mas suponho que não pode — disse de costas para ela, a voz sombria com um humor negro.

— Não, é apenas aquele horrível chá de ervas — disse ela, a voz leve. — Mataria por uma xícara de café.

— Certamente um pouco de cafeína não lhe faria mal, assim tão cedo?

Zoe deu de ombros. Lera que o excesso de cafeína podia causar um aborto espontâneo, mas que uma xícara por dia não fazia mal; decidiu não correr nenhum risco. Queria aquele bebê, queria muito, mais do que qualquer coisa, mais até do que queria ser uma Balfour, o que a surpreendia.

— Então — Max deixou o copo sobre uma mesa e se virou para ela — agradeço por me contar, mas exatamente o quê está esperando conseguir aqui?

Ela engoliu; era, sabia, uma boa pergunta. O que *estava* fazendo ali? O que queria... Realisticamente, possivelmente... de Max?

— Quero que se envolva na vida do nosso bebê.

— Me envolver? — repetiu, incrédulo. — Do que está falando?

Seu total distanciamento a feriu, lembrou-a da recusa absoluta do pai biológico de reconhecê-la.

— Estou falando sobre responsabilidade, Max...

— A coisa responsável teria sido não ficar grávida, em primeiro lugar — interrompeu Max. — Fora isto, seria lhe dar dinheiro...

— Não. — Zoe deu um passo em direção a ele, a mão sobre a barriga. — Você tem realmente um coração assim tão frio que deseja seu próprio filho fora da sua vida?

O rosto e a voz de Max eram inexpressivos:

— Não posso ter certeza que é meu, posso?

— Podemos fazer um teste de paternidade quando você quiser. Não tenho nada a esconder.

— Não tem? — Max continuou imóvel, mas Zoe podia sentir seu calor, sua raiva dela. — Apenas Zoe? Quem é você realmente?

Zoe lhe encontrou o olhar, a voz firme:

— A mulher que vai ter seu filho.

Max riu.

— Você é realmente uma coisa.

— O quê...

— Já pensou o que significa ter este bebê, Zoe? O que ele fará a seu corpo adorável, ao seu estilo de vida? Nada de festas, nada de noitadas, nada de passar a noite com seu último amante...

— Isto não é justo. — Zoe sentiu o ardor de lágrimas e piscou furiosamente. — Você não me conhece...

— Exatamente, não a conheço. Sabe pelo menos o que significa ter um bebê? — A voz era áspera. — Ou está apenas considerando este bebê... esta vida... Como outro acessório da moda, alguma coisa diferente porque está entediada?

Cada palavra, pensou Zoe, aturdida, era uma condenação. É claro, havia poucos motivos para Max Monroe ter uma opinião melhor dela; não lhe dera motivos. Não dera motivos a *ninguém*. E em pé ali, o rosto totalmente pálido, a boca seca, pensou se as palavras dele eram verdadeiras.

Seria egoísmo... até mesmo estupidez... Ter um bebê porque queria uma família dela mesma? Porque, finalmente, teria alguém a quem pertencer e que lhe pertenceria? Talvez fosse, mas mesmo enquanto esses pensamentos... medos... lhe percorriam a mente, Zoe soube que queria aquele bebê por outros motivos além de seus desejos egoístas. Queria-o porque era uma criança, a criança *dela*, uma parte de seu corpo, e ele ou ela merecia viver.

— Se eu quisesse um acessório de moda — disse finalmente, a voz seca — compraria uma pulseira.

Max inclinou a cabeça em reconhecimento e quase... quase... Viu um indício de um sorriso, um brilho nos olhos. Então ele deu de ombros.

— Naturalmente eu lhe darei apoio financeiro, se é disto que precisa.

— Faça um cheque e fique livre?

Max estreitou os olhos.

— Aonde quer chegar, Zoe? Porque não pode esperar... — parou e engoliu, e se virou de costas.

— Esperar que você se envolva com a vida do seu filho? Engraçado como os homens parecem achar esta ideia tão absurda, tão impossível.

Max se virou de repente.

— Está me dizendo que já passou por esta situação antes?

Zoe hesitou.

— De certa forma, mas não, nunca fiquei grávida. — Respirou fundo. — Não estou lhe pedindo que se case comigo, Max, ou mesmo tente algum tipo de relacionamento. — Havia um certo desdém em seu tom. Não queria um relacionamento com Max; era realista o bastante para perceber como seria infeliz. No entanto, ainda doía saber que ele não pensara nisso nem por um momento. Dispensara-a na manhã seguinte à noite em que fizeram amor, e agora dispensava-a e ao filho.

Não tivera rejeição suficiente? Quando ficaria esperta e evitaria esses confrontos? Sentiu uma tonteira forte e quase caiu, um gemido baixinho lhe escapando. Max respirou fundo.

— Você está bem?

— Só um pouco tonta, fiquei muito tempo sem comer. — Sentou-se na cadeira mais próxima e fechou os olhos para tentar esquecer a tonteira, a náusea e, pior de tudo, a realidade da rejeição de Max.

Ouviu-o resmungar uma praga e se mover do bar para a cozinha, então o som de armários e gavetas sendo abertos e fechados, e então abriu os olhos. Ele estava junto à bancada da cozinha, onde havia uma faca e um pote de manteiga de amendoim. Observou-o ficar parado lá por um momento, parecendo perdido e um pouco impotente, e se perguntou se alguma vez ele entrara na própria cozinha.

— Minhas refeições são entregues de restaurantes — explicou ele, tenso, embora Zoe não tivesse dito nada.— Acho que tudo o que tenho é pão e manteiga de amendoim.

— Está ótimo.

Ele pegou o pote de manteiga de amendoim, abriu-o, colocou a tampa de lado e, no processo, a faca caiu da bancada. Ele praguejou de novo. Zoe observou enquanto Max se abaixava, os dedos longos procurando a faca no mármore negro. Logo a encontrou, mas Zoe ficou com a estranha impressão de que não sabia onde ela estava.

— Obrigada—murmurou quando ele lhe entregou o sanduíche. Pegou-o, o apetite desaparecido, a mente cheia de perguntas.

De alguma forma, sentiu que fazer o sanduíche custara caro a Max e nem mesmo sabia o que era. E, de repente, sentiu medo. Medo de tudo o que não sabia, o futuro parecendo sombrio diante deles dois.

— Se você está sonhando com algum tipo de cenário de famílias felizes — disse Max depois de um longo e tenso momento de silêncio — lamento dizer que isto é impossível.

Ele se aproximara da janela e encostara um ombro na parede de vidro, parecendo totalmente indiferente à vista espetacular. Zoe olhou o sanduíche, incapaz de uma só mordida.

— Impossível? — repetiu, e deixou que a palavra ficasse no ar como uma pergunta.

— Impossível — confirmou Max, e então, para sua surpresa, acrescentou: — Lamento.

— Você fala como se não tivesse escolha.

— Não tenho — havia uma surpreendente e profunda tristeza nas palavras.

Zoe olhou para ele, os olhos brilhantes, a raiva e a dor a percorrendo.

— O que está dizendo, Max? Não quer se envolver de maneira nenhuma com a vida desta criança?

A boca se fechou, um músculo pulsou no queixo dele.

— É impossível.

— Apenas se você decidir assim.

— O que está realmente imaginando, Zoe? — A voz era um sussurro áspero. — Mal nos conhecemos. Nem mesmo sei seu sobrenome e você espera que sejamos *uma família!*

Essa única palavra... *família*... Levou-lhe lágrimas aos olhos, fechou-lhe a garganta. Combateu a emoção.

— Não sei o que esperar, Max. Tudo o que sei é que não deixarei esta criança crescer sem saber quem é seu pai. — Ele a olhou como se quisesse fazer uma pergunta, mas Zoe não queria explicar, assim continuou: — E é Balfour.

— O quê?

— Meu sobrenome é Balfour.

Ele deu de ombros, claramente indiferente, e Zoe sentiu um impulso ridículo de rir. O nome nada significava para ele. Aquele símbolo social tão importante... Um sinal de riqueza, luxo e prestígio e, finalmente, escândalo... Era simplesmente um nome para Max Monroe.

— Pelo menos — continuou — você podia visitar...

— O quê? Voar para a Inglaterra duas vezes por mês?

E, de repente, ela percebeu como pensara pouco naquilo tudo. Desde que descobrira que estava grávida, tudo o que quisera era que seu filho conhecesse o pai. Sentir que pertencia a alguém, que era amado.

Mas nenhum dos dois podia ser forçado.

Talvez, pensou Zoe, fosse melhor que a criança não conhecesse o pai... Se ele não quisesse conhecê-la. Mas não era verdade; não saber, para ela, tinha sido tão ruim como saber.

Cuidadosamente colocou o sanduíche intacto sobre a mesa perto dela e se levantou, seu controle quase no fim.

— Não pensei nisto completamente — disse com a dignidade possível. — Não tenho todas as respostas, Max, e não vou fingir que tenho. Eu apenas... apenas queria que esta criança soubesse de onde veio. Porque... — Parou, então se forçou a continuar: — Porque eu não sabia. — Max abriu a boca, mas Zoe continuou sem lhe dar tempo para falar: — De qualquer maneira, isto não tem realmente importância, tem? Porque não se pode forçar o amor... Nem mesmo o amor de um pai por um filho. Eu deveria saber.

Max fechou os olhos por um segundo; parecia estar sentindo dor.

— Zoe...

— Assim — terminou, a voz alta e tensa — é só isto, apenas queria que você soubesse.

Ele respirou fundo e abriu os olhos. O rosto estava totalmente inexpressivo, sem emoção, e Zoe soube, com um arrepio de frio, que ele havia decidido. Não queria se envolver. Quando falou, a voz também era inexpressiva:

— Agora eu sei.

Continuou imóvel enquanto Zoe se dirigia lentamente para o elevador. Apertou o botão, esperando que Max dissesse alguma coisa, fizesse alguma coisa, mas ele continuou imóvel e calado.

O elevador chegou, Zoe entrou e apertou o botão. As portas se fecharam e Max continuou sem dizer uma palavra.

Max ouviu as portas do elevador se fecharem, o som dos motores quando ele desceu. Ouviu o silêncio em torno dele, furioso e zombeteiro, e desejou poder fechar os ouvidos... e o coração... contra ele. Ouviu as acusações de Zoe e, pior, seus apelos: *Não se pode forçar o amor... Nem mesmo o amor de um pai pelo filho... Eu deveria saber.*

Ele não conhecia a história dela, embora talvez pudesse adivinhar um pouco agora, e o pensamento de como estava falhando com ela... Falhando com o filho deles... O feriu profundamente. Jamais quisera falhar de novo com alguém; falhar com uma pessoa era o mesmo que falhar consigo mesmo.

No entanto, era melhor falhar um pouco com ela agora do que de maneira muito pior mais tarde. *Você fala como se não tivesse escolha.*

Zoe não tinha ideia de como eram verdadeiras suas palavras. Ela as dissera como uma acusação, mas Max as recebera como uma sentença. Uma sentença perpétua, da qual era impossível escapar. Ficaria tão ansiosa para ele se envolver na vida do filho deles quando soubesse que estava quase cego, prestes a se tornar um inválido? Podia imaginar muito bem sua repugnância, seu horror à condição dele.

E, mesmo se fingisse que não importava, Max sabia que importava... Para ele, para uma criança. Como podia ser um pai se não podia ver o rosto do filho? Não podia jogar beisebol com um menino, não podia rodar uma filha no ar sem tropeçar, cair, colocando-a em risco.

Era um inútil e, pior, muito pior, estava com medo.

Sufocou outra praga, pressionando os punhos nos olhos, fechando-os contra as sombras manchadas. A escuridão foi completa e quase consoladora... Por um momento. Então o pânico, familiar demais, se ergueu dentro dele, um grito, um grito silencioso de angústia que jamais deixaria escapar.

Foi até o bar, esbarrando com força numa cadeira, que jogou para longe do seu caminho, e pegou a garrafa de uísque. Ali, pelo menos, o esquecimento... Temporário, doce... podia ser encontrado.

Passava de meia-noite quando finalmente tropeçou até a cama, tirando as roupas e jogando-as de qualquer jeito. Dormiu imediatamente e, com o sono, vieram o medo e os sonhos... A escuridão sufocante, as provocações e palavras de desdém e, pior de tudo, as súplicas:

Max... Faça alguma coisa... Me ajude, por favor...

Não fizera nada. Ficara sentado e esperara, incapaz de ajudar até a si mesmo. No sono, deixou escapar um gemido de miséria abjeta e lutou com os lençóis escorregadios, enquanto as lembranças o seguraram, o prenderam.

Não... não... por favor... Não a machuquem...

Ajude-me, Max...

Não ajudara, não fora capaz.

Quando a madrugada chegou, ele finalmente mergulhou num sono profundo, sem sonhos, seus músculos ainda em nós de tensão, os olhos fechados com força e os

lençóis molhados com as lágrimas que jamais derramaria acordado.

Capítulo Cinco

Os dias seguintes passaram numa letárgica névoa. Zoe não saiu; passava a maior parte dos dias deitada na cama, drenada e vazia. Finalmente se arrastou para fora do apartamento, determinada a fazer alguma coisa, a agir.

Mas como? Fazer o que? Andou pelas ruas, observando, sem ver, as vitrines das lojas e as entradas dos edifícios, olhando as pessoas que corriam para toda parte, ocupadas e produtivas, partes de alguma coisa; jamais se sentira tão separada, tão distraída. Então seu olhar encontrou uma placa discreta em frente a um edifício pequeno, igual a milhares de outros.

Centro de Apoio à Gravidez da região central. Onde as Mulheres Encontram a Ajuda de que Precisam.

Sem nem mesmo pensar no que estava fazendo, ou por que, Zoe entrou no edifício e pegou o elevador para o quarto andar. Entrou no centro de apoio, com sua mobília velha e estragada, algumas poltronas e uma escrivaninha riscada onde uma mulher colocava brochuras numa cesta. Ergueu o olhar quando Zoe entrou.

— Posso ajudar?

— Na verdade, estava pensando se podia ajudá-la. — A mulher pareceu surpreendida e Zoe sorriu. — Gostaria de ser uma voluntária.

— Voluntária? Já estive aqui antes?

— Não. — Zoe percebeu como parecia absurda, entrando ali e pedindo para participar. No entanto, queria ser parte de alguma coisa, queria contribuir, agir. Precisava *fazer* alguma coisa, além de pensar e imaginar e temer. — Sou nova na cidade e tenho muito tempo vago, quero fazer alguma coisa útil. Sei que não sou treinada para fazer nada, mas certamente posso arquivar e atender ao telefone, não é?

— Certo... — A mulher olhou para os papéis na escrivaninha, e Zoe sentiu seu controle diminuir. Por favor, outra rejeição não. Naquele instante, sentiu que se partiria se alguém apenas franzisse a testa para ela. Então a mulher olhou-a e sorriu.

— Geralmente é difícil encontrar voluntários. Todos são tão ocupados nesta cidade e adorá-los sua ajuda. Sou Tiffany. — Estendeu a mão.

— Brilhante. — Zoe apertou-lhe a mão. — Sou Zoe, Zoe Balfour.

Em poucos dias Zoe aprendeu todas as tarefas mais humildes ... Desde aguar as plantas dos vasos na janela até fazer cópias de brochuras e formulários numa Xerox bem antiquada... Que jamais pensara em realizar.

No terceiro dia de voluntariado, Zoe percebeu que estava feliz. Ou quase. Sabia que nunca seria realmente feliz com a indiferença dos homens de sua vida... Os

homens que haviam decidido *não* fazer parte de sua vida. No entanto, estava fazendo alguma coisa, alguma coisa boa, e isto lhe dava uma sensação profunda de satisfação que nunca esperara sentir.

No entanto, as oito horas que dedicava ao centro não preenchiam as outras longas e vazias horas de seus dias e noites, horas em que andava pelo parque, observando as crianças com suas mães e pais e babás, onde a visão de um bebê dormindo tranquilamente em seu carrinho fazia suas entranhas darem um nó de esperança e medo.

Horas em que ficava deitada na cama, cansada, mas insone, imaginando esperançosamente um cenário diferente, uma vida diferente, na qual seu pai e o pai de seu filho a aceitavam e a abraçavam. Histórias de fadas.

Havia tempo demais para pensar, para imaginar, para temer, porque começava a compreender, com uma crescente sensação de pânico, que não tinha ideia do que estava fazendo ou do que faria.

Onde viveria? O que faria? Como contaria à sua família, a seu pai? Em momentos de maior infelicidade, imaginava as manchetes dos tabloides... *Bastarda Tem Filho Bastardo...* E estremecia.

Talvez estivesse sendo tola, afastando esses pensamentos, vivendo um dia de cada vez, desfrutando do seu trabalho no centro de apoio à gravidez, sua crescente amizade com Tiffany e as outras conselheiras e voluntárias.

Então as náuseas começaram. Sentira-se um pouco enjoada de vez em quando, mas nada como o absoluto mal-estar que a atingiu pouco mais de uma semana depois de ver Max pela última vez. Exausta e sentindo náuseas fortes o dia inteiro, abandonou por alguns dias o trabalho voluntário e passou-os deitada, mordiscando bolachas de água e sal e tentando dormir o máximo que podia.

Numa tarde chuvosa, a campainha da porta da frente tocou e, achando que devia ser a governanta, Lila, que esquecera a chave, levantou-se para abrir.

Era Max.

A boca de Zoe se abriu em choque enquanto olhava para ele; seus cabelos estavam úmidos da chuva e usava um terno cinza muito bem cortado, a cor de aço combinando com a dos olhos dele. Parecia severo, determinado e resolutos... E absolutamente maravilhoso.

O coração de Zoe disparou e subitamente, dolorosamente, se tornou consciente de sua aparência. Não tinha tomado banho, seus cabelos estavam despenteados e usava seu pijama velho e confortável, que ninguém jamais vira.

Max, porém, não pareceu notar e não comentou. Mesmo assim, ela cruzou os braços sobre o peito, um gesto de autoproteção.

— O que está fazendo aqui?

— Precisamos conversar. Zoe ergueu uma sobrancelha em ceticismo frio.

— Oh, é mesmo?

— Sim, é mesmo — respondeu Max, ríspido. — Agora vai me deixar entrar?

— Já que pediu tão graciosamente — resmungou Zoe, e deu um passo para o lado.

Observou-o entrar lentamente no foyer, olhando em torno para as antiguidades

sem preço... Seu pai tinha paixão por pintura e escultura antigas... Com um ar de desdém.

A expressão sarcástica no rosto dele fez Zoe ruborizar de vergonha e ressentimento. Teria descoberto as circunstâncias de seu nascimento? Precisaria apenas de uma breve pesquisa na Internet para descobrir quem era; dera-lhe a munção necessária quando lhe revelara o nome completo. Seria por isto que parecia tão desdenhoso agora, porque sabia quem era? Sabia que não pertencia àquele lugar, não merecia... Zoe reprimiu os pensamentos e olhou calmamente para Max.

— O que você quer?

— Vamos ser tão mal-educados para ficar em pé aqui no hall?

— Você dificilmente pode falar de educação — acusou Zoe.

Max inclinou a cabeça, reconhecendo que havia merecido aquilo.

— Lamento.

Zoe ficou tão surpreendida que custou a conseguir falar. — Você disse isto antes.

— Você me causou um choque e falei sem pensar.

Não havia emoção nas palavras, mas seu significado abalou Zoe. Teria mudado de ideia?

— Siga-me. — Virou-se e seguiu para a sala de estar, com seus tapetes Aubusson e a vista ampla do Central Park. Depois de uma ligeira hesitação, Max a seguiu.

— Desculpe, estou muito desarrumada, não sabia que viria.

— Não tem importância. — Limpou a garganta. — Está se sentindo bem?

Zoe riu.

— Você me vê assim e ainda pergunta? Não, estou me sentindo horrível.

— Lamento — disse Max, mas não parecia.

— Deve passar em algumas semanas, eu acho.

Os dois ficaram num silêncio tenso, inquieto, até que Zoe não suportou mais:

— Por que está aqui, Max?

Ele se virou lentamente para ela, o corpo tenso e rijo, os ombros para trás, o queixo para cima. Mas Zoe percebeu uma sombra de vulnerabilidade nos olhos escuros.

— Eu lhe disse, falei sem pensar no outro dia. Eu... Eu não devia tê-la afastado tão rapidamente.

Estaria pedindo desculpas?

— Obrigada por isto. — Não se deu ao trabalho de esconder o sarcasmo. — Não demorou muito para perceber que foi um completo cana...

— Fiquei surpreendido — cortou Max, a voz mais dura. — E ainda não sei como... — parou os lábios fechados rigidamente.

— Como o quê?

— Como tudo isto vai funcionar, se você pretende mesmo ter o bebê. Não nos conhecemos, Zoe, somos *estranhos*...

— Estranhos que dormiram juntos.

Max apenas deu de ombros, e Zoe se endireitou.

— Então, o que exatamente está propondo? — Arrependeu-se imediatamente da escolha de palavras.

— Não estou *propondo* nada, mas se você está mesmo esperando um filho meu, então naturalmente tenho responsabilidades.

Fazia aquilo parecer tão frio, tão sem emoção, uma questão de dever, não de desejo, no entanto Zoe sabia que não podia esperar outra coisa.

— Pretende ficar em Nova York durante a gravidez?

— Eu... Eu não pensei... — Zoe não pensara em nada, mas sabia que não podia voltar para a Inglaterra... Ainda não, não enquanto os olhos odientos dos tabloides estivessem voltados para ela, especialmente se alguém descobrisse que estava grávida. — Acho que vou ficar aqui — continuou, e ouviu a incerteza na própria voz.

— Há algum motivo por que não quer voltar para a Inglaterra? Você mencionou...

— Eu só quero ficar aqui — cortou Zoe, e Max acenou. Não iria pressioná-la, pelo menos não por enquanto, percebeu, aliviada.

— Ótimo. Já consultou um médico?

— Não, ainda não, é cedo.

— Mas, se você está se sentindo horrível, certamente há alguma coisa que um médico pode receitar.

— Não sei... — admitiu Zoe, e observou enquanto Max tirava um celular do bolso e fazia uma chamada.

— O que você está...?

Ele falou brevemente no celular, e Zoe percebeu que devia ter ligado para algum assistente, pronto para obedecer às ordens ásperas. Max fechou o telefone.

— Meu assistente está procurando um médico, vamos tentar uma consulta para esta tarde.

Zoe ficou dividida entre aborrecimento, admiração e uma espécie estranha de gratidão, mas não tinha certeza se queria ser tão *controlada*.

— Estou bem...

— Você disse que está se sentindo horrível — lembrou Max, então teve a audácia de inspirar. — Talvez você queira tomar um banho antes da consulta.

Mortificada, Zoe ruborizou até as raízes dos cabelos que não tinham sido lavados. Certamente ela não estava cheirando mal?

— Certo — disse, rígida, e se levantou. Max não havia se movido de sua posição quase militar no centro da sala. — Vai esperar aqui? — Ele deu de ombros, e Zoe perguntou, um pouco ressentida: — Não tem coisas a fazer? Dinheiro para ganhar?

O sorriso de Max foi mínimo.

— O bom sobre fazer dinheiro é que, a partir de certo ponto, ele se reproduz sozinho. — Colocou a mão no bolso da calça, parecendo mais relaxado. — Tenho tempo.

Devia estar satisfeita por Max estar aqui, ela sabia, grata por ele ter mudado de ideia e ter decidido que queria se envolver de alguma forma. No entanto, por algum motivo perverso, apenas se sentia ressentida.

O banho de chuveiro lhe fez bem e, apesar da náusea, melhorou o suficiente para se vestir com cuidado, com jeans, botas até os joelhos e uma camiseta num tom muito claro de verde. Fez a maquiagem, sabendo que estava sendo ridiculamente vaidosa, querendo parecer bonita para Max. Duvidava que ele percebesse, no entanto ficou

desapontada quando voltou para a sala de estar e ele nem mesmo olhou para ela.

— Temos uma consulta em uma hora, o carro estará aqui em cinco minutos.

— Isto foi rápido. Impressionante como você consegue que as coisas aconteçam quando toma uma decisão. — Não se importou de parecer áspera e sarcástica.

Max olhou-a com frieza.

— Compreendo que está zangada comigo, Zoe. Não me comportei como devia... como queria... a última vez que nos falamos. Lamento. Mas agora estou fazendo o melhor que posso para cuidar de você e do nosso bebê, e gostaria que não me jogasse na cara meu modo de agir a todo momento. — Não havia raiva ou qualquer emoção nas palavras dele e Zoe acenou, aceitando.

— Suponho que esta situação é difícil para nós dois.

— É verdade.

Ele estendeu um braço e Zoe demorou a perceber que devia tomá-lo. Passou o dela pelo dele, desajeitada, consciente de sua proximidade, do perfume de sua colônia, alguma coisa limpa e silvestre, misturado com um cheiro mais profundo de almíscar que certamente era dele. O braço era forte sob o dela, os músculos se movendo sob o tecido macio do terno, e, por um segundo, Zoe quis se encostar nele, sentir sua força como sentira antes, naquela noite. Queria admitir que estava insegura e amedrontada, que o futuro a apavorava, que não sabia o que fazia ou quem era.

Queria dizer que estava *tentando*... E que o bebê lhe parecia a melhor coisa do mundo, a primeira coisa certa em muito tempo... Mas, mesmo assim, tinha medo de fracassar, de perder Max, o que era ridículo, já que ele nunca fora dela.

Talvez Max pudesse adivinhar alguns de seus pensamentos; talvez ele sentisse apenas desprezo se ela admitisse sua fraqueza. Provavelmente não tinha um momento de fraqueza, pensou, ressentida; sempre parecia tão autoconfiante, tão controlado, tão seguro de seu lugar no mundo.

Lembrou-se do momento em que lhe beijara a cicatriz, e então Max não parecera tão seguro de si mesmo. No entanto, o homem que a deixara beijá-lo, abraçá-lo... aquele homem havia desaparecido. Zoe nem mesmo sabia se era real ou se o veria de novo.

Podiam ter sido amantes uma vez, mas agora não eram. Agora, reconheceu Zoe, infeliz, estavam ligados apenas por uma coisa... O bebê que crescia em seu útero.

Max tentou não se apoiar no braço de Zoe, não sentir o doce perfume de seus cabelos, de sua pele. *Rosas*. Tentou não mostrar nenhuma fraqueza ou o esforço que lhe custara vir ao apartamento, a um lugar estranho. Lugares novos agora eram um desafio; inferno, eles o *apavoravam*. Via sombras vagas, portas e cantos, mas havia muita coisa nas quais podia tropeçar. Parecia que cada passo o jogaria no vazio; não queria tropeçar, não queria cair.

Não queria parecer um idiota ou deixar que Zoe percebesse que era quase cego. No entanto, certamente ela precisaria saber em algum momento, se não descobrisse sozinha. Teria que contar a ela; dificilmente poderia manter o segredo se houvesse qualquer envolvimento entre eles. Sua mente já antecipava o futuro e se perguntava quem era Zoe Balfour.

Se, apesar de sua condição social, sua beleza e charme, seria capaz de viver com um homem cego. Se podia amá-lo. *Acha que isto é sobre o amor?* debochava sua mente... e talvez seu coração. *O que quer dela? O que pode realmente esperar dela?* Nada era a única resposta para as duas perguntas.

A limusine estava esperando junto à calçada; Max conseguia enxergar sua forma longa e escura e ouvir a porta abrir e fechar, o motorista chamar seu nome. Frank sabia sobre sua perda de visão, fora obrigado a lhe contar quando se tornou incapaz de realizar os menores gestos que lhe eram tão fáceis antes. Agora, jamais falavam no assunto, mas Frank lhe prestava pequenos serviços que lhe eram indispensáveis... falava quando abria a porta, para que Max soubesse onde estava; garantia que o caminho até o carro estivesse livre. Max dependia totalmente dele e saber disto doía.

Tinha sido totalmente independente, sem precisar de ninguém por tanto tempo, e agora era quase tão impotente como o bebê que ele e Zoe logo teriam. O que Zoe pensaria então? E por que se importaria? Não, não queria piedade, mas poderia lidar com ela, ou até mesmo com sua aversão. Não precisava ter importância e poderia se envolver na vida de seu filho.

Tinha sido este reconhecimento que o levava de volta a Zoe. Depois que ela saía do apartamento, encheu-se de culpa e arrependimento. Na agonia do próprio desapontamento, tratara-a sem cuidado ou preocupação, ou, para ser honesto, sem a menor sensibilidade.

Durante as longas e escuras noites, enquanto evitava dormir para não sonhar, pensara nela. Imaginara que ainda podia sentir seu cheiro nos lençóis. Imaginara o bebê deles, por algum motivo uma menina; ela teria cachos louros e os olhos cor de jade de Zoe. Não seria capaz de ver aquele bebê, mas poderia senti-lo em seu coração.

Então zombava de si mesmo por esses sonhos ridículos e sentimentais. Mal conhecia Zoe Balfour, e o que sabia dela sugeria que ficaria horrorizada com sua fraqueza, sua cegueira. Não importava seu anseio secreto naqueles momentos de fraqueza, sabia que não podia se envolver com Zoe Balfour.

Mesmo assim, seu código de honra, adormecido durante aquelas semanas de terrível auto piedade, não permitiria que seu filho chegasse ao mundo sem pai. Já falhara antes, terrivelmente, por fraqueza e medo, e não faria isto de novo, jamais. Não com Zoe e nem com seu bebê, não importava o custo.

E assim procurara Zoe e cuidaria dela e do bebê... *seu* bebê... Mesmo se isto significasse suportar a piedade ou o desdém dela. Mas não sabia como seria, como se sentiria, o que significaria. Ou quando... e como... Contaria a Zoe sobre sua cegueira.

Zoe encostou a cabeça nas costas do banco de couro e fechou os olhos, enquanto a limusine descia a Park Avenue, o movimento do carro agravando a náusea. Max olhava fixamente para a frente, parecendo esquecido dela desde que entraram no carro, e Zoe concluiu que ele não queria conversar. Bem, ela também não; esta situação já era muito estranha sem uma conversa falsa, sem fundamento.

Sentiu a infelicidade lhe tomar o coração. Tentara acreditar, esperar, que seu bebê conheceria o pai, e agora Max parecia ter decidido fazer disto uma realidade. Então, por que estava tão infeliz? Por que tudo parecia tão *errado*!

Zoe olhou para o perfil severo do homem sentado ao lado dela e soube por que se sentia infeliz. Max podia estar disposto a cuidar dela e do bebê, mas era evidente que não gostava da tarefa. No momento, ele parecia querer estar em qualquer outro lugar, com qualquer outra pessoa do mundo. Zoe suspirou e fechou os olhos de novo.

A médica que Max encontrara tinha excelente reputação, mas Zoe não tinha energia para se importar enquanto estava na luxuosa sala de espera, folheando uma revista de mexericos. Max se sentava ao lado dela, o corpo rígido, a expressão proibitiva.

Quando foram chamados para a sala de exame, Zoe se sentou na ponta da mesa, subitamente nervosa e insegura. O pensamento de fazer um exame físico com Max em pé no canto da sala como uma sombra a fez se sentir ainda mais enjoada. Talvez ele tivesse percebido, porque perguntou de repente, a voz tão severa como sempre:

— Prefere que eu espere lá fora?

— Eu... Não, está tudo bem, você pode ficar. — E era sincera. Alguns minutos depois, a dra. Hargreaves, uma mulher grisalha e bem arrumada, no começo dos 50 anos, entrou na sala.

— Sra. Monroe?

— Não... — olhou para Max, que não reagiu — quero dizer... meu nome é Zoe Balfour. Nós... não...

— É claro — disse a médica com calma. — Peço desculpas por ter presumido. A assistente que recebeu o chamado do sr. Monroe deve ter cometido um erro. — Sorriu e pegou a ficha de Zoe. — Agora, vejamos... sua última menstruação foi há oito semanas mais ou menos?

— Eu... Eu acho que sim. — Zoe não conseguia olhar para Max, que ainda estava em pé, completamente imóvel e silencioso, a expressão proibitiva.

— E você fez um teste caseiro?

— Sim.

— E está sentindo náuseas fortes? A tendência é começar por volta deste período.

— Certo.

— Posso lhe dar alguma coisa para ajudar com a náusea se for realmente ruim, mas o melhor é comer proteína, especialmente de manhã, e fazer lanches frequentes. Geralmente passa em algumas semanas.

— Bom saber. — Zoe sorriu, fraca, tão consciente de Max em pé ali, os braços cruzados, o rosto inescrutável.

— Ainda não podemos ouvir os batimentos cardíacos, já que é muito cedo, mas posso escanear rapidamente para sossegá-la. Quer? — A dra. Hargreaves sorriu. — Podemos até ver os batimentos cardíacos.

— Isto seria maravilhoso.

Zoe se deitou na cama e a dra. Hargreaves passou um gel claro e frio em seu ventre. Então ligou o equipamento de ultrassom e começou a passar a ponta do cabo na região. Pareceu levar séculos, mas, de repente, a dra. Hargreaves sorriu.

— Ah, aí está, está vendo?

E ela viu, o minúsculo e perfeito feijãozinho que era seu bebê, como um coração batendo como as asas de uma borboleta. Havia mesmo um bebê dentro dela. Zoe riu alto, um som de encantamento e incredulidade, mas quando olhou para Max percebeu que ele nem mesmo olhava para a tela do ultrassom.

A dra. Hargreaves ligou o som e de repente a sala se encheu com o som forte e rápido do coração do bebê.

— Parece um pouco com um cavalo galopando — disse ela, e Zoe acenou. Era um som maravilhoso, o som da vida, e quando olhou para Max de novo viu, surpreendida, que seu rosto, tão inexpressivo antes, estava agora cheio de uma emoção que se refletia em seus olhos, na curva da boca. Era alegria e ele estava sorrindo, e Zoe percebeu, chocada, que havia lágrimas nos olhos dele, que piscou rapidamente e com força.

Sem parecer pensar no que estava fazendo, Max estendeu a mão, os dedos procurando os dela, e então entrelaçando-os com força. Ela descansou a cabeça no pequeno travesseiro e fechou os olhos, uma sensação súbita de alívio avassalador deixando-a tonta de pura esperança e alegria. *Vai ficar tudo bem*, pensou, a mão ainda presa com força na de Max. *Não sei como ou o quê, mas vai ficar tudo bem.*

Max continuou lhe segurando a mão mesmo depois que a dra. Hargreaves desligou o aparelho de ultrassom e entregou a Zoe uma toalha de papel para limpar o gel da barriga.

— Eu nunca me canso deste som — disse, alegre. — E tudo parece estar progredindo normalmente... Marque outra consulta para daqui a quatro semanas, mas se tiver qualquer dúvida ou preocupação pode vir antes. E, se quiser, lhe darei uma receita para a náusea.

Zoe acenou e olhou para Max, sem saber como estava recebendo tudo aquilo. Apesar do encantamento do momento anterior... Apesar de ele ainda estar segurando sua mão... Sentia-se temerosa e insegura. De repente, quatro semanas lhe pareceram um longo tempo... Assim como nove meses.

E então Max lhe soltou a mão e voltou para o canto, imóvel, o sorriso apagado, o rosto inexpressivo novamente, e Zoe, mais uma vez, não tinha ideia do que estava pensando ou sentindo.

Não conversaram quando deixaram o consultório da médica; a limusine de Max esperava diante do edifício e ambos entraram em silêncio, e em silêncio atravessaram a Park Avenue.

Depois de alguns quarteirões, Zoe encontrou a coragem para falar:

— Obrigada por providenciar a consulta; foi maravilhoso ver o coração bater.

— E ouvi-lo — concordou Max, calmo. Fez uma pausa. — Acho que devemos celebrar.

— O quê?

Max sorriu, um brilho de provocação nos olhos que Zoe nunca vira.

— Não é todo dia que você ouve o coração do seu bebê. E não importa o que aconteceu antes... Não importa o que há... ou não há... Entre nós; podemos celebrar isto. Uma vida, uma nova vida.

Zoe sorriu.

— É verdade. O que vamos fazer?

— Jantar no Le Cirque.

— Não estou vestida...

— Podemos parar no seu apartamento, tenho certeza que tem alguma coisa fabulosa.

Uma hora mais tarde, sentindo-se esperançosa, Zoe entrou de novo na limusine de Max. Usava um vestido de cetim prateado, um de seus prediletos. Era enganadoramente simples, com duas tiras finas nos ombros e descia sobre suas curvas mais exuberantes, a saia se abrindo nos tornozelos. Deixara os cabelos soltos sobre os ombros e, quando Max a viu, sorriu de leve.

— Ouro e prata.

Zoe sorriu, consciente demais de si mesma.

— Sim, é um pouco brilhante, suponho...

— Eu gosto — disse Max, firme, e a levou para a limusine. Era cedo para o jantar e o restaurante estava quase deserto.

Mesmo assim, Max insistiu numa mesa particular num canto e a intimidade pareceu nova, estranha. Zoe não sabia o que estava acontecendo; seria um encontro?

Estava atônita com a mudança em Max, esperançosa de que poderia levar a coisas melhores, de que pudessem ter algum tipo de futuro.

O garçom se aproximou e Max pediu champanhe. Zoe abriu a boca para protestar, mas ele ergueu uma das mãos.

— Sei que não deve tomar álcool, mas certamente um gole não fará mal.

— Suponho que não. — Sentia-se nervosa e tímida. — Não esperava que quisesse celebrar... isto.

— Eu também não esperava. Eu sei... — Suspirou e passou uma das mãos nos cabelos. — Sei que fui um idiota completo antes. Estou... Estou tentando não ser mais. — Deu uma risada curta. — Não é muita coisa, é?

Zoe sorriu; a confissão de Max teve o efeito estranho de acalmá-la, de dissolver... se apenas no momento... Seus medos e preocupações.

— É mais do que pensa.

— Quero celebrar — a voz de Max era baixa e intensa — quero me lembrar das boas coisas.

Zoe virou a cabeça de lado; ele parecia falar do passado e não do futuro. O garçom trouxe a garrafa, abriu-a e serviu as taças. Max ergueu a dele e Zoe também.

— Ao futuro.

— Ao futuro — repetiu Zoe, e tomou um pequeno gole. Depois que fizeram o pedido, o silêncio tomou conta deles, pesado e tenso. Zoe estava muito consciente de como se conheciam pouco e não conseguiu encontrar nada para dizer. Podia ser a alma de uma festa, flertar e conversar, mas não encontrava palavras agora. Ou talvez tivesse coisas demais a dizer e não tinha coragem para se abrir.

— Zoe Balfour — disse Max, e Zoe ficou tensa, esperando. — Você é de uma família muito famosa.

Ela não conseguiu dizer nada, então apenas acenou.

— Eu mesmo nunca ouvi falar de vocês, é claro. Zoe riu.

— Não?

— Mas vocês têm uma mansão na Inglaterra e há um milhão de irmãs... ou pelo menos foi isto que uma pesquisa na Internet mostrou.

— É mesmo? Descobriu mais alguma coisa?

Max balançou a cabeça.

— Não, apenas seu nome de família. Lamento-dizer que você não é importante.

— Pena. — Esperou, achando que lhe perguntaria alguma coisa, quisesse saber mais, mas ele não disse nada e, embora sentisse alívio, viu-se dizendo: — Na verdade, não é meu nome de família.

Max virou a cabeça, a expressão alerta, esperando. Zoe se obrigou a continuar, sem saber por que tocara no assunto e, ao mesmo tempo, segura de que queria que Max soubesse.

— Sou ilegítima, você provavelmente sabe, se fez pesquisa na Internet.

— Houve algumas menções a isto — concordou Max, calmo. Zoe tentou sorrir.

— Apenas algumas? Sem dúvida não sou realmente importante. Ele sorriu de leve.

— Eu só descobri há pouco tempo.

Ela olhou para o colo, um nó de emoção dolorosa lhe fechando a garganta.

— Deve ter sido difícil — disse Max, calmo.

As palavras eram simples, mas Zoe sabia que eram sinceras. Sentiu que ele compreendia, e essa atitude era um bálsamo.

— Foi e ainda é. Suponho que foi por isto que estava tão determinada a encontrá-lo... Para que o bebê conhecesse você. Não quero que ele... ou ela... Fique imaginando coisas, não quero segredos.

— Não haverá.

Zoe acenou, a garganta fechada. Queria lhe perguntar sobre seus planos, mas sabia que nenhum deles estava preparado para isto. Mal se conheciam, e embora aquela noite fosse maravilhosa, era também frágil, não podia ser testada.

Passaram a conversar sobre coisas leves e impessoais enquanto jantavam, e Zoe gostou de falar sobre o clima, filmes, os melhores restaurantes e museus de Nova York. Viu-se começando a brincar, até mesmo a flertar, e gostou de saber que ainda era assim, que não havia mudado completamente.

Quando a sobremesa foi servida, o restaurante já começara a encher e um quarteto de jazz tocava perto de uma pequena pista de dança que estava completamente vazia. Sentia-se esperançosa e feliz, assim jogou o guardanapo sobre a mesa.

— Vamos dançar.

Max congelou.

— O quê?

Zoe fez um gesto em direção à pista de dança, ainda animada.

— Vamos, Max, estamos celebrando, não se lembra? Vamos dançar.

Max não conseguia ver o rosto de Zoe, mas podia sentir sua energia e seu

entusiasmo e não queria que desaparecessem. Mas também não queria se fazer de idiota. Não podia dançar e se expor.

— Não danço.

Sentiu mais do que viu o desapontamento e a incerteza de Zoe.

— Vamos, Max, aposto que pode dar um show.

Ele sorriu, pensando com desdém em si mesmo se exibindo como um palhaço.

— Acho que não.

— Não? Não sabe dançar? — Ainda parecia alegre, mas Max podia perceber que estava magoada. Sentiu-se um canalha. Pior, partilhava seu desapontamento porque não se lembrava da última vez em que se divertira tanto. Aquela noite se sentira livre, feliz, esperançoso. E não desistiria daquilo facilmente, mesmo que tivesse que parecer um idiota.

— Bem, suponho que há uma primeira vez para tudo. Jogou o guardanapo sobre a mesa e se levantou, rígido, o salão parecendo se estender infinitamente em todas as direções, cheio de obstáculos desconhecidos, perigos escondidos. Sorrindo, estendeu a mão.

— Vamos?

Zoe se levantou e colocou a mão na dele, e Max entrelaçou seus dedos nos dela, lembrando-se de como havia segurado a mão dela no consultório médico, como quisera fazer aquilo. Ainda queria e precisava da força dela; era sua âncora enquanto passavam pelo mar de mesas até a relativamente segura pista de dança.

Um saxofone sozinho chorava o som do blues e Max percebeu que não precisaria dar muitos passos. O que era a dança, a não ser uma justificativa para abraçar alguém? E queria abraçar Zoe. Estendeu a mão para ela, contente e grato por ela se entregar tão naturalmente e sem reservas a seu abraço.

Por uma fração de segundo seus corpos permaneceram separados, sem se tocarem, então por acordo mútuo Zoe se aninhou a ele, seu corpo macio e maleável se adaptando tão perfeitamente ao dele. Max descansou a cabeça nos cabelos dela, uma das mãos na curva gentil do quadril, a outra enlaçada na dela. Mal se moviam; era o bastante, mais do que o bastante, era maravilhoso.

Max não soube por quanto tempo dançaram, estava consciente apenas de Zoe e da sensação do corpo dela contra o dele. Parecia, ao mesmo tempo, o lar e o paraíso.

Num dado momento, sentiu instintivamente que ela estava cansada e se lembrou, com remorso, de que estava grávida, que apenas naquela manhã estivera mal demais para sair do apartamento.

Ele parou, segurando-a com uma das mãos.

— Está tarde, preciso levá-la para casa.

— Estou cansada — admitiu Zoe com uma pequena risada — mas sinto que poderia dançar para sempre.

Eu também, pensou Max, mas de alguma forma não conseguiu dizer as palavras. Agora que não estavam mais dançando, sentiu o velho medo voltar. O restaurante parecia imenso e ameaçador, e a caminhada de volta à mesa deles e depois para o carro pareceu tão árdua como subir uma montanha. Tão impossível como ter um

relacionamento com uma mulher tão linda e desejável como Zoe Balfour. Precisaria contar a ela sobre sua cegueira em algum momento, mas sabia que não era sobre dizer as palavras. Era sobre construir aquela confiança, se permitir ser honesto, ter esperança, talvez até amor. Abrir-se para a dor, para si mesmo e para Zoe. Tão aterrorizadora como a perspectiva de ela não lhe dar uma chance era a possibilidade de que lhe desse.

E se falhasse com ela? E falharia, pensou Max, desesperado, assim seria melhor nem tentar... ou amar... de jeito nenhum.

Apesar de seu cansaço e da náusea persistente, Zoe praticamente flutuava quando entrou na limusine. Todo o seu corpo vibrava com a dança, nos pontos onde Max a tocara. Fora um homem diferente aquela noite, pensou, sonhadora. Fora o homem que conhecera, o homem com quem fizera amor. O corpo cantava, a mente voava para possibilidades distantes, para sonhos mal reconhecidos até agora. Sonhos de uma família, de Max e ela juntos...

— Quero que venha comigo — disse Max.

Estavam a caminho de casa, a noite escura em torno deles. Zoe olhou para ele, assustada.

— Para onde? — perguntou, sabendo que, naquele momento, iria com ele para qualquer lugar.

— Para o balneário Hamptons. — E o coração de Zoe se encheu de esperança.

— É claro — disse apenas, e não conversaram mais, a não ser para se despedirem.

Capítulo Seis

Devia ter recusado, pensou Zoe, seria a coisa sensata a fazer. Ela mal conhecia Max; uma dança não mudava nada, mesmo se parecesse que havia mudado. Ele tinha sido áspero, crítico, até mesmo cruel. Não devia segui-lo até os Hamptons quando lhe fizera um sinal com o dedo. A ideia era absurda.

Então por que, perguntou Zoe a si mesma, havia concordado tão imediatamente, sentido que sua decisão era certa? Por que ligara para o centro de gravidez informando que não seria voluntária por, pelo menos, uma semana? E por que estava fazendo as malas?

Por que estava observando pela janela o fluxo de carros que passavam, contando os minutos até Max chegar para apanhá-la? Por que aguardava com ansiedade esta viagem inexplicável com excitação e, pior, com *esperança*?

O que havia para ter esperança? *Ele segurou minha mão, dançou comigo*. Sentiu-se tão idiota e ingênua como uma garotinha que acreditava em histórias de fadas, em felizes para sempre. Um pouco de gentileza não, mudava o fato frio de que mal se

conheciam e Max não lhe dera pista nenhuma de como pensava em se envolver na vida do bebê deles, na vida dela. Não tinha ideia do que aconteceria ou do que queria que acontecesse. *Eu podia amá-lo.*

— Não — falou alto, afastando o pensamento da mente. Amor era perigoso. Amar alguém como Max... Alguém que não compreendia... Era um risco grande demais. Fora rejeitada vezes demais recentemente; com certeza não poderia colocar em perigo seu coração.

A limusine de Max parou junto à calçada e todas as dúvidas de Zoe desapareceram, enquanto seu coração disparava. Observou Max sair do carro, caminhar com aqueles passos medidos, deliberados, até a entrada de seu edifício.

Quando a campainha tocou, Zoe abriu a porta com alegria e ansiedade, uma combinação desconfortável e até perigosa. E lá estava Max, vestido com uma elegância casual, com uma camisa branca abotoada e calça bem passada. Olhava diretamente à frente, a expressão severa.

— Zoe? — Por uma fração de segundo, ela pensou que ele parecia inseguro.

— Sim.

— Está pronta? — Havia um pouco de impaciência em sua voz e Zoe ruborizou. Qualquer intimidade que haviam partilhado na noite anterior desaparecera.

— Sim, é claro, vou apenas pegar minha mala.

— Eu a levarei. — Depois de uma pequena pausa, ele deu um passo à frente, e Zoe entendeu que estava esperando que ela dissesse onde estava a mala. Sentiu-se desajeitada, insegura.

— Está bem aqui — e estendeu a mão para a mala.

— Já lhe disse, eu a carregarei — disse Max, e pegou a mala pesada com facilidade.

Zoe o seguiu para fora do apartamento, no elevador e então para fora, no sol quente. Nenhum dos dois falou.

O motorista de Max pegou a mala, Zoe entrou na limusine e Max a seguiu. Sua coxa roçou a dela quando ele se sentou, e Zoe se sentiu excitada pelo toque, apesar de involuntário, já que ele resmungou um pedido de desculpas e se afastou.

O que acontecera com a noite passada, quando ele a puxara para seu corpo, quando quisera tocá-la? O que havia mudado? Não sabia quanto a Max, mas, para ela, o medo substituíra a esperança, a dúvida tomara o lugar da certeza, e se encolheu junto à janela sentindo-se muito infeliz.

A limusine saiu e, em minutos, deixavam para trás os quarteirões da cidade em direção ao Lincoln Tunnel e depois passaram pelo trecho dourado de estrada em direção a Long Island Sound.

Zoe deitou a cabeça no encosto do banco, os nervos a deixando mais nauseada do que o normal, o coração disparado. Max continuou sério e calado, e ela não sabia o que dizer, o que sentir. A situação era tão estranha e inesperada e, mesmo assim, tão esperançosa.

Estava lá, uma semente preciosa, determinada a criar raízes, determinada a acreditar que, mesmo se aquilo fosse a confusão que Max dissera que era, mesmo se

fossem dois estranhos cheios de mágoas cujo único laço era o bebê que ela carregava, mesmo se temesse que Max não pudesse... não quisesse... amá-la, *mesmo se...* talvez houvesse um futuro. O próprio Max dissera.

Apesar da tensão no carro, Zoe dormiu e acordou quando o carro parou. Fora, o céu era azul e se refletia na água.

O carro estacionou diante de uma casa de praia grande e espalhada, construída sobre um penhasco diante do braço de mar. Zoe olhou em torno e não viu outra casa ou edifício, apenas areia e terra. Percebeu que a limusine passara por um rua estreita de areia e ali era o fim.

— Esta parece ser a última casa em toda Long Island — brincou enquanto saía do carro e se espreguiçava, ainda sentindo enjoo... Mas Zoe se perguntou se era devido à gravidez.

Percebeu que estava nervosa, com medo... de quê? Não de Max, embora sua expressão fosse fechada, os olhos sombrios; não da casa, que era linda, estendendo-se em direção ao mar; nem mesmo do futuro, que era incerto, desconhecido.

Não, estava com medo de si mesma, com medo do anseio que aquele homem despertava nela, um poço profundo de necessidade que nem mesmo compreendia.

Por que ela? Por que Max? Por que seu corpo, sua alma e talvez até mesmo seu coração ansiavam por alguma coisa de um homem que era tão evidentemente inadequado e tão decidido a não lhe dar nada?

Por que agora?

Colocou as mãos na parte inferior das costas, onde sentia um nó de tensão permanente.

— Você está bem? — perguntou Max, o tom educado demais.

— Apenas cansada.

— Vamos entrar.

Ele se virou e andou pela trilha coberta de ardósia que rodeava um jardim cuidado, com rododendros e hortênsias, os passos precisos e medidos. Zoe o seguiu, olhando para o mar brilhante onde alguns barcos a vela balançavam preguiçosamente a distância, o ar fresco e salgado, e sentiu uma pequena semente de esperança se alojar em sua alma e começar a se abrir.

Dentro, a casa era toda luz e espaço, cada janela uma abertura para uma vista maravilhosa do céu e do mar. O foyer era muito alto, iluminado por uma imensa claraboia, banhando o aposento com a luz e o calor do sol.

Os passos de Zoe ecoavam no piso de mármore polido e ela sentiu o vazio dos aposentos.

— Estamos sozinhos?

Max havia deixado as chaves na mesa do hall e tirado o paletó. Zoe olhou com fascinação o movimento dos músculos sob o tecido caro e macio da camisa e sentiu uma fisgada de desejo.

— Sim. Há uma governanta que mora aqui, mas está de férias no momento e pensei que conseguiríamos cuidar de tudo nós mesmos.

— Está bem — tentou Zoe manter a voz leve e despreocupada, embora o

pensamento de ficar sozinha com Max a deixasse nervosa — mas preciso adverti-lo que sou uma péssima cozinheira.

— Não espero que cozinhe, podemos pedir as refeições. — Virou-se para ela, a sombra de um sorriso no rosto, brilhando nos olhos. — Já sente algum desejo estranho?

— Para dizer a verdade, mataria por uma boa galinha *tikka masala* - admitiu Zoe, sorrindo. — E nem gosto muito de comida indiana.

— Considere feito. — Deu-lhe as costas e Zoe se sentiu ridiculamente rejeitada, como se ele tivesse se afastado dela, embora ainda estivesse na sala, ainda a poucos metros de distância. Palavras se amontoaram em sua garganta, palavras que não diria.

Por que está tão distante? O que o tornou tão diferente do homem da noite passada? Quem você era a noite passada? E então, surpreendendo-a, Quem sou eu? Sinto que me encontrei aqui e, no entanto, não tenho certeza de quem sou. Quem poderia ser, em relação a Max, a não ser Zoe Balfour? A Zoe Balfour que o mundo conhecia, a Zoe Balfour que ela conhecia.

— Você devia descansar — disse Max —, pode escolher qualquer um dos quartos do andar de cima. — Já estava se afastando. — Eu a verei na hora do jantar.

Max se afastou, o passo rígido, obrigando-se a sufocar o sentimento estúpido de arrependimento por deixar Zoe sozinha. Levara-a para lá porque quisera, porque precisara. Dissera a si mesmo que precisavam passar algum tempo juntos para descobrir para onde iriam. Que tipo de futuro poderiam ter. No entanto, agora que ela estava lá, observando-o, *vendo-o*, percebeu que não suportaria o pensamento de ela descobrir como era vulnerável. De saber a verdade.

Pelo menos, tinha trabalho para ocupá-lo, diversas conferências pelo telefone a fazer, negócios a concluir. O trabalho lhe dava chão; o mantinha são, o fazia se sentir útil e vivo.

No entanto, quando se sentou à escrivaninha e discou o telefone... Levava um tempo enorme... Descobriu que não podia se concentrar. Tudo em que pensava era em Zoe deitada no andar superior, seus cabelos dourados espalhados pelo travesseiro, como uma espécie de Rapunzel, o cheiro de água de rosas perfumando o ar. O que estaria pensando? Estaria feliz de estar ali? Ficaria enfadada? Descobriria a verdade sobre ele mesmo antes que lhe contasse?

Reprimindo um gemido de frustração, Max obrigou sua mente a voltar à conversa pelo telefone que concluiria um acordo multimilionário... Um acordo pelo qual trabalhara por meses e que agora parecia tão vazio como seu coração desesperado.

Zoe subiu os degraus de mármore, os dedos correndo pelo corrimão de ferro, até o andar dos quartos. Observou alguns quartos; cada um era decorado com perfeição, as cores náuticas adequadas para a casa de praia e suas muitas vistas para o braço de mar.

Qual seria o quarto de Max? Eram todos anônimos e Zoe teve a sensação desagradável de que Max escolheria o quarto mais distante do dela. O que quer que tivesse havido entre eles antes parecia ter desaparecido completamente.

Zoe finalmente escolheu um quarto no centro da casa, a janela com varanda se

debruçando sobre a praia. Caminhou, inquieta, por alguns minutos, examinando os detalhes do quarto e do banheiro, e então, por falta de coisa melhor a fazer, estendeu-se na cama king-size, com seus lençóis macios, tão parecidos com os do apartamento de Max em Nova York, e, depois de alguns minutos, adormeceu.

Quando acordou, o sol já estava descendo, o céu limpo e sem nuvens. Em torno, a casa parecia completamente imóvel e vazia, e Zoe se perguntou onde estaria Max, o que estaria fazendo. Dormira por muitas horas e, quando seu estômago roncou, percebeu que estava com fome. Não comeria nada o dia todo.

Aprontou-se rapidamente e desceu, percorrendo os aposentos um por um... Todos vazios e silenciosos, iluminados apenas pelos últimos raios de sol.

Encontrou Max na cozinha de granito e aço, em pé diante de uma das bancadas, dois recipientes diante dele. O aroma pungente da galinha *tikka masala* dominava a cozinha e o estômago de Zoe roncou de novo.

— Você se lembrou — disse ela, e ouviu o prazer na própria voz. Max ergueu a cabeça, virando-a sem olhar para ela, o rosto sério.

— Sim. Está com fome?

— Faminta. — Hesitou, sem compreender o humor de Max, sem saber a origem da tensão na cozinha, mas sempre houvera tensão entre eles. — Devo pegar os pratos? — Tentou injetar uma nota de bom humor na voz.

— Boa ideia, eles ficam no armário sobre a pia.

Zoe se ocupou com os pratos, os talheres e os copos e preparou dois lugares na enorme mesa de carvalho no canto do café da manhã da cozinha.

Portas francesas levavam diretamente a um pátio e dali para a praia, a água agora perdida na escuridão.

Em poucos minutos, ambos estavam sentados às cabeceiras da mesa, a cozinha enorme e vazia em torno deles. Zoe comeu um pedaço da galinha e fechou os olhos.

— Está bom? — perguntou Max, e havia maior leveza em sua voz.

— Divino. É maravilhoso apenas *gostar* de comer alguma coisa. Não tinha percebido como não dava importância à minha saúde até começar a passar tão mal. — Pegou um pedaço de pão e mergulhou-o no molho. — Pelo menos vai passar.

— Sim, é apenas temporário.

Voltaram a ficar em silêncio, e Zoe pensou que Max ficara sério de novo, mais do que antes.

— Então — disse ela finalmente, disposta a manter a conversa — não sei nada sobre você. — Max apenas deu de ombros. — Onde você foi criado?

— Connecticut.

— Tem irmãos e irmãs?

— Três irmãs, todas mais velhas do que eu.

Zoe sorriu, provocante.

— Você deve ter sido horivelmente mimado.

Max pensou por um momento.

— Não particularmente — disse finalmente, e Zoe voltou a fazer perguntas. Não era uma conversa, era um interrogatório:

- Você tinha algum bichinho de estimação? Max pareceu surpreso.
- Tínhamos uma cadela chamada Boots, que morreu quando eu tinha 6 anos.
- Deve ter sido difícil. Ele apenas deu de ombros.
- Você sempre foi um homem de negócios?
- Não.
- O que fazia antes?

Houve uma pausa; Zoe pensou que talvez estivesse chegando a algum lugar.

- Estava na força aérea.
- Militar? — Agora ela compreendia seu senso de precisão, o frio autocontrole de seus movimentos e reações. — Por quanto tempo?

Outra pausa.

- Dois anos. A força aérea pagou minha universidade. No segundo ano, fui convocado para lutar na Guerra do Golfo, a primeira.

Ele falou sem emoção e Zoe se perguntou o que ele *não* estava contando.

- Você lutou na guerra? — perguntou, embora ele já tivesse contado.

Ele assentiu.

- Eu era membro da tripulação de um E-2 Hawkeye e fazíamos missões de busca e socorro. Deixei a força aérea depois da guerra, fui dispensado com honra.

- Você foi ferido?

- Nosso avião caiu. — Afastou o prato. — Agora é minha vez de fazer algumas perguntas.

- Está bem — concordou Zoe, embora quisesse saber mais. — Vá em frente.

- Por que veio para Nova York?

Lutou para não desviar os olhos.

- Precisava de uma mudança de cena.

- Por quê?

Um rubor lhe subiu ao rosto; queria disfarçar, mas não podia. A honestidade precisava começar em algum lugar.

- Lembra-se daquela pesquisa que fez na Internet? — Baixou os olhos para o prato. — Bem, na Inglaterra a imprensa foi cerca de cem vezes pior do que aquilo. Jornalistas no gramado, telefonando a qualquer hora. Foi horrível. — Não falaria sobre o pai biológico, sobre a rejeição que sofrera em Nova York.

- Então você fugiu da imprensa? — Zoe sabia que ele não acreditava naquilo.

- Não, fugi de mim mesma. — Ficou surpresada, mas soube que era verdade. — Quando descobri que não era filha do meu pai... de Oscar... Que não era uma Balfour... Foi como ter perdido um braço, uma perna ou...

- A visão? — completou Max, e Zoe assentiu.

- Sim, uma parte essencial de mim. E não sabia quem eu era ou podia ser sem aquilo. E ainda não sei.

Ela ficou em silêncio, querendo e temendo o que Max diria, sua crítica ou sua piedade.

- Bem, quantos anos você tem? Vinte e quatro, vinte e cinco?

- Vinte e seis.

— Tem muito tempo para encontrar as respostas a estas perguntas. — Empurrou a cadeira para trás, parecendo subitamente inquieto. — Tenho 38 anos.

— E lutou numa guerra e tem um negócio multimilionário — disse Zoe, secamente. — O que ainda precisa descobrir? Sabe exatamente quem é.

Max deu uma risada baixa; havia alguma coisa áspera no som.

— Não tenha tanta certeza. — Zoe o olhou, surpreendida. — De qualquer maneira — a voz se tornou mais suave — você chegará lá, é mais forte do que pensa.

Exatamente o que seu pai dissera, mas Zoe não acreditava. Queria, mas não se sentia nem um pouco forte.

— Que tal responder a mais perguntas? — Não queria falar sobre si mesma. — Qual é sua cor favorita?

Max lhe deu um de seus breves sorrisos, embora houvesse alguma coisa triste na curva da boca.

— Todas elas. — Virou o rosto e ela o ouviu suspirar de leve. — Todas elas — repetiu.

Terminaram a refeição quase em silêncio, e depois Max se retirou para o escritório, dando o trabalho como desculpa, pensou Zoe, amarga, para não ficar com ela.

Por que a convidara? Cada vez que achava que estavam ficando mais próximos, Max se afastava de novo. Estaria arrependido de se envolver na vida do bebê, na vida dela? O pensamento a aterrorizou e estava ficando tão cansada de ter medo.

Andou pelos aposentos do térreo, examinando cada sala espetacular antes de se instalar na sala de estar com um livro. Não estava muito interessada na leitura, mas esperava que, se ficasse no térreo, em algum momento Max poderia deixar o trabalho para ficar com ela.

Mas ele não foi. Às 10 h, cansada apesar de seu longo sono da tarde, Zoe guardou o livro que não lera e subiu, sentindo-se como a única hóspede de um hotel de alto luxo.

Dormiu e acordou de repente, no meio da noite, o quarto iluminado pelo luar. Podia ouvir o som constante das ondas, mas fora alguma outra coisa que a acordara... um soluço.

Ouviu-o de novo, aquele grito abafado, e se perguntou quem estaria fazendo aquele som. Uma criança perdida na noite? Levantou-se e, sem acender a luz, dirigiu-se para a origem do som. Passou por diversas portas fechadas até chegar à última no corredor; então parou.

Só havia o silêncio cortado por sua respiração irregular; comprimiu as mãos contra a porta e então ouviu o som de novo, como de alguém sofrendo. E vinha do quarto fechado por aquela porta.

Sem pensar no que estava fazendo, Zoe abriu suavemente a porta e entrou. Lá, num raio de luar, estava o corpo adormecido de Max. Estava na cama, os lençóis enrolados no corpo nu, os olhos fechados com força. E o som... Aquele soluço... Vinha dele.

— Max...? — sussurrou, mas Max não a ouviu.

Estava sonhando... Se podia considerar um sonho aquela expressão de agonia

emocional. Zoe se aproximou ainda mais.

— Max — disse de novo, mais alto, mas ele não acordou. Seus dedos estavam fechados nos lençóis e balançava a cabeça, como se quisesse afastar um grande perigo.

— Max... — Zoe se ajoelhou na cama e lhe tocou a testa, afastando os cabelos úmidos.

Queria lhe tirar aquela dor, precisava confortá-lo, dar-lhe tranquilidade; ele se debateu e o coração dela doeu.

— Max... — segurou-lhe o rosto com as palmas das mãos — Max... Está tudo bem, você está sonhando.

Debruçou-se sobre ele e a mão dele se ergueu para agarrar a dela, apertada contra seu rosto, e ela não pôde se mover. Os olhos dele se abriram e ele a olhou com um desespero súbito.

— Você está bem? — A voz era áspera.

Zoe sentiu um pouco de medo.

— S-sim, Max, estou bem.

A mão, dele ainda agarrava a dela, quase lhe esmagando os dedos. Olhou-a por um longo momento, e Zoe se perguntou se estaria vendo-a ou se era ainda o sonho. Havia uma expressão estranha e terrível nos olhos dele, como se ainda estivesse preso no pesadelo.

Então ele relaxou, o rosto suavizou, a mão ficou mais leve na dela. Zoe começou a se afastar, mas, para sua surpresa, Max a puxou para ele, abraçando-a de uma forma como nunca fizera antes, como se quisesse transformar seus corpos num só. Ela se aninhou em seu ombro, os corpos pressionados, unidos, e ela se maravilhou como combinavam, o rígido contra o macio, o grande contra o pequeno.

Olhou para ele; seus olhos estavam fechados de novo, mas não havia mais a dor de alguns momentos antes. O rosto estava relaxado, suavizado, e Zoe se sentiu grata e seu próprio corpo relaxou.

Então Max abriu os olhos e a fitou por um momento infinito, os olhares presos antes de ele abaixar a cabeça e lhe tomar a boca num beijo tão dolorosamente doce que Zoe quase chorou. Ergueu as mãos, segurou-se em seus ombros e se pressionou ainda mais contra ele, querendo tocá-lo, senti-lo, ser parte dele.

Finalmente, ele a soltou, deixando-a tonta, alegre e, no entanto, vazia. Então a abraçou de novo, o queixo em sua cabeça.

— Fique comigo, não me deixe sozinho.

— Não deixarei — sussurrou Zoe.

Não queria deixá-lo; não queria ficar sozinha. E percebeu que não havia outro lugar para ela a não ser nos braços de Max. Mesmo assim, não sabia se Max estava consciente de suas ações ou se estava acordado. Mas não se moveu, não quis romper aquele novo laço, frágil e maravilhoso, entre eles.

Max suspirou, o som suave de alguém relaxado e contente.

— Você cheira a rosas — murmurou contra seus cabelos, e o coração de Zoe inchou, apenas para parar quando ele acrescentou: — Diane.

Capítulo Sete

Max acordou lentamente, o mundo entrando em foco difuso, mas naquele momento não se importou; não se incomodou com sua perda de visão. Sentia a luz do sol quente no rosto, podia ver seu brilho dourado preenchendo o quarto... e seu coração... de luz.

Ainda sentia moleza nas pernas, um contentamento em todo o corpo que era tão estranho, tão pouco familiar que mal reconheceu o que era. E por que o sentia.

Zoe.

Ela viera na noite anterior, ali, em seu quarto. Deitara-se em seus braços; ela *combinara* com eles. E a deixara ficar, quisera que ficasse. Tinha sido bom. Mas, mesmo enquanto seu coração reconhecia, sua mente protestava: *Ela o viu enfraquecido... impotente... desarmado.*

Fechou os olhos e anulou a luz. Não conseguia se lembrar de mais do que alguns fragmentos da noite anterior: a suavidade de seus cabelos, o perfume de rosas, a gentil doçura de seu toque. Quando ela se deitara nos braços dele, o velho pesadelo, as vozes desdenhosas e os gritos de angústia desapareceram, assim como desaparecera a voz dura e crítica do próprio pai:

Você tem que esquecer, Max. Se vai ser um soldado, um homem, então tem que esquecer. Jamais esquecera, carregava aquilo com ele até aquele dia, a vergonha e a dor e o arrependimento e, pior, a sensação de total impotência. Jamais quisera se sentir assim de novo, não suportava a ideia de que Zoe o vira daquele jeito...

Não suportava o pensamento de falhar com *ela*, falhar de novo como falhara antes.

E no entanto...

E no entanto ela o vira fraco na noite anterior e não se afastara. Foi só então que Max percebeu que seus braços estavam vazios, que estava sozinho na cama.

Zoe se fora.

Combateu a onda súbita de perda e medo e se levantou. Vestiu-se rapidamente; aprendera a deixar as roupas dobradas ao lado da cama para não precisar escolher entre as muitas peças irreconhecíveis. De jeans e uma camisa larga, caminhou pela casa, ouvindo e sentindo o silêncio debochado em torno dele.

Onde ela estava? Teria ido embora? Passou por todos os aposentos, os ouvidos e o coração atentos ao menor dos movimentos, esperando que Zoe dissesse alguma coisa, revelasse seu esconderijo, o encontrasse.

Por que fora embora?

O desespero foi substituído por aborrecimento e então raiva. Teria ido embora sem lhe dizer nada? Ele a teria repugnado tanto com seu pesadelo infantil na noite anterior que ela *fugira*? A vergonha queimava, corroendo sua coragem e matando a doce lembrança de Zoe ao lado dele.

Sozinho no meio da cozinha, uma nova onda de fúria o tomando, sentiu alguma coisa. Um movimento, uma brisa da praia soprando sobre ele, fria e doce. Inalou e sentiu o cheiro de maresia; as portas de vidro de correr, que levavam à praia, estavam abertas; então soube onde Zoe estava.

Hesitou, relutante em se aventurar na praia. Costumava gostar do mar, do brilho do sol na água, a frescura da brisa. Agora tudo mudara. O pensamento de andar em território desconhecido... Passara mais de um ano sem vir à casa de praia, e então só ficara algumas semanas... O fez ter medo.

Foi um pequeno espasmo de medo que lhe fortaleceu a decisão. Não se deixaria dominar pelo medo; era mais forte do que ele, podia ser.

Caminhar descalço na areia não era fácil, mas Deus sabia que estava acostumado às dificuldades. A areia fofa o fazia tropeçar e cambalear e lembrar o gosto metálico do medo, podia quase sentir a dor do cano do rifle na parte baixa das costas, ouvir as vozes desdenhosas e sentir o gosto amargo da mordada na boca. E a escuridão. A escuridão sem fim que temia tanto.

Era tão parecido com o passado, como o pesadelo, que mal podia suportar. Jamais tivera uma lembrança tão vivida... Pelo menos, acordado. O suor lhe cobriu o corpo e ele se debruçou, as mãos nos joelhos, respirando profundamente, odiando-se.

Tudo aquilo acontecera dezenove anos atrás, metade de sua vida, e ainda o abalava, especialmente agora que estava perdendo a visão.

Por pura força de vontade, continuou andando, um pé na frente do outro, até chegar ao alto da duna e sentir e ouvir o mar. Não estava no deserto, estava na praia, na sua praia, e soube que Zoe estava diante dele. O alívio o tomou, enfraquecendo lhe as pernas com sua doçura.

Piscou diante do brilho do sol, que tornava ainda mais difícil detectar sombras. Mesmo assim, conseguiu perceber uma forma pequena e sentada na areia dura, a curva graciosa de um ombro. Zoe. Seguiu em frente até ficar a apenas um metro dela, enfiou as mãos nos bolsos da calça e esperou. Perguntas lhe enchiam a mente e ficavam presas na garganta: *Por que foi ao meu quarto a noite passada? O que a fez ficar? O que a fez sair?*

Mas não pôde verbalizá-las. Estava, percebeu com enorme desprezo por si mesmo, com medo das respostas. Então apenas ficou lá, ouvindo os gritos tristes das gaivotas, e esperou que Zoe falasse.

Zoe sentiu Max atrás dela e ficou tensa, num misto confuso de esperança, alívio e medo. Ele viera encontrá-la, no entanto agora apenas ficava ali, sem se mexer ou falar, e não sabia o que ele estava pensando, sentindo. Sem saber se aquela noite juntos significara mais para ela. Se ele ao menos se lembraria.

— Você acordou — disse ela, virando-se para sorrir para ele, mantendo a voz alegre.

— Sim. — A palavra solitária foi áspera e fez Zoe se sentir mais tensa. Ela se virou para o mar, a superfície lisa e plácida sob o sol da manhã.

— É lindo aqui, vim ver o nascer do sol. Foi maravilhoso. — Estava tagarelando, percebeu, e parecia uma idiota. Mas tinha sido maravilhoso ver o mundo despertar em cores e luz. Sentira-se, estranhamente, como se tivesse sido acordada também... seu corpo e alma e coração abrindo-se para a possibilidade.

Sentira a mesma coisa quando acordara naquela primeira manhã ao lado de Max, como se a cor e a luz lhe penetrassem a alma, restaurando lhe os sentidos. Como se, mais uma vez, estivesse viva. E hoje, quando acordara uma hora atrás e o vira dormindo a seu lado, a mesma sensação de vida plena. Tocara-lhe o rosto, amando a sensação dele. Então se lembrara de como a chamara pelo nome de outra mulher e saíra da cama.

— Eu costumava adorar ver o sol nascer — disse Max, e havia uma estranha nota de anseio em sua voz que Zoe não compreendeu.

— Costumava? — A voz continuava leve. — Não é mais uma pessoa da manhã?

— Não sou uma pessoa do nascer do sol.

Zoe acenou, embora não compreendesse.

— Nem eu. Para dizer a verdade, costumo dormir até bem tarde.

— De alguma forma, isto não me surpreende. — O leve tom de humor negou o possível insulto.

Ele se sentou ao lado dela na areia fria e dura, o corpo tão perto. Podia sentir seu calor, sua força e gostaria de poder tocá-lo. Gostaria de ser corajosa e confiante o bastante para se recostar nele, perguntar-lhe o que estava pensando e talvez até lhe dizer como se sentia. *Acho que amo você... Amo o pouco que posso ver de você, quando me deixa, como fez a noite passada.* Mas comprimiu os lábios e olhou para o mar.

— Eu costumava vir para cá quando era criança — disse suavemente — e adorava, Zoe se virou para olhar para ele, curiosa.

— Este lugar pertence a sua família?

Max balançou a cabeça.

— Não, alugávamos um pequeno chalé perto da cidade. Mandeí construir esta casa há cinco anos. Queria que a luz enchesse cada aposento, não importando qual fosse a hora do dia.

Zoe percebeu que ele falava no passado, como se sua vida tivesse terminado e, talvez, de alguma forma estranha, tivesse. Max... Percebeu não parecia uma pessoa ferida; parecia uma pessoa *morta*.

Tudo sobre ele era fechado, distante da vida, do amor. Por quê? O que havia acontecido para torná-lo tão completamente remoto, para lhe provocar uma expressão tão gelada de tristeza desconhecida? Ou estaria imaginando, como uma forma de explicar a rejeição brutal que sofrera dele?

E, no entanto, Zoe sabia que era aquela desesperada sensação de perda que a atraía para Max porque sentia a mesma coisa em si mesma. Sua vida... A vida que conhecera... terminara. Não importava o que acontecesse, jamais poderia voltar a ser uma Balfour... o tipo de Balfour que fora antes... E isto a fazia se sentir de luto... Um

luto que sentia que Max, de uma forma estranha, partilhava, sentia.

Mas quando estavam juntos... quando dançaram, quando ele a tomara nos braços... não sentira aquele luto e achava que ele também não. Por algum motivo, o pensamento não lhe deu esperanças, a fez se sentir triste.

— Quem é Diane? — Não tivera a intenção de fazer a pergunta. Queria esquecer que Diane existia, que Max dissera o nome de outra mulher enquanto estava nos braços dele, o gosto dela ainda em seus lábios. No entanto, a lembrança daquela palavra a atormentara toda a manhã.

Ao lado dela, Max ficou tenso.

— Por que pergunta?

— Você... Você disse o nome dela. — Virou a cabeça, incapaz de olhar para ele. — Você me chamou de Diane a noite passada e isto me deixou curiosa.

Max suspirou, mas não disse nada por um longo tempo. Zoe também esperou.

— Ela era médica da força aérea, uma das tripulantes do Hawkeye durante a Guerra do Golfo.

Zoe piscou; não era o que esperava. Talvez uma antiga amante ou até mesmo uma noiva. Mas um membro da tripulação? No entanto, por que não? Aqueles dois anos deviam ter sido muito traumáticos; por que não carregaria a dor daquelas lembranças mesmo agora? Lembrou-se de como ele perguntara, como se não acreditasse, "Você está bem?".

— Ela morreu quando seu avião caiu?

Max respirou fundo.

— Não, mas algumas vezes gostaria que tivesse morrido.

Zoe piscou de novo; queria perguntar o que acontecera para que ele dissesse aquela coisa horrível, mas estava com medo da resposta. Estava com medo de não ter forças para ouvir, para saber que demônios Max combatia mesmo agora. Não era forte o bastante, não importava o que seu pai e Max tivessem dito.

De qualquer maneira, Max não lhe deu a oportunidade. Levantou-se num movimento fluido e estendeu a mão para ajudá-la a se levantar. Zoe a tomou; a mão dele era forte e áspera quando a puxou, e então, assim que ela ficou em pé, soltou-a.

— Vamos, vou lhe preparar o café da manhã.

Zoe seguiu-o até a cozinha, sentou-se num tamborete ao lado da bancada e o observou se mover com ações cuidadosas, deliberadas. Abriu a geladeira e tirou alguns ovos; então olhou para ela.

— Espero que goste de ovos mexidos, é uma das poucas coisas que sei fazer.

Zoe jamais gostara muito de ovos, e agora que vivia enjoada, gostava ainda menos. Mas ficou tão comovida pela disposição de Max de cozinhar para ela que sorriu.

— Adorável.

Ele pegou uma tigela, quebrou seis ovos e começou a bater.

— Pode tomar café ou prefere chá de ervas?

— Não, apenas água.

Ela desceu do tamborete e pegou a água. Então ficou perto da geladeira, tomando a água e observando Max se mover na cozinha naquela sua maneira de deliberação

precisa e militar. Ele pegou uma frigideira e a colocou no fogão, parando ligeiramente antes de acendê-lo e jogar os ovos batidos nela.

Era tudo tão normal, tão confortável e *real*, pensou Zoe com uma fisgada. Sentia-se capaz de viver assim para sempre, com o sol entrando pelas portas francesas, os ovos fritando na frigideira, Max em pé ali, parecendo relaxado. Formavam um lindo quadro, com Max tão atraente com uma camisa meio desabotoada e jeans, que enfatizava sua cintura e quadris estreitos e as pernas longas e poderosas.

O ventre de Zoe enrijeceu de desejo enquanto se lembrava do beijo da noite anterior. Max não fizera referência a ele. Teria esquecido? Ousaria perguntar?

— Acho que os ovos estão prontos — disse Max, tirando-os. Zoe sorriu.

— Fabuloso.

E, para sua surpresa, teve prazer em comê-los. Sentada à mesa ao lado de Max, num raio de sol, sentiu que o momento era perfeito, puro e *possível*.

— Como você fez seus milhões? — perguntou, um pouco atrevida, e ficou feliz ao ver a sombra de um sorriso no rosto dele.

— Sou brilhante, é claro — respondeu, e ela riu. — E tive um pouco de sorte. Fiz o investimento certo na hora certa.

— Mais de uma vez, tenho certeza.

Max concordou com um assentimento.

— Algumas vezes.

— Gosta do que faz?

— Sim, gosto muito. — Ergueu o olhar para ela. — E você, Zoe, gosta do que faz?

Ela apenas sorriu.

— Quer dizer, fazer compras e ir a festas, e gastar o dinheiro do meu... meu pai?

— Se é isto o que faz. — O rosto dele estava sereno, alerta mas aborçável. Ela tomou um gole de água, despreparada para a sinceridade.

— É o que sempre fiz — disse finalmente. — Suponho que não consigo me imaginar fazendo nada mais.

— Supõe? Não tem certeza?

— Você disse ontem à noite que tenho muito tempo para descobrir o que quero fazer com minha vida.

— Algumas perguntas podem lhe dar um começo. — Max agora sorria. — O que queria ser quando era criança? Uma bailarina?

Ela riu.

— Não, sou desajeitada demais para isto.

— Não foi desajeitada ontem quando dançamos.

— Não, mas nós mal nos movemos e isto é o máximo que consigo fazer quando danço.

— Bem, então queria ser uma estrela do rock?

Zoe rodou o copo entre as palmas.

— Quando era pequena, queria ser uma cientista.

— Uma cientista? Não é com isto que a maioria das garotas sonha.

Zoe riu.

—Não, não é, mas eu amava Ciências... costumava me sentar na biblioteca do meu... meu pai e ler enciclopédias. — Para seu constrangimento, sentiu um nó na garganta com uma emoção que nem sabia qual era. — Adorava os verbetes sobre plantas exóticas e costumava decorar os fatos para contar às minhas irmãs na mesa do jantar. — Fez uma pausa. — Elas achavam que eu estava inventando.

— Por que achariam isto? Zoe deu de ombros.

— Não sou muito inteligente. Mal consegui terminar o ensino médio e não tinha competência para ir para a universidade.

Virou o rosto vermelho com a vergonha de que ainda se lembrava. E com a humilhação de contar a Max. Não gostava de admitir que fracassara numa escola exclusiva. E ainda se lembrava de sua professora de Ciências lhe dizendo, gentil: "Algumas garotas não foram feitas para a universidade, Zoe, você tem outros talentos..." E tinha... um talento *particular* para se divertir.

— Lamento, dói quando um sonho de criança nos é tirado. Ele falava como se tivesse experiência, e Zoe ficou curiosa:

— E você? O que queria ser quando crescesse?

— Um soldado — a emoção desaparecera de sua voz. — Sempre um soldado.

— E você conseguiu uma coisa tão boa quanto isto, na força aérea.

— Descobri a beleza de voar quanto tinha 14 anos — admitiu Max. Um sorriso iluminou lhe o rosto. — Um amigo do meu pai nos levou em seu pequeno biplano. — A voz parecia distante e encantada, perdida na lembrança. — Foi mágico, voar acima das nuvens, longe de tudo. Não queria descer nunca mais.

Longe de tudo... Do que Max estava fugindo? Sua descrição do voo a lembrou de sua escolha da própria forma de fuga, nos livros na biblioteca do pai. E então, mais tarde, quando sua forma de fuga fora o constante circuito social. Quando ficava tão ocupada se divertindo que não tinha tempo para pensar. Escondia-se de si mesma por anos.

A constatação a chocou. Sabia que estava se escondendo desde que haviam surgido as notícias sobre seu nascimento; não percebera até então que estava fugindo muito antes disso. Fugindo do desapontamento, do medo, da sensação de fracasso por não ler se tornado o que queria ser. Pretendia ser. Aquela garotinha que se aninhava na poltrona do pai e sonhava em descobrir coisas ... saber coisas... para onde ela fora? E, pensou Zoe com tristeza, poderia tê-la de volta?

- Voar parece maravilhoso. Acha que voará de novo?

- Não. — A resposta foi tão incisiva que Zoe se assustou um pouco.

- Nunca mais?

- Não, nunca mais.

Havia tanta infelicidade na expressão dos olhos dele que a respiração de Zoe parou na garganta. Soube instintivamente que estavam à beira de um novo começo, que Max estava prestes a lhe dizer alguma coisa... O conhecimento pairava no ar e ela sentiu um tremor de medo ao que ele diria. A expressão dele não anunciava nada de bom.

— Zoe...

— Sim? — sussurrou um pouco depois, quando Max não disse mais nada, embora o corpo dele estivesse tenso, assim como o dela, com a expectativa.

— Preciso lhe contar... — Ele parou e uma expressão de incerteza lhe tomou o rosto, seguido por outra de determinação. Estendeu a mão para a dela e ficaram silenciosos, sentados, os dedos entrelaçados. Apesar do conforto que o toque lhe dava, sentiu uma onda de medo.

— Max...?

Zoe sabia que o que quer que ele fosse dizer mudaria tudo. Então, sem pensar no que fazia... ou em suas consequências... ela deu uma pequena risada.

— Max, você parece positivamente assustador. Certamente não pode ser nada tão ruim. — Ela sorriu, virando a cabeça para o lado, e, por um momento, Max pareceu ter sido atingido por alguma coisa que o ferira. E Zoe soube que o ferira; destruía a tensão do momento porque tinha sido demais para ela e impedira que Max dissesse a coisa horrível que estava prestes a dizer.

Uma expressão de quase alívio lhe amenizou as feições e ele balançou a cabeça.

— Não, não é nada.

Zoe o observou se afastar e se encheu de arrependimento. Era tão fraca, pensou, e covarde; por mais que quisesse ouvir as confidências de Max, conhecer seus sentimentos, também temia não ser forte o bastante para suportar outra rejeição.

— Preciso trabalhar — disse Max, parando por um segundo à porta, e Zoe sabia que não estava imaginando o tom de tristeza em sua voz.

— Certo — disse ela, alegre como sempre. — Vou lavar a louça, já que foi você que cozinhou.

— Obrigado — disse Max, e se afastou da cozinha. Desconsolada, Zoe olhou as vasilhas sujas e se perguntou como, quando apenas momentos antes estava se sentindo tão bem, podia agora se sentir tão desolada.

— Você quer o quê? — Os dedos de Max, prestes a fazer uma ligação telefônica, pararam. Atualmente, fazia seus negócios por telefone, rádio ou o programa de voz do computador. Recostou na cadeira e dobrou a cabeça para ver o máximo possível de Zoe.

Ela estava à porta, usando alguma coisa flutuante e rosada, a nuvem de cabelos dourados em torno do rosto. Não podia ver muito mais, mas seu ventre apertou com um inesperado espasmo de desejo e ele se lembrou do gosto e do toque dela da noite anterior... Como sentira os lábios dela nos seus, tão suaves e docemente maleáveis, seu corpo se curvando tão naturalmente em torno do dele.

Max obrigou-se a afastar as lembranças; o que quer que tivesse acontecido na noite anterior, morrera naquela manhã, destruía qualquer esperança que Max tivera de que ele e Zoe pudessem ter alguma coisa. A maneira como ela se afastara até mesmo da possibilidade da verdade lhe mostrara quem ela era. Quem ele era.

— Quero ir à cidade. — A voz era leve e alegre. — Ver um pouco deste lugar. Ou pretende me manter presa aqui enquanto trabalha fechado no escritório?

— Estamos aqui há apenas um dia, não pode pensar que está presa.

— Mesmo assim, Max, se pretendemos nos conhecer... Encontrar um caminho à

frente...

Max afastou o olhar dela. *Havia* um caminho à frente? Tivera esperanças aquela manhã, uma sensação de liberdade por saber que Zoe o vira em sua fraqueza e não se afastara. No entanto, não haviam falado sobre a noite anterior... Ambos cúmplices da mentira, agindo como se nada tivesse acontecido.

E poderia muito bem não ter acontecido, dado o desespero que sentia agora, enquanto se perguntava como diabos lhe contaria a verdade, uma verdade que o amedrontava; o que ela faria com Zoe?

Tentara lhe contar aquela manhã; pelo menos, começara. Então, vira o sorriso dela, falso e leviano, e sua risada cristalina ensaiada, e soube que ela não queria ouvir. Não estava pronta. E por que estaria? Não se conheciam bem o bastante para testar seu relacionamento... se é que tinham um... Tão severamente. Como podia uma mulher como Zoe, acostumada às melhores e mais *divertidas* coisas da vida, se relacionar com um homem como ele?

Estivera determinada a envolvê-lo na vida do bebê deles; estaria ainda tão determinada quando soubesse o que ele era e de como pouco podia fazer por quem quer que seja, muito mais um filho?

Não permitiria que ela lhe negasse o convívio com seu filho. Sua própria infância tinha sido árida e dura, queria mais para seu filho ou filha, queria dar mais. E se perguntava se poderiam ter um futuro juntos; o pensamento de que teria uma vida parcial com uma mulher que só podia sentir pena dele o fez ficar furioso e magoado; *jamaís aceitaria isso*.

Max se obrigou a voltar o olhar para Zoe e ouviu um suspiro de impaciência.

— Você quer ir à cidade.

— Sim.

Max pensou na dificuldade que sentira para fazer os ovos mexidos. Agira por instinto, movimentos simples e, no entanto, incrivelmente difíceis quando mal enxergava o que fazia. Ficara tenso, os nervos distendidos pela pouca familiaridade, pela complexidade de procedimentos tão simples. Quisera fazer alguma coisa, provar a Zoe e a si mesmo que era capaz.

De fazer o quê?, debocava agora sua mente. De fazer o café da manhã? E aquilo realmente impressionaria Zoe, quando o pensamento de caminhar pela cidade, encontrar todo tipo de obstáculos inesperados, pessoas, *coisas* o aterrorizava? Um degrau onde tropeçar, uma porta para abrir? Quem sabia o que poderia revelar e se humilhar?

— Bem? — perguntou Zoe, e Max se obrigou a sorrir.

— Está bem — disse, levantando-se da escrivaninha — vamos à cidade.

A de East Hampton era graciosa de uma forma rica e intencional; Zoe admirou as butikues com os últimos lançamentos da moda, as placas de madeira artesanais, as cafeterias nos lugares certos. No entanto, enquanto andava pelas calçadas diante de lojas com cercas de madeira, havia nela uma grande tensão. Desde que a limusine os deixara no centro, Max agia como se estivesse sendo torturado. Caminhava ao lado dela, a postura rija, em marcha militar. Seu rosto estava vazio de expressão, os olhos

escuros, o queixo duro.

Pelo amor de Deus, pensou aborrecida, seria tão desagradável assim andar com ela pela cidade? Ele não parecia irritado ou aborrecido, parecia sentir *dor*.

Poderia estar ferido pelo acidente? Seria isto que pretendia lhe contar pela manhã? Não sabia se tinha a coragem de lhe fazer perguntas ou, mais importante, ouvir as respostas. Como naquela manhã, sua mente se afastava daqueles pensamentos e sua própria covardia a envergonhava.

Como podia esperar ter qualquer tipo de futuro com Max se não estivesse disposta a enfrentar a verdade, por mais difícil e dura que fosse? E no entanto, apesar de seu desconhecimento, sentia-se irritada... e magoada... pelo comportamento frio e rijo de Max.

Determinou-se a compensar o silêncio dele conversando e até flertando com qualquer homem com quem cruzavam, experimentando chapéus escandalosos e xales finos e conversando e rindo, daquela maneira estudada, em cada e todas as lojas em que entrava, enquanto Max esperava à porta, rijo e imóvel, sem querer entrar, parecendo estar no nono círculo do inferno.

Ou, talvez, *ela* estivesse. Certamente não estava se divertindo, apesar de todas as evidências em contrário. Zoe sabia que voltava a usar as antigas táticas, a se apresentar como era antes. Queria provocar uma reação em Max, por mais infantil que aquilo fosse.

Precisava descobrir... sentir... alguma coisa dela. Também sabia que usava suas velhas táticas porque não conhecia outra forma de agir, quem mais podia ser. Queria, percebeu, mudar, recapturar aquela garotinha curiosa que passava as tardes lendo na poltrona de couro; queria descobrir seus talentos e forças ocultos.

Que forças ocultas?, zombou sua mente. Tirou o chapéu de palha de aba larga e fitas penduradas e colocou-o de volta no lugar. Max estava à porta, a expressão tensa e até mesmo um pouco zangada. Zoe teve vontade de se aproximar dele a sacudi-lo com força.

E a noite passada? E quando a segurara nos braços, quando a beijara como se a amasse... ou talvez amasse a lembrança de outra mulher, de Diane. Teriam sido amantes? perguntou-se Zoe, desconsolada, sabendo que não tinha o direito de sentir ciúmes. Teria acontecido alguma coisa a Diane que fizera de Max o homem que era agora, um homem que parecia já ter vivido o melhor que a vida podia oferecer e, no entanto, tinha pesadelos horríveis à noite... lembranças... do que houvera antes? Seria *isto* que iria contar a ela?

Enquanto a tarde passava, Max não se mostrava disposto... ou interessado... em fazer os jogos dela, por mais escandaloso que fosse o procedimento de Zoe... segurando o braço de um jovem vendedor que ainda devia ser um universitário, batendo os cílios e dobrando a cabeça sedutoramente enquanto ele gaguejava respostas a suas perguntas ridículas... a expressão inescrutável de Max não mudava e só lhe dizia o essencial enquanto a levava de um lugar para outro.

No fim da tarde, Zoe se sentiu derrotada, drenada, mas, apesar de tudo, ainda mais determinada a extrair alguma coisa daquele homem. Era, pensou desanimada,

como tirar Leite de pedra.

Max Monroe teria mesmo sangue? Era um ser humano de carne e osso, com um coração? Porque, certamente, dava a impressão de não ter. No entanto, Zoe se lembrava de como a abraçara na noite anterior, como lhe pedira para não ir embora, como haviam dançado e a doce lembrança de todos aqueles momentos a fazia querer chorar.

Teria arruinado todas as suas oportunidades com este homem naquela manhã? Poderia reconquistá-las? E então, sem disfarçar o cansaço e a mágoa na voz, ela se aproximou dele.

— Vamos voltar.

E viu com tristeza a expressão de total alívio de Max.

De volta à casa, ele desapareceu na biblioteca e Zoe ficou sozinha. O sol começava a se pôr e Zoe se dirigiu à praia, a areia fria e dura sob seus pés nus. Sentou-se e deixou que a água mansa lhe molhasse os pés, desanimada demais até para pensar, quanto mais para tentar entender o caos de seus sentimentos. Não soube por quanto tempo ficou lá, olhando sem ver para o mar.

Então, com um pequeno susto, percebeu que escurecera e esfriara. Pensou em voltar para a casa, passar pelos aposentos à procura de Max. E então o quê? Continuariam aquela dança silenciosa em torno de palavras, lembranças e arrependimentos que não eram verbalizados?

Zoe não queria mais nada daquilo, estava cansada de tudo... da incerteza e do medo e do arrependimento sem fim. Estava, percebeu, cansada de si mesma e de sentir pena de si mesma.

Não poderia mudar Max, fazê-lo sentir coisas que não estava pronto para sentir. Só podia mudar a si mesma e soube que queria, que estava pronta. Zoe respirou fundo, erguendo os joelhos para o peito. A lua nascera, prateada e esguia, algumas estrelas brilhavam, distantes. Não sentiria mais pena de si mesma, não pensaria em todas as coisas que não tinha, que perdera.

Em vez disso, pensaria rio que tinha: uma família que a amava, um pai que jamais deixara de apoiá-la, um bebê dormindo em seu útero e a quem já amava profundamente, e Max.

Estava grata por Max. Amava-o, reconheceu Zoe com uma sensação nascente de que tudo estava certo, embora o conhecimento a chocasse. Amava-o e não havia talvez sobre isto. Era um sentimento bom, forte e verdadeiro.

Amava o homem que a segurara nos braços, que precisara dela. O homem que a fizera rir enquanto comiam ovos mexidos, que dançara com ela, balançando-se levemente ao ritmo da música. Poderia confiar em seus sentimentos? Mais importante, poderia confessá-los a Max?

Só havia uma forma de descobrir.

Max se enterrou no trabalho a tarde toda, querendo ocupar sua mente e se afastar do desastre do começo da tarde. Ir à cidade com Zoe confirmara todos os seus medos e suspeitas sobre uma união entre eles. Era *impossível*.

Jamais poderia dar a Zoe o que ela queria; mal conseguira caminhar pela cidade e

tudo havia sido um exercício de resistência, tão difícil como qualquer desafio que enfrentara na força aérea. Não percebera até então o quanto perdera de visão até ser lançado em terreno desconhecido, a calçada irregular sob seus pés, cada pequena butique uma paisagem desconhecida com uma centena de obstáculos a vencer.

Sabia que devia contar a Zoe; era absurdo esconder uma coisa daquelas. Até mesmo infantil, como se fosse um garotinho amedrontado que fizera alguma coisa errada e estava inutilmente tentando esconder as provas que o implicavam.

Poderia ter lhe contado aquela manhã, como tencionara; no último momento sua coragem falhara e talvez a dela também, já que não imaginara aquele brilho de alívio nos olhos dela.

Podia ter lhe contado sobre o passado. Ela perguntara sobre Diane e ele se desviara da verdade, sem querer reviver aquele mês terrível, embora ele ainda o assombrava em seus sonhos e o fazia acordar molhado no suor do medo e do arrependimento.

Não lhe contara sobre os gritos desesperados que ouvira... e ainda ouvia... Enquanto ficava deitado, amarrado, amordaçado e vendado, completamente imóvel. A mesma imobilidade parecia disposta a reclamá-lo agora porque certamente se sentia tão preso, tão torturado como fora naquele mês sem fim em que ficara preso como refém.

Capítulo Oito

— Uma festa? — Zoe tirou os olhos do livro que estava tentando ler. — Que festa?

Max, ainda em pé na soleira da porta da biblioteca, deu de ombros.

— Um associado vai dar uma festa em sua casa de praia. Alguns clientes meus irão e preciso ir também. — Zoe não respondeu, e ele continuou: — Além disso, pensei que você gostaria.

— Pensou? — A voz de Zoe era calma. Uma vez, teria gostado; mas agora estava enrascada na grande poltrona de couro que lhe lembrava a da Mansão Balfour... e soube que não era mais assim. Não queria uma festa, queria Max, queria que olhasse para ela e lhe dissesse quem era Diane e por que tinha pesadelos tão horríveis. Queria lhe dizer que o amava.

Mas desde a descoberta de seus sentimentos na noite anterior, não encontrara a oportunidade. Max estivera fechado, a expressão proibitiva. Nada nele a encorajava a se expor, a deixar nu seu coração; estava, percebeu com uma fisgada de desprezo por si mesma, com medo.

— Zoe, você não quer ir? — A voz era amarga e áspera.

O rosto de Max estava nas sombras, apesar da manhã clara. Sombrio demais, pensou Zoe, perguntas e arrependimentos e esperanças demais, escondidos nos recessos da alma. Não sabia se teria a força para romper aquele ciclo.

Então sorriu, fingindo uma alegria que estava longe de sentir.

— É claro que quero ir. — E a risada cristalina ecoou pelos aposentos vazios da casa.

O sol estava começando a se pôr quando saíram para a festa. Zoe conseguira encontrar um vestido que ainda lhe servia; suas roupas estavam ficando apertadas demais. Usou um vestido de frente-única, de seda creme com fios dourados, o tecido flutuando em torno dela e terminando bem acima dos joelhos.

Max não deu atenção ao vestido ou aos cuidados que tomara com os cabelos e a maquiagem, percebeu Zoe, amarga. Não fizera nenhum comentário, apenas fez um gesto com a cabeça indicando o carro e andou rigidamente até a limusine que esperava.

— Quem é este seu associado? — perguntou Zoe, um pouco nervosa. Estava muito consciente da elegância de Max em roupas casuais. Já adquirira um leve bronzeado que tornava mais evidente a linha esbranquiçada da cicatriz que lhe dividia o rosto.

— Apenas alguém com quem faço negócios. Na verdade, estou comprando a empresa dele.

— Ele provavelmente não está gostando de vender.

— Dureza para ele.

Embora Max estivesse sentado ao lado dela e Zoe pudesse sentir seu cheiro, continuava remoto, como sempre. Ou mais do que antes. Parecia-lhe impossível lhe dizer que o amava e, no entanto, as palavras lhe subiam do coração e se reuniam em sua garganta. Chegou a abrir a boca, mas apenas um pequeno gemido saiu e Max se virou rapidamente.

— Está se sentindo mal?

Zoe quase riu; *sim, acho que estou, amo você, e você mal consegue olhar para mim.*

Max arqueou uma sobrancelha, impaciente, e ela balançou a cabeça.

Quando chegaram à casa do amigo de Max, a enorme varanda brilhantemente iluminada, Zoe se sentia tensa e a ponto de quebrar. Max não dissera uma palavra no carro; nem mesmo olhara para ela. Zoe se sentia como se sua companhia fosse um castigo que ele tivesse que suportar e os sonhos patéticos que acalentara de construir uma vida com ele... de amá-lo... Pareciam completamente absurdos.

Afastou-se um pouco dele, enrijecendo o corpo enquanto entravam na festa, jogando os cabelos para trás. O primeiro olhar interessado e apreciador que recebeu foi como um bálsamo para sua alma faminta e Zoe reagiu instintivamente a ele, exatamente como fizera quanto estiveram na cidade.

Descuidada, aceitou um copo de vinho e tomou-o de uma só vez. Aquela noite, pensou, revoltada, se divertiria... como sempre fizera. Mas não se divertiu. Mesmo enquanto conversava e ria e flertava, dominando a festa com seu charme natural, sentia-se morta por dentro. Recusou-se a procurar por Max, embora seu coração chorasse, sabendo que ele estava perto... e totalmente esquecido dela.

Mesmo assim, perseverou, a risada cristalina enquanto tentava se perder na festa, seria a mulher que uma vez fora, e esqueceria a rejeição de Max... e de qualquer outro homem.

Não funcionou. Mesmo enquanto estava no centro do salão, cercada por diversos jovens, sentia-se consciente de Max no canto, a expressão fechada, os olhos sombrios enquanto conversava com seu associado de negócios.

— Qual é mesmo o sobrenome que disse que tem? — Um dos homens sorriu com falsidade enquanto fazia a pergunta aparentemente inocente.

Zoe percebeu como era tudo falso, como *e/a* era falsa; tomou um gole da água.

— Não disse — respondeu, suave; estaria imaginando o brilho perverso nos olhos do homem?

— Balfour, você é uma das garotas Balfour. — Zoe ficou imóvel, sem dizer nada, e ele continuou, um toque de malícia: — Ou não é?

Os outros observavam com interesse e inquietação, sentindo que havia um subtom de maldade na conversa. O homem esperou, o sorriso desdenhoso, e, pelo canto dos olhos, Zoe viu Max sair para a varanda que levava à praia.

Zoe sentiu o rubor da humilhação e, ao mesmo tempo, percebeu que não se importava. Sorriu para o homem e estendeu o sorriso para todos.

— Acho que esqueci seu nome, mas não tenho tempo para lembrar. Com licença. — Colocou o copo vazio numa bandeja e saiu da sala em busca da única pessoa que realmente importava.

A brisa que vinha do mar lhe esfriou o rosto quente. Começou a andar pela areia e, impaciente, tirou os sapatos de salto, caminhando em silêncio para onde Max estava, em pé, observando a água e os poucos iates e veleiros que navegavam, as luzes acesas aliviando a escuridão.

Seu coração ainda batia com força devido à conversa maliciosa; sempre haveria alguém que a consideraria apenas alimento para mexericos e diversão. Compreendeu naquele momento que não se importava mais com o que pensavam; importava-se apenas como homem diante dela, os ombros caídos sob o peso que carregava... Um peso que não conhecia. No entanto, queria saber, queria tocá-lo e lhe dizer que compreendia... Que precisava compreender. Queria lhe dizer que o amava.

Mas continuava com medo, medo de que Max a rejeitasse, que visse apenas Zoe, a socialite vazia, e não Zoe, a garota na poltrona de couro, a Zoe real, a pessoa que poderia ser.

Você é mais forte do que pensa.

Aproximou-se; Max não havia se movido. O corpo estava rígido, a cabeça baixa, a posição estranhamente vulnerável.

— Max?

— Você estava se divertindo muito — comentou, ainda de costas para ela; a voz era terrivelmente áspera.

— Na verdade, não estava, era apenas fingimento.

— Você disse isto na noite em que nos conhecemos. Disse que estava enfadada, que apenas era melhor do que eu em fingir.

— Sempre fui boa em fingir — concordou Zoe — mas acho que não quero mais fazer isto.

— Não quer? — A pergunta era triste, não agressiva, e então Max soltou um suspiro trêmulo que era meio risada e meio soluço.

E naquele momento Zoe soube que aquilo não era sobre ela, era sobre Max. Seu medo desapareceu enquanto se aproximava mais dele, um homem claramente sofrendo. Podia ver a angústia em cada linha rija do corpo. Não se moveu nem quando ela parou atrás dele e, tímida, ergueu os braços e lhe tocou os ombros.

— Max — sussurrou, querendo saber as palavras certas, dizer o que ele precisava ouvir — o que há?

Ele ficou silencioso por tanto tempo, imóvel, o corpo tenso sob suas mãos, mas pelo menos não a afastou.

— Pensei que você não quisesse saber — disse finalmente, a voz muito baixa.

Ela percebeu que ele se referia à manhã do dia anterior, na cozinha, quando dissera o nome dela de maneira tão tensa que a amedrontara, quando não tivera a coragem de ouvir o que ele poderia dizer. Ainda não sabia se era corajosa o bastante, mas queria ser.

Você é mais forte do que pensa.

— O que é? — perguntou de novo, a voz um sussurro; puxou-o para ela, mas ele não se moveu e poderia muito bem estar tentando mover uma parede de tijolos com as mãos.

Era doloroso e fútil e, quando estava prestes a se entregar ao desespero, sabendo que não o alcançaria, ele se virou e ficou de frente para ela, olhos nos olhos.

Zoe mal podia ver-lhe o rosto à luz das estrelas; o luar passou pela cicatriz, sombreou-lhe os olhos. Nenhum dos dois falou, embora ela ouvisse a respiração difícil. Devagar, hesitante, mas com crescente certeza, ela estendeu a mão e lhe tocou o rosto, o polegar lhe cobrindo os lábios. Emoldurou-lhe o rosto com a mão, como fizera na noite em que ele tivera aquele pesadelo.

— Max... — continuou muito baixinho, uma promessa e um voto. Queria saber. — Conte-me.

Ele se aproximou ainda mais e encostou a testa na dela. As mãos dela lhe acariciaram o rosto, desceram pelos ombros e lhe encontraram as mãos; seus dedos se enlaçaram.

A música distante chegava até eles e, com uma pequena risada, Max disse:

— Poderíamos até dançar.

— Então vamos dançar.

— Eu lhe disse que não danço.

— Você me mostrou que dança, lembra-se?

— Desta vez não sei os passos.

— Eu também não, mas podemos inventá-los — e se balançou ao ritmo da música, seus dedos ainda enlaçados nos dele.

Para sua surpresa e alegria, sentiu Max se balançando contra ela, com ela.

— Acha que seria bom? — murmurou contra seus cabelos.

— Acho que seria maravilhoso.

Sentiu os dedos de Max apertarem os seus e se balançaram juntos por alguns minutos, movendo-se como uma só pessoa, as ondas quebrando a seus pés, a escuridão em torno deles.

Então Max lhe apertou os dedos pela última vez e se afastou tão depressa que Zoe se sentiu desequilibrada e terrivelmente solitária.

— Max...

— Estou cego, Zoe.

Zoe ficou atônita, sem palavras. *Cego*. Olhou para Max, que tinha uma expressão tão terrivelmente triste que seu coração doeu.

— Como... — começou, mas não sabia como elaborar a pergunta.

— A doença de Stargardt. É genética, uma degeneração gradual da retina que causa danos graves à visão e, o que é mais provável no meu caso, cegueira total. — Ela ainda só podia olhar; havia perguntas demais e sabia que precisava ser cuidadosa. — Não sabia que tinha a doença até meu acidente — continuou, a voz sem emoção. — Tive um blackout de repente e foi por isto que meu avião caiu. Esta falta súbita de visão algumas vezes é um sintoma, e o diagnóstico foi confirmado enquanto estava no hospital há pouco mais de três meses.

Não era de admirar que ele parecesse um homem cuja vida terminara. Tivera muito pouco tempo para aceitar aquela notícia devastadora.

— Desde então minha visão tem piorado. — Ela podia sentir a tensão na voz dele, a dor. — Quase não enxergo e as tarefas mais simples são difíceis... Impossíveis... — Parou, respirou fundo e continuou: — Às vezes, vejo alguma coisa... Seus cabelos ou o verde de seus olhos tão adoráveis.

Ela sentiu uma lágrima descer-lhe pelo rosto e tentou falar, mas Max não a deixou:

— Mas, na verdade, não consigo ver quase nada. Sombras manchadas, pontos de escuridão, de vez em quando alguma coisa pelo canto dos olhos. A visão periférica é a última a desaparecer. Um dia... Um dia tudo será escuridão. — A voz era trêmula de emoção e Zoe limpou a lágrima. Não seria fraca, não agora, quanto isto era tão importante.

— Max...

— Portanto, agora sabe por que relutei em ter um relacionamento com você. Não sou... E nunca poderei ser... O homem que você achou que eu era. O homem que você quer e precisa que eu seja.

— Como sabe o que quero? — Tudo agora fazia sentido completo; seus movimentos cuidadosos e deliberados, a expressão de incerteza... O motivo por que não olhara para a tela do ultrassom. *E ouvi-lo*, dissera sobre os batimentos cardíacos do bebê. Agora compreendia por que aquilo tinha sido tão precioso.

Max demonstrou seu ceticismo. Estava se afastando, podia sentir, tornando-se remoto porque era a única forma de se proteger do sofrimento; ela sabia tudo a respeito. Max se protegia se afastando; ela se protegia mergulhando nas festas, rindo e flertando como forma de esquecer. Mas nenhum dos métodos jamais funcionara.

— Está dizendo — disse ele, a voz gelada — que não tem importância?

— É claro que tem *importância*... — Max deu um passo para trás, a expressão vazia, e Zoe estendeu os braços, desesperada. Dissera a coisa errada e nem percebera...

— Max, não...

— Eu sabia que tipo de mulher você é desde que a conheci — disse ele, cada palavra com o objetivo de ferir. — Uma socialite vazia e vulgar que gosta de flertar. Foi por isto que a levei para a cama... Não queria problemas na manhã seguinte e você não me daria trabalho. Isto era tudo o que você também queria, não era?

Zoe balançou a cabeça, recusando-se a ouvir, a acreditar.

— Não...

— Mas é verdade, Zoe. Lembra-se da pesquisa na Internet? Encontrei muitos mexericos e escândalos.

— Tenho certeza que encontrou.

— Você tem uma história bem interessante. — Não disfarçava mais o desdém. — Deixou a escola aos 16 anos, depois de quase ser expulsa por fugir e participar de festas com rapazes. E continuou com a mesma reputação em Londres, se divertindo e gastando o dinheiro do papai... Só que ele nem é seu pai, é? — A voz era fria e sarcástica, e Zoe arquejou como se tivesse sido esbofeteada. — Não que qualquer dessas coisas *importe*.

— Por que está dizendo isto? — Sentia-se como se tivesse sido esfaqueada.

— Porque é verdade.

— Não, Max...

— Vai negar? — perguntou, incrédulo.

— Não, não posso negar, tudo o que você disse é verdade. — Levantou a cabeça e lhe encontrou o olhar de desprezo. Talvez ele pudesse sentir a verdade nas palavras dela. — Vim para Nova York para fugir dos mexericos sobre meu nascimento, eu já lhe disse. E antes disso eu fui tudo o que você disse que eu era. Admito, não fiz muito da minha vida, não lutei numa guerra ou ganhei milhões com meu trabalho. Jamais pensei em fazer nada até descobrir a verdade, que não sou uma Balfour, que não sou o que pensava que era.

— E isto é tão importante para você, ser uma Balfour? — O desdém era ainda maior.

— Era — confessou Zoe —, era tudo para mim. Sentia que, se não fosse uma Balfour, não sabia quem eu era. Mas agora...

— Eu sei quem você é — cortou Max, a voz fria e calma, congelando o coração de Zoe. — Você é uma socialite vazia que tem se divertido com sonhos patéticos de famílias felizes.

— Não... — Zoe arquejou; mal podia acreditar que Max pudesse estar dizendo essas coisas. Doía muito mais do que qualquer reportagem escandalosa de jornal ou observação maliciosa de um conhecido.

— É apenas uma questão de tempo até você se cansar, se afastar para a próxima diversão. — Havia um tom de finalidade da voz de Max.

- Isto não é justo...
- Mas verdadeiro.
- Por que está dizendo tudo isto?
- Porque é melhor terminar tudo agora, antes que alguém se machuque.
- *Machuque?* — repetiu Zoe, a voz um soluço. — Eu estava me apaixonando por você...

— Bem, então é bom não continuar. — Havia um esgar nos lábios de Max que não era um sorriso, era frio demais, cruel demais para ser. Fechou os olhos; sentia-se tonta e enjoada, como se tivesse sido fisicamente atacada. *Sentia-se* fisicamente atacada, violada, desnudada; a partir de agora, podia suportar que qualquer um dissesse aquelas coisas a ela. Já aguentara o bastante e quase superara... quase. Mas vindo de Max... Max, a quem vira em seu momento mais vulnerável, que o deixara abraçá-lo, que a abraçara... Feria além do suportável. Ergueu a cabeça e respirou fundo.

- É bom não ter me apaixonado — disse finalmente, e se virou e saiu.

Max observou Zoe desaparecer na escuridão; e quando pôde respirar de novo, não sentiu mais o perfume de rosas. Sentia-se atônito, abalado, despedaçado, mas era melhor assim. Melhor falhar com ela agora do que mais tarde, quando não pudesse ser o que ela queria ou lhe dar o que ela precisava. Era mais fácil agora, embora não parecesse; sentia-se totalmente desarvorado.

Só sentira este desespero uma vez, quando fora vendado, amordaçado e amarrado, um prisioneiro de guerra ouvindo os gritos dos companheiros torturados e incapaz de se mover. Embora não tivesse venda agora, ainda se sentia tão impotente quanto naquela ocasião, ainda... e sempre... um prisioneiro.

Capítulo Nove

Zoe saiu da festa num táxi e foi para a casa de Max. Iria embora na manhã seguinte, decidiu, sem pensar no como. Alugaria um carro ou iria de ônibus de volta a Nova York. E então, o quê?

Ficou deitada, incapaz de pensar no próximo passo. Cada palavra que Max dissera era como um ferimento a faca. *Você é uma socialite vazia que se divertiu com um sonho patético de famílias felizes.*

Sabia que doía porque acreditara nele. Estava certo, era vazia e amedrontada, temia fracassar consigo mesma, com Max, com seu filho. Fugira agora como fugira antes, com medo demais para lutar.

Você é mais forte do que pensa.

Deitou-se de lado, os joelhos presos no peito, apertados pelos braços. *Não, não*

sou, papai, gostaria de ser, gostaria de ser tão forte como pensa que sou.

É apenas uma questão de tempo até você ficar entediada. Uma acusação cruel e tão injusta, tão mentirosa. E, no entanto, Max acreditava, e o fato de que acreditava doía mais do que ela achava possível. Mais do que deveria deixar.

Acreditara que Max tivesse uma opinião melhor sobre ela porque tinha uma opinião melhor sobre ele. Sonhara com alguma coisa mais profunda sob seu comportamento altivo, seu desdém gelado. Sentira-a... Vira-a quando estava nos braços dele, quando a deixara confortá-lo, quando sorria, quando dançavam... Então, por que a afastara com palavras tão terríveis, com acusações tão cruéis?

Não sou o homem que você quer e precisa que eu seja. Zoe abriu os olhos, o coração batendo descompassado. Sabia que Max se distanciava para se proteger, mas se esquecera disso durante suas acusações e críticas, pensara apenas em si mesma, em suas fraquezas. Estaria Max pensando nas dele? Estaria afastando-a porque tinha medo que o abandonaria quando soubesse que era cego? Acreditaria mesmo que era assim, vazia e egoísta? Ou estaria apenas com medo... Como ela estava?

Sabia que precisava descobrir a verdade, precisava saber o motivo por que Max a afastara; precisava confrontá-lo, apesar do medo.

Já enfrentara rejeições demais, não conseguia suportar o pensamento de enfrentá-las de novo, de se sentir tão vazia e solitária de novo, sem escolha a não ser se afastar, humilhada e ferida. No entanto, qual era a alternativa? A vida sem Max seria infeliz demais, aquilo não era uma escolha.

A casa de praia estava silenciosa, a escuridão rompida pelo luar, vazios todos os aposentos em que entrava. Zoe percebeu que nem mesmo sabia se ele já voltara da festa. Mesmo assim, procurou por ele, embora não soubesse o que dizer, o que ele estaria disposto a ouvir.

Finalmente o encontrou onde deveria tê-lo procurado em primeiro lugar... na praia. Estava sentado na areia, os braços abraçando os joelhos erguidos, as ondas se quebrando aos pés dele. Zoe hesitou sobre uma duna, sem saber como agir, o que dizer.

Tentou imaginar o que Max estaria sentindo agora; perguntou-se o quanto do céu estrelado podia ver. Seu coração apertou, não com pena, mas com admiração; era um homem tão corajoso.

Adiantou-se e se sentou ao lado dele em silêncio, e por um longo momento nenhum dos dois falou.

— Vim encontrá-lo porque não acredito que realmente pense tudo aquilo que me disse.

Max, não respondeu por um longo momento e ela esperou, tensa.

— Que coisas? — A voz era baixa e dolorosa, e Zoe sentiu dor também.

— Aquilo sobre eu ser uma socialite vazia que ficaria entediada, lembra-se?

— Eu me lembro.

Zoe respirou fundo; aquilo era mais difícil do que presumira. Max não a ajudaria em nada e seu perfil à luz da lua era duro e áspero.

— Não ficarei, sabe, não ficaria, se você me desse a oportunidade. — A voz era

suave, mas Max continuou calado: — Quando você disse aquelas coisas, doeu demais porque... Porque sempre acreditei que era assim. Não pude suportar a ideia de alguém acreditando naquilo também... Alguém que eu amo.

Max deixou escapar um som áspero, alguma coisa entre uma risada e um soluço.

— Não, Zoe...

— Eu preciso — disse apenas — estou tentando mudar, ser forte e não vou embora sem tentar, Max, sem lhe dizer tudo.

— Vai apenas tornar as coisas mais difíceis.

— Por quê? — Estendeu a mão e lhe tocou o braço, ansiosa pela proximidade, a conexão, mesmo se fosse tão pequena. — Por que tem que ser difícil? Amo você, Max, amo o homem que passei a conhecer quando deixa cair as barreiras...

Ele balançou a cabeça.

— Não...

— E acredito que também me ama — continuou Zoe, a voz um sussurro. Ele não respondeu e os dedos dela se apertaram no braço dele. — Estou errada? — Ele apenas balançou a cabeça; não conseguia falar. — Diga-me, Max — exigiu — diga que não me ama. Diga-me que acredita em todas as coisas que disse antes, que sou vazia... — A voz se quebrou; isto era tão apavorante, pior do que quando enfrentara seu pai biológico. Este era o grande risco para seu coração, sua vida, seu amor, e esperou, observando-o; cie não se moveu.

Por favor, não se afaste de mim.

Max cobriu o rosto com as mãos, os dedos nas têmporas.

— Não posso. — E ela respirou, aliviada. Max deixou as mãos caírem e olhou para ela, sua expressão tão desesperada que ela gelou, apesar da esperança que nascia.

— Não posso, Zoe, mas queria poder.

Enquanto falava, as mãos dele lhe circularam a cintura, puxando-a para ele. Zoe não resistiu, a cabeça caindo para trás quando os lábios dele tomaram os dela de novo e de novo, numa dança desesperada das bocas e lábios e línguas e dentes, uma união furiosa, mas linda, ambos ansiosos pelo contato.

— Devia deixar que vá embora — murmurou contra a boca de Zoe, enquanto a beijava com a mesma fome que a tomava, os dedos dela mergulhados em seus cabelos, seu corpo se amoldando ao dele, as pernas misturadas enquanto caíam deitados na areia, as bocas mais uma vez se encontrando. — Devia deixar que vá embora — repetiu Max entre beijos.

Zoe lhe empalmou o rosto, a voz tão áspera como a dele:

— *Por quê?*

Max suspirou profundamente e aquele momento maravilhoso, de esperança, foi esfaqueado. Zoe se sentiu furiosa consigo mesma; ele a estava *beijando*; por que tivera que fazer perguntas?

— Porque nunca poderá haver nada entre nós.

— É um pouco tarde para isto.

Max se afastou e se sentou, e Zoe também. .

— Estou falando sério, Zoe, não posso lhe dar a vida que quer, não posso ser o

marido de que precisa.

Zoe sentiu uma fígada de raiva.

— Isto está começando a parecer um refrão bem conveniente. Max virou a cabeça e pareceu estar tentando vê-la. O coração dele, pensou Zoe, era tão cego como seus olhos.

— Do que está falando?

— Você não sabe o que quero, Max, do que preciso. E não é você que decide se pode ou não me dar o que quero.

Ele suspirou, um som triste, e a raiva de Zoe desapareceu, deixando um desespero muito pior.

— Sabe o que mais odeio sobre ser cego? — perguntou, e Zoe apenas balançou a cabeça. — A sensação de impotência. Experimentei-a uma vez e nunca pensei que teria de experimentá-la de novo. Ela me aterroriza.

— Quando...?

— Quando meu avião caiu em combate. — Deu uma pequena risada sem humor. — Dezenove anos atrás, metade de uma vida, e ainda não consigo superar. É patético.

— Não...

— Fomos capturados — cortou Max — os cinco, quatro homens e uma mulher. Jack, nosso piloto, ficou ferido demais e morreu enquanto nos levavam para a prisão. Os outros estavam feridos, mas estáveis. Eu era o mais saudável, o mais capaz de responder às perguntas.

Zoe congelou.

— Quer dizer...

— É padrão. — Ele evitou a solidariedade que ela parecia prestes a oferecer. — Somos preparados para isto, esperamos isto. Afinal, é uma guerra.

— Mesmo assim...

— Não há justificativa para o abuso — disse ele, concordando com ela, embora não tivesse dito nada. — Mas pensei que estava preparado, não imaginei que *me entregaria*.

— Oh, Max. — Foi só o que pôde dizer; não tinha palavras.

— Eles me mantiveram vendado o tempo todo, não podia... — Parou, os músculos do pescoço se movendo, o suor lhe cobrindo a testa. — Depois de algum tempo, não consegui mais suportar. Pensei que poderia... pensei que estava... — Balançou a cabeça e soltou uma respiração longa e trêmula. — Louco, insano. Parecia que não sabia mais quem eu era. Não conseguia me lembrar de como era... ver, sentir. — Zoe estendeu a mão e lhe tocou o braço de novo; para seu alívio e alegria, ele não a afastou. Percebeu que não parecia consciente do toque dela. — Não respondi às perguntas, continuei forte, me senti *orgulhoso* de mim mesmo. — O desdém voltou, voltado todo para si mesmo. — Então eles começaram com os outros. Não sei o que fizeram, apenas *ouvi*... E então lhes disse tudo. Nem me lembro do que disse. Falava como um idiota, tropeçando nas palavras para lhes dar as informações de que precisavam. Teria vendido minha própria mãe. E vendi minha alma.

— Então você não foi o primeiro a sentir isto — disse Zoe, calma. — Milhares de

homens e mulheres reagiram como você e ninguém os culpa por isto. Max, você foi *torturado*...

— Não. — Ergueu uma das mãos, afastando-a e silenciando-a, embora ela ainda o tocasse. — Não tente me justificar ou me absolver, Zoe. Muita gente tentou, médicos, psicólogos, companheiros de armas, amigos. Até mesmo os membros da tripulação. Sabe que todos nos salvamos, menos Jack? Eles me disseram que compreendiam, que teriam feito a mesma coisa no meu lugar, como se isto tornasse a coisa *melhor* — disse a palavra com desprezo. — Foi por isto que deixei a força aérea. Uma dispensa honrosa, por causa de ferimentos de guerra, mas a realidade é que não houve honra nenhuma. Não conseguia manter a cabeça erguida, não conseguia nem me olhar no espelho.

Zoe se perguntou o quanto Max se condenara. Suspeitava que mais do que qualquer outra pessoa. Então viu que estava errada com suas palavras seguintes:

— Meu pai me viu como eu realmente era, um covarde. — Sorriu, amargo. — Não nos falamos desde que deixei a força aérea. Ele lutou no Vietnã e foi também um prisioneiro de guerra. *Ele não*... — Parou e apenas balançou a cabeça. Zoe nada disse, apenas continuou a tocá-lo, oferecendo-lhe conforto e compaixão em silêncio. — Assim, você compreende por que não podemos ficar juntos. — O tom era final.

A mão de Zoe ficou imóvel no braço dele; sentiu-se gelada, sem mais esperança.

— Não aceito nada disso, Max, você está tentando me afastar porque é assim que se protege. Tem medo de se ferir.

— Agora você é alguma espécie de psicanalista?

— Não, falo por experiência, também tive medo. E ainda tenho.

Max ficou calado por um longo tempo e, quando falou, não havia mais raiva e desespero em sua voz, apenas uma tristeza cansada que alarmou Zoe mais do que qualquer outra coisa.

— Zoe, o mês que passei como refém... vendado... Foi o pior da minha vida. Pensei que o havia esquecido quando deixei a força aérea. Dediquei todo o meu tempo e meus pensamentos na construção do meu negócio e até mesmo voltei a voar. Quando tive o blackout de novo pilotando e o avião caiu, fiquei chocado. Havia a dor, é claro, mas também a volta das lembranças de quando caímos em combate. E então o diagnóstico... era como reviver tudo, a queda seguida pela escuridão, pela cegueira. E só o pensamento de ficar completamente cego, como antes, de me sentir tão *impotente*... Me apavora. — Olhou para ela com honestidade desesperada. — Jamais queria estar numa posição assim e não permitirei que ninguém seja prejudicado por minha incapacidade de novo.

Ele parou e voltou o olhar para o mar, deixando Zoe nas garras da fúria, do desespero e de um desejo irracional de tomar Max nos braços e beijá-lo até que ele perdesse os sentidos e esquecesse aqueles motivos que o afastavam dela.

— Compreendo — disse finalmente. — Então seu desejo de me proteger de sua impotência é o que o impede de se envolver na minha vida, na vida do nosso bebê? — Max virou a cabeça para olhá-la pela visão periférica, mas nada disse. — Foi por isto que me trouxe aqui, para me contar que não pode se envolver?

— Eu tive a esperança...

— Oh? — cortou Zoe; a fúria estava vencendo o desespero. — E o que o fez mudar de ideia?

— Tudo, tudo é difícil. — Deixou escapar uma pequena risada. — Quer saber o que é uma tortura?

— Não particularmente...

— Ir à cidade com você. Cada segundo foi um inferno.

— Lamento que minha companhia seja tão desagradável.

— Não quero dizer estar com você...

— Sei que não quer, mas no fim é a mesma coisa, não é? Porque vai deixar sua maldita auto piedade impedi-lo de ser feliz, de sermos felizes.

— Não posso ser um marido adequado para você, Zoe! — O tom era de extrema angústia. — Não posso ficar de lado e ver... Ou *não* ver quando alguma coisa terrível acontecer. E alguma coisa *acontecerá* algum dia e fracassarei com você, com nosso filho. Pensa que posso me arriscar, viver com esta perspectiva?

— Sou uma prisioneira de um exército inimigo? Estou amarrada, amordaçada? Não, isto não é uma guerra, Max. Você pode ser cego, mas está longe de ser impotente.

— Haverá coisas que não poderei fazer...

— E haverá coisas que não poderei fazer. Já lhe disse que não sei cozinhar.

— Não brinque com isto! — A voz de Max era baixa e furiosa. — Pode pensar que conseguirá lidar com isto, Zoe, pode se ver como algum tipo de maldita Florence Nightingale, mas não será assim. Está preparada para suportar a vida que tenho que...

— O quê? Viver como um recluso? A cegueira o impede de interagir com a sociedade? Vai começar a juntar jornais e gatos também?

— Pare com isto.

— Não, pare você com isto, pare de sentir tanta pena de si mesmo, Max. Conheço os sinais porque os vivi. Depois que os jornais publicaram a história do meu nascimento, fui tomada pela auto piedade. Pobre Zoe, que nunca conheceu sua mãe. Pobre Zoe, que jamais sentia que pertencia a alguma coisa ou a alguém. A tola, a que não era gêmea, a órfã. Suponho que deixei que isto fosse minha justificativa para meu péssimo comportamento durante anos. Deixei que isto fosse o motivo por que nem mesmo tive um motivo, porque me deixei levar pela vida sem pensar num propósito maior. — Max tentou dizer alguma coisa, mas Zoe não permitiu, *precisava* dizer aquilo: — E, quando fiquei grávida, quase me deixei bancar a pobre vítima mais uma vez. Mas então percebi que um bebê foi a melhor coisa que jamais me aconteceu. Não porque quero um acessório da moda, mas porque encontrei um propósito. Quero amar e formar esta pequena vida, guiar-lhe os passos e lhe dar forças. Quero que conheça meus erros para não cometê-los. Quero ser uma mãe, e mães não têm o direito de ficar por aí com pena de si mesmas, e pais também não.

— Não sou... — começou Max, e parou, então continuou: — compreendo como encara tudo isto, mas é um ponto de honra para mim, Zoe. Fracassei com diversas pessoas antes, especialmente com Diane.

— Lamento, Max, mas não pode deixar um episódio isolado do passado... por maior que tenha sido... Definir toda a sua vida. Não pode arruinar seu futuro, Max, nosso futuro.

— Não temos um futuro, não podemos ter.

Zoe olhou para ele; queria gritar, puxar os cabelos, fazer birra como uma criança. Mas então o impulso a abandonou e se sentiu vazia e derrotada. Não havia como argumentar com Max, estava irredutível e não mudaria. E compreendeu que não conseguiria, podia apenas mudar a si mesma.

Levantou-se lentamente, o corpo doendo, e ficou parada atrás dele, observando as linhas rígidas do corpo dele com uma nova calma, sem paixão.

— Só uma pergunta: — a voz era tão calma como se sentia — você me ama?

Ele não respondeu; ela se virou e começou a andar de volta para a casa, para longe de Max. Só quando chegou à trilha entre as dunas é que ouviu a resposta dele:

— *Sim.*

Max ficou na areia fria até o céu começar a clarear com os primeiros raios de sol. Isto ele podia ver, a escuridão se transformar em cinza, em nada.

Sentia-se tão vazio como o céu, embora talvez esta fosse uma forma de se proteger. Sob o entorpecimento, sabia, havia um poço profundo de intensa emoção, mas não tinha coragem de explorá-lo. Luto, dor, perda, mágoa, medo, culpa; sentimentos demais, verdades demais para aceitar.

Zoe estava certa, sentia pena de si mesmo, lutara contra isto desde que soubera do diagnóstico. Deus sabia que queria ser heróico, forte. Aceitar aquilo como um homem, como seu pai lhe ordenara desde que tinha 6 anos e lutava para não chorar quando seu cachorro morrera. Ceder à tortura tinha sido o último desapontamento para o pai; como filho, Max se provara um fracasso total, uma humilhação, uma fonte de vergonha.

E ele se sentia assim também. Talvez fosse por isto que não podia se arriscar a ter uma vida com Zoe; não suportaria que ela tivesse vergonha dele, não suportaria perdê-la por causa da própria fraqueza. Não era ponto de honra nenhum, era simplesmente uma questão de medo.

Zoe não viu Max de novo. Deitou-se e esperou a manhã, então chamou um serviço de táxi e voltou para Nova York. Quando chegou ao apartamento Balfour, entrou no calmo santuário de seus aposentos elegantes com alguma coisa parecida com alívio.

— Você voltou — disse Lila, a governanta de cabelos grisalhos e um leve e exótico sotaque. Zoe não sabia de onde ela era e se sentiu envergonhada por nunca ter perguntado; parou no corredor que levava à cozinha. — Onde você esteve?

— Passei o fim de semana nos Hamptons. Acho que preciso de um banho e cama. — E de repente não conseguiu se conter: — Lila, para onde vai tantas vezes? Meu pai mencionou alguma coisa... Vai visitar um parente?

Claramente surpreendida, Lila ergueu uma sobrancelha.

— Minha irmã. Ela tem câncer e está num hospital. Eu a visito duas vezes por semana. Se achar que é demais...

— Não, não, apenas fiquei curiosa. Lamento por sua irmã, deve ser difícil. — E,

pela primeira vez, notou as sombras escuras sob os olhos da criada.

Uma expressão surgiu no rosto de Lila, surpresa, talvez.

— Sim, é.

Todos tinham uma história, pensou Zoe enquanto se virava para a ala dos quartos. Todos tinham seu sofrimento.

— Antes que eu me esqueça — disse Lila, e Zoe parou. — Um homem veio aqui e deixou uma carta. Está na mesa do hall.

— Obrigada — murmurou Zoe, e se apressou até a mesa, o coração disparado. Ele teria vindo? Chegara antes dela?

Pegou o envelope, abriu-o e ficou desapontada e surpreendida ao ler a breve mensagem:

Gostaria de encontrá-la. Por favor, telefone para combinar uma hora de sua conveniência. T. Anderson.

Seu pai queria encontrá-la? Por quê? Lamentaria a forma como a mandara embora? Pelo menos um dos homens de sua vida estava voltando para pedir desculpas? Era muito menos importante do que Max, mas a mensagem, o contato, deu a Zoe um pouco de conforto, uma pequena esperança.

Quando ligou para o escritório de Thomas Anderson, seu chamado foi encaminhado imediatamente para a assistente dele.

— O sr. Anderson a verá amanhã às quatro da tarde no Collegiate Club, na Fifty-fifth com Fifth Avenue. Sabe onde é?

— Não, mas tenho certeza que encontrarei. A assistente desligou sem nem se despedir.

No dia seguinte, Zoe foi ao Collegiate Club, um edifício imponente, com uma fachada enfeitada no estilo italiano. Dentro, era todo painéis de madeira escura e estantes de livros.

Encontrou o pai na biblioteca, sentado numa poltrona forrada de seda, óculos na ponta do nariz, lendo um documento. Olhou para cima quando ela entrou, levada por um funcionário silencioso que desapareceu imediatamente.

— Oi — disse Zoe, a voz pequena no salão enorme.

— Tomei a liberdade de pedir chá para nós.

— Obrigada.

Ela se sentou diante dele, que deixou de lado o relatório.

— Desculpe pela forma como falei com você quando foi ao meu escritório — disse ele, a voz formal. — Evidentemente, fiquei chocado. Quando seu nome foi anunciado, pensei... na verdade, esperei... Que fosse apenas uma coincidência. Não soube das reportagens dos jornais.

— Não?

— Não — disse Anderson, a voz grave. — Mas desde então li algumas das... Reportagens... e lamento o que você passou. — Anderson limpou a garganta. — Mas parece que você tem uma família muito solidária na Inglaterra, um pai solidário. — Zoe o olhou, surpreendida pela escolha das palavras.

O chá foi levado pelo mesmo serviçal que a acompanhara à biblioteca; ele

distribuiu as chávenas de porcelana, os biscoitos e um bule de chá de aparência impressionante.

— Gostaria de servir? — perguntou o pai, desajeitado, e Zoe chegou a erguer a mão para o bule, então parou e se recostou na poltrona.

— Por que, exatamente, me convidou para vir aqui?

— Gostaria de explicar...

— Explicar o quê? — Sentia-se estranhamente calma e, quando Thomas Anderson falou a seguir, não se sentiu surpreendida:

— Por mais que lamente... O que aconteceu, esta situação não é... sustentável. — Ele parecia ter ensaiado o pequeno e desagradável discurso.

— Sustentável?

— Tenho uma esposa — ele parecia pedir desculpas—e filhos...

— Sim, vi a foto deles. Três. Quatro, se me incluir. Alguma coisa endureceu as feições de Anderson e, sem mais uma palavra, estendeu-lhe a pasta que estava lendo quando ela chegara.

— Gostaria que assinasse isto.

Zoe estudou o documento com aparência oficial. Era um compromisso de que jamais revelaria que eram relacionados e, em troca, receberia dois milhões de dólares.

Ela o olhou, os olhos secos.

— Acha que preciso de dinheiro?

— Não sei. Já que você não é realmente uma Balfour...

— Não vou herdar nada? — Terminou Zoe. — Justo. — Fechou a pasta e estendeu-a para ele, que a pegou depois de ligeira hesitação. — Não vou aceitar sua proposta, por mais tentadora que lhe tenha parecido quando a elaborou. Mas obrigada por me provar que o sangue realmente não importa.

— Zoe... — Era a primeira vez que dizia o nome dela.

— Mas não se preocupe, não precisa de um compromisso para eu manter o silêncio sobre você. Não quero que ninguém saiba que tenho uma relação com um bastardo egoísta e de coração duro.

Anderson ruborizou de leve.

— Isto não é completamente justo...

— Oh, apenas parcialmente? Teria matado você se me reconhecesse de alguma forma? Se explicasse? Você amou minha mãe?

Ele piscou.

— Eu a conheci apenas durante um verão e estávamos ambos infelizes.

— Compreendo. — Zoe se levantou. — Bem, você está certo sobre um ponto. Eu realmente tenho uma família na Inglaterra e ela foi incrivelmente solidária, assim como meu pai, meu pai de verdade. — Fez um gesto em direção ao rico aparelho de chá. — Vou deixar que você se sirva.

Capítulo Dez

Zoe tomou um avião para a Inglaterra no dia seguinte. Porque lá era sua casa e sempre seria, por mais que lutasse contra a mágoa e a dor e o medo... como Max... da rejeição. Enfrentara seus demônios, enfrentara a si mesma e queria estar onde sabia que sempre seria amada e aceita. O lugar onde podia mudar e crescer e se tornar a mulher que sabia que devia ser.

Antes, fora ao centro de apoio à gravidez, para agradecer a Tiffany e aos outros voluntários pelo tempo e apoio que lhe deram.

Tiffany a abraçou.

- Você parece em paz consigo mesma.
- Mas o pai ainda não quer se envolver.
- Você pode controlar apenas a si mesma.
- Verdade.
- Você parece forte, mais forte do que quando veio pela primeira vez.

Zoe sorriu.

— Estou.

Alugou um carro no aeroporto. Não queria pedir que o motorista da Mansão Balfour a pegasse; não queria que ninguém soubesse que estava de volta. Não sabia o motivo; talvez quisesse vê-los sem que a esperassem, talvez quisesse ser ela mesma; nunca mais fingiria.

Entrou pelos portões de ferro e viu, em frente, os gramados extensos, o caminho circular de cascalho, a casa com sua fachada imponente e querida e a fonte de estilo renascentista. Parou diante do pórtico da frente, desligou o carro e desceu. Para sua surpresa, as portas duplas da entrada principal se abriram imediatamente e viu Tilly, ex-esposa do seu pai.

— Zoe! — Abraçou-a com força, e Zoe retribuiu. — Estou tão feliz por estar de volta.

— Eu também. — Afastou-se um pouco. — Onde está papai?

— No escritório.

Zoe acenou e entrou no foyer fresco e escuro; diante da porta do escritório do pai, a porta ligeiramente aberta, ela sentiu o cheiro de tabaco. Sorriu e bateu de leve.

— Tilly? — O pai parecia absorto, um pouco impaciente, e Zoe soube que ele devia estar lendo. Abriu a porta.

— Oi, papai.

Oscar olhou-a parada na entrada e não disse nada, apenas olhou e piscou. Então sorriu e se levantou, abandonando o livro que até então o interessara tanto.

— Zoe, Zoe, estou tão feliz em vê-la, minha filha. Envolveu-a num abraço, como Tilly fizera, e Zoe se encostou nele, a cabeça em seu ombro.

— Estou feliz de vê-lo também.

— Encontrou o que estava procurando? Zoe sorriu.

— Acho que sim.

Ele sorriu, mas havia linhas de preocupação em sua testa.

— Você parece cansada e está pálida.

— Foi um longo voo.

Não estava preparada para lhe contar... ou a ninguém... Sobre sua gravidez, embora soubesse que Tilly adivinharia cedo ou tarde.

— Tem certeza que é só isto?

— Foi uma longa jornada. — E soube que o pai compreendera o duplo sentido.

— Mas você está bem?

Zoe acenou; mesmo com o coração partido... ficaria bem. Era forte.

— Ótimo.

— Quero lhe pedir desculpas — Oscar ergueu as sobrancelhas — por tudo.

— Zoe, minha querida, não há nada de que precise se desculpar.

— Há — afirmou Zoe. — Fiquei tão magoada quando descobri que não era uma Balfour. Mas, mais do que magoada, estava com medo.

— De quê?

— De ser desprezada, humilhada, tratada de modo diferente.

— Não por nós?

— Por todos. Condicionei minha identidade... Tudo o que significo... A ser uma Balfour. Quando descobri que não sou, tive que me olhar dura e longamente.

Oscar sorriu de leve.

— Isto jamais é fácil.

— Ou bonito — concordou Zoe — mas consegui fazer a travessia e estou mais forte.

— Você sempre foi...

— Mais forte do que pensava. Talvez você tenha razão. — Os olhos de Zoe estavam úmidos, mas ela sorria. — Obrigada — disse suavemente, e Oscar lhe tocou o rosto com a mão.

— Zoe, é meu mais profundo prazer. Você é minha filha e eu a amo.

— E eu amo você — respondeu, sincera, e então saiu do escritório.

A mansão estava estranhamente vazia... Bella e Olivia haviam viajado para suas próprias aventuras... Mas Zoe não se importou. Silêncio e solidão não a amedrontavam mais. Não se importava em ficar sozinha consigo mesma, com seus pensamentos. Mesmo se eles se voltavam para Max.

Poucos dias depois de sua volta, Zoe soube que precisava agir, que não podia se deixar cair numa vida de letargia porque sabia, bem demais, que levava à auto piedade.

Então se matriculou num curso noturno de Biologia e procurou, na cidade mais próxima, um centro de apoio à gravidez. Sorriu para a senhora que cuidava da velha fotocopadora na frente do escritório.

— Gostaria de me tornar uma voluntária. — Indicou a máquina: — Sou boa com isto.

Os dias se transformaram em semanas e Zoe decidiu que precisava contar a seu

pai e aos outros sobre sua gravidez. Logo seria difícil esconder sua condição, e embora as náuseas tivessem finalmente desaparecido, sua barriga estava se arredondando e os seios se tornavam mais cheios e pesados. Seu pai podia não perceber essas coisas, mas Tilly e suas irmãs perceberiam.

Apesar de se sentir mais resoluto, da sensação de paz que tinha sobre si mesma e sobre quem era, ainda estava temerosa de contar ao pai que teria um bebê e que o pai não estava por perto.

No fim, foi surpreendentemente fácil. Estavam jantando, apenas os dois, e Zoe não conseguiu tomar a sopa francesa de cebola.

— Você parece não estar com apetite — comentou Oscar, um brilho de conhecimento nos olhos, a voz gentil.

— Não... — Zoe respirou fundo e encontrou os olhos do pai diretamente. — A verdade, papai, é que estou grávida.

A expressão de Oscar não mudou.

— Alguém de Nova York? — Desconfiou.

Zoe acenou.

— Ele não... isto é, eu o amo, mas... Ele não está pronto para se envolver.

— Então é um idiota. — Fez uma pausa. — Quer criar o bebê sozinha? — Zoe acenou, e Oscar ergueu a taça. — Então vamos brindar a este precioso bebê.

E Zoe ergueu a taça também.

— Não vou aceitar um não como resposta.

Max cerrou os dentes, mas teve que sorrir, relutante, diante da feroz determinação de sua irmã Allison.

— Você terá que aceitar.

— Estou falando sério, Max, você tem se mantido separado de nós por tempo demais e não vou mais aceitar. Almoço amanhã ao meio-dia no Nobu. Esteja lá, ou o arrastarei, pelos cabelos desta monstruosidade moderna que chama de casa.

— Certo — estava cansado de lutar —, meio-dia.

Quando desligou o telefone, ficou espantado ao perceber que estava quase com vontade de ir. Fazia quatro agonizantes e lentas semanas que Zoe partira... Desde que ele a mandara embora.

Uma investigação discreta de seu assistente lhe informara que ela voltara para a Inglaterra. Ela realmente se fora... E era culpa dele. Pensara estar fazendo a coisa certa; no entanto, agora se descobria imaginando, desejando. Teria tido medo e usado a honra como justificativa? O pensamento era horrível, mas possível.

— Você está péssimo — disse Allison no dia seguinte, sentada diante dele no restaurante. Com 40 anos de idade, elegante e advogada de grande prestígio, só recentemente desistira de mandar nele. Max imaginou que podia ver o brilho de suas unhas pintadas e de seus cabelos, embora sua visão estivesse muito nublada.

— Eu me sinto péssimo — disse ele, surpreendido com a própria franqueza.

— Max, está tudo bem? Sei que o acidente o abalou...

Max respirou fundo; Zoe lhe ensinara pelo menos uma coisa: não podia viver com medo. Nem sozinho.

— Na verdade, fez mais do que isto — disse ele, e lhe contou sobre sua cegueira.

Depois Allison insistiu numa segunda garrafa de vinho.

— Preciso dele, mesmo se você não — disse ela.

— Acho que também preciso. — Depois que o vinho foi servido, ele acrescentou:

— E isto não é tudo, nem mesmo é o pior.

— O que mais pode haver?

— Conheci uma mulher.

— Isto parece bom, muito bom...

— Eu a mandei embora. — Não mencionou o bebê; sabia que o desprezo de Allison seria total.

— Por quê? — Não o deixou responder: — Não por causa de algum tipo idiota de senso de honra, devido à sua cegueira? Diga que não fez isto, Max.

—Alguma coisa assim. —Allison gemeu, e Max tentou sorrir. — Pareceu a coisa certa na ocasião, mas agora fico me perguntando... — Parou, a garganta seca. Imaginando o pior, imaginando se não teria jogado fora sua melhor... sua única... chance de felicidade.

— Onde ela está agora?

— Na Inglaterra.

Allison ficou em silêncio por um momento.

— Ela o ama?

— Sim.

— Então a única pergunta é: que diabos ainda está fazendo aqui?

Era um daqueles raros e perfeitos dias de verão, as rosas em plena floração ao longo do caminho de cascalho, o céu um azul profundo e puro. Zoe levava um tapete para o gramado, para tomar sol, um livro esquecido no colo. Sentia-se quase completamente feliz até se lembrar. Então sentia aquela fisgada de dor que a fazia compreender que sua felicidade era, na realidade, tão sem substância como o nevoeiro.

Já se passara um mês desde que vira Max pela última vez naquela praia escura e fria e ele a mandara embora. Olhando para o caminho longo e vazio, brilhando à luz do sol, Zoe percebeu que ainda tinha esperanças de que Max escreveria, telefonaria, *qualquer coisa*. Menos este silêncio total, não quando sabia que ele a amava, quando sabia que ela carregava seu bebê; seria mesmo tão determinado, tão *teimoso*?

Pensou em voltar a Nova York, encontrá-lo, exigir mais respostas. No entanto, já não lhe dera as respostas? Ela apenas não gostava delas.

Zoe fechou os olhos. Não era o orgulho que a impedia de voltar a Nova York; não tinha mais nenhum. Não era medo porque o pior já acontecera; era desespero. Estranho, como podia pensar que estava bem, que se sentia feliz e de repente se via mergulhada no desespero.

Zoe abriu os olhos e piscou; então piscou de novo. Havia uma figura em pé no fim

da trilha de cascalho. Apesar da esperança que nasceu, disse a si mesma que era improvável, impossível. Max Monroe não viria à Inglaterra para encontrá-la, e mesmo se viesse, não andaria pela trilha. Viria na sua maldita limusine.

No entanto, quem era? Zoe se levantou, o coração disparado. A figura se aproximava e havia alguma coisa maravilhosa sobre seus passos lentos e deliberados. Zoe deu alguns passos em direção à figura, a mão estendida como em súplica... E então parou.

Podia ver agora que era Max, e soube que esta era uma jornada que ele tinha que fazer sozinho. O caminho era cheio de obstáculos e estranho, amedrontador. Mas ele caminhava. Quando chegou perto o bastante para ela lhe ver o rosto, percebeu que estava sorrindo e deixou escapar um pequeno grito de alegria.

Max parou a poucos passos dela.

- Sinto cheiro de rosas.
- Elas estão abertas, por toda parte...
- Não, é água de rosas, é você.
- Na verdade, é meu xampu.
- Pensei que era.

Ficaram em silêncio, em pé, e Zoe sentiu as palavras crescerem dentro dela, prontas para sair. *Você veio e me encontrou, amo você.* Mas segurou-as e esperou que Max falasse.

- Desculpe por fazê-la sofrer tanto.

Ela riu, radiante.

- Desculpas aceitas.
- Não devia ser fácil assim.
- Eu lhe disse antes... Não precisa ser difícil.
- Suponho que é disto que tenho medo, de ser difícil demais... para mim.
- Estarei com você.
- Não quero fracassar, não quero falhar com você.
- Não vai, Max, porque você me ama. Podemos ser fortes juntos.

— Pensei que a tinha mandado embora para protegê-la, que estava fazendo a coisa honrada. Mas você estava certa, Zoe, era medo. Estava com medo, e ainda estou.

- Eu também estou, está tudo bem.

— Foi um inferno chegar aqui. — Sorriu, debochando de si mesmo. — Fiz o caminho mais difícil, para me testar. O metrô, O aeroporto, então o ônibus para a aldeia Balfour. Andei o resto do caminho.

Ela riu, incrédula.

— Você realmente gosta de se castigar. Poderia pelo menos ter pegado um táxi para o aeroporto.

Ele riu e, de repente, maravilhosamente, tomou-a nos braços, mergulhou o rosto nos cabelos dela. Os braços de Zoe o enlaçaram, adorando a força familiar.

— Lamento tanto — sussurrou contra os cabelos dela, os lábios pressionados em sua testa —, lamento tanto.

E Zoe soube que lamentava... Tudo, tê-la mandado embora, tê-la tratado mal

depois da noite que passaram juntos, ter lhe dito em seu escritório que não poderia se envolver na vida do bebê deles. Mesmo antes disso, os erros que achara que cometera dezenove anos antes, os erros cujas repercussões podiam ser sentidas até agora.

— Perdoo você, Max, eu o perdoo e o amo.

Então se afastou, as mãos lhe empalmando o rosto, olhando profundamente naqueles olhos de um cinza tão escuro. Ele a olhou de volta e Zoe soube que podia vê-la. Talvez não com os olhos, mas com o coração. Ela o beijou então, docemente, profundamente, transmitindo toda a esperança e o amor e a felicidade que sentia, querendo que os sentisse também. E quando ele a beijou de volta, ela soube que ele sentia... e mais.

Finalmente se separaram e, sorrindo, Zoe pegou a mão do Max.

— Entre e conheça meu pai.

Fim